

COMPLEXO TURÍSTICO



Bruno Morette Pizutti

Orientadora: Dra. Diana Carolina Jesus de Paula



CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO DE DIPLOMAÇÃO EM ARQUITETURA, URBANISMO E PAISAGISMO

COMPLEXO TURÍSTICO RIO DA CASCA

BRUNO MORETTE PIZUTTI

Monografia apresentada ao curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Várzea Grande (MT), como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Arquitetura e Urbanismo.
Orientadora: Prof. Dra. Diana Carolina Jesus de Paula

Várzea Grande (MT), junho de 2023.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus amigos que estiveram comigo e me ajudaram a crescer durante esta caminhada, que me motivaram e vivenciaram comigo o curso de arquitetura e urbanismo, aos meus familiares, que deram apoio e oportunidades para alcançar meus objetivos e me ajudaram a continuar seguindo em frente, e a minha orientadora, que guiou a mim com dedicação ao longo do trabalho de conclusão de curso, sanando minhas dúvidas, compartilhando seus conhecimentos e ajudando a resolver os inúmeros problemas encontrados no caminho.

RESUMO

O turismo é um setor bastante amplo e capaz de trazer desenvolvimento social e econômico a uma região se seu potencial for bem aproveitado, sendo cada vez mais comum no mundo o desenvolvimento sustentável, foram surgindo práticas que serviram como base para o desenvolvimento deste trabalho.

O objetivo do projeto é criar um complexo que atenda às necessidades dos visitantes, ao mesmo tempo em que promove o desenvolvimento socioeconômico da comunidade local de forma sustentável, por meio do uso de técnicas construtivas de menor impacto ambiental, preservação e integração com a paisagem natural e valorização da cultura local.

Para tal tipologia de projeto existem condicionantes específicas que precisaram ser estudadas, principalmente as que tratam de áreas de preservação, sendo necessário o estudo de projetos similares com o objetivo de encontrar as melhores estratégias e possibilidades para um complexo turístico em Chapada dos Guimarães, visando trazer diversas atividades e atingir um público-alvo bastante amplo para que o complexo possa servir como apoio ao setor turístico, trazendo desenvolvimento e melhoria na qualidade de vida dos habitantes de toda a Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá.

PALAVRA-CHAVE: ARQUITETURA E URBANISMO; ECOTURISMO;
CHAPADA DOS GUIMARÃES; TURISMO SUSTENTÁVEL;
TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA



SUMÁRIO

1	TEMA	11
	1.1 Justificativa	11
	1.2 Objetivos	13
	1.2.1 Objetivo geral	13
	1.2.2 Objetivos específicos	13
	1.3 Problema	14
	1.4 Metodologia	16

RESUMO	04
LISTA DE FIGURAS	07
ABREVIATURAS	09
LISTA DE TABELAS	09
INTRODUÇÃO	10

2	REF. TEÓRICO	17
	2.1 Contextualização histórica	17
	2.1.1 Complexo turístico	17
	2.1.2 Tipologias de complexo turístico	18
	2.1.3 Complexos turísticos em áreas de preservação ambiental	20
	2.2 Funções e usos	23
	2.3 Benefícios sociais	24
	2.4 Benefícios ambientais	25

3	COND. LEGAIS	26
	3.1 Legislação internacional	26
	3.2 Legislação nacional	28
	3.3 Legislação regional	29

4	REF. PROJETOAIS	31
	4.1 Referências nacionais	31
	4.1.1 Parque do Caracol	31
	4.1.2 Resort Makenna	34
	4.1.3 Refúgio Cheiro de Mato	36
	4.2 Referências internacionais	38
	4.2.1 Rio Perdido	38
	4.2.2 Jae Jiwa	41
	4.2.3 Torok Hill Resort	43
	4.3 Análise das referências	45

5 COND. DE PROJETO 46

5.1 Aspectos urbanos	47
5.1.1 Terreno	47
5.1.2 Justificativa	48
5.1.3 Entorno	49
5.1.4 Uso do solo	50
5.2 Infraestrutura existente	51
5.2.1 Iluminação e energia	51
5.2.2 Saneamento	52
5.2.3 Vias	53
5.3 Vegetação existente	54
5.4 Topografia	55
5.5 Clima	56
5.5.1 Temperatura do ar	56
5.5.2 Ventos	56
5.5.3 Umidade	56
5.5.4 Orientação solar	57

6 PROPOSTA PROJETUAL

6.1 Público-alvo	58
6.2 Programa de necessidades	58
6.3 Fluxograma geral	59
6.3.1 Lobby/ADM	60
6.3.2 Doca/apoio	60

58

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

6.3.3 Espaço lazer	61
6.3.4 Restaurante mirante	62
6.3.5 Lazer interno	63
6.4 Pré-dimensionamento	64
6.5 Diretrizes de projeto	65
6.5.1 Implantação	66
6.5.2 Lobby/administração	68
6.5.3 Doca/apoio	70
6.5.4 Espaço lazer	72
6.5.5 Restaurante mirante	76
6.5.6 Tirolesa	79
6.5.7 Arvorismo	81
6.5.8 Paintball	82
6.5.9 Trilhas	83
6.5.10 Concha acústica/museu	84
6.5.11 Bangalôs	88
6.5.12 Lazer interno	92
6.5.13 Carrinhos de golfe	95
6.5.14 Lojas	96

97

REFERÊNCIAS

98

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa do geoparque Chapada dos Guimarães	12
Figura 2: Casa de banho romana	17
Figura 3: Hotel vitoriano	17
Figura 4: Resort moderno	17
Figura 5: Taiba Resort	18
Figura 6: Walt Disney World	18
Figura 7: Complexo Tarundu	19
Figura 8: Hotel das Cataratas	19
Figura 9: Restaurante Porto Canoas	21
Figura 10: Mirante	21
Figura 11: Mapa turístico	32
Figura 12: Bonde aéreo	32
Figura 13: Observatório ecológico	32
Figura 14: Estação de tremzinho	33
Figura 15: Interior do Parque do Caracol	33
Figura 16: Skyglass	33
Figura 17: Vista externa dos bangalôs	34
Figura 18: Vista interna do bangalô	34
Figura 19: Área de lazer	34
Figura 20: Implantação do Resort Makenna	35
Figura 21: Piscina	36
Figura 22: Vila	36
Figura 23: Área de estar	36
Figura 24: Mata Atlântica	36
Figura 25: Estar ao ar livre	37
Figura 26: Trilha em área preservada	37

Figura 27: Bangalô	39
Figura 28: Implantação do Complexo Turístico Rio Perdido	39
Figura 29: Corte	40
Figura 30: Interior do bangalô	40
Figura 31: Vista externa	41
Figura 32: Vista do entorno	41
Figura 33: Espaço de lazer na sacada	41
Figura 34: Acesso bangalô	42
Figura 35: Perspectiva externa	43
Figura 36: Perspectiva interna	43
Figura 37: Piscina com borda infinita	44
Figura 38: Localização no Brasil, no estado de Mato Grosso e no Município de Chapada dos Guimarães	46
Figura 39: Localização do terreno	47
Figura 40: Cachoeira da Martinha	48
Figura 41: Frente do terreno	48
Figura 42: Turistas	48
Figura 43: Testada do terreno via street view	51
Figura 44: Via do terreno	53
Figura 45: Cerrado	54
Figura 46: Árvore do Cerrado	54
Figura 47: Levantamento de vegetação existente no terreno	54
Figura 48: Hipsometria Chapada dos Guimarães	55
Figura 49: Topografia e declividade do terreno	55
Figura 50: Temperaturas mínimas e máximas	56
Figura 51: Velocidade dos Ventos	56

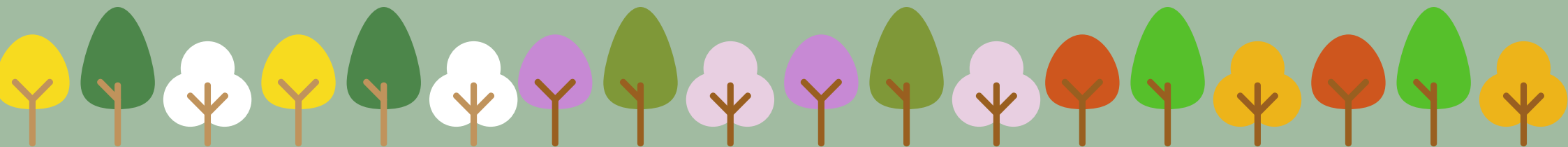
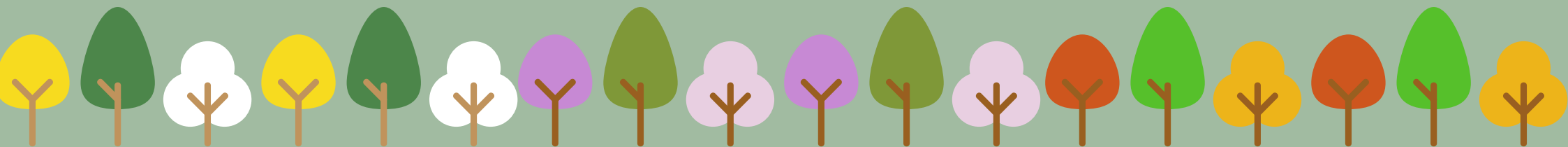


Figura 52: Rosa dos Ventos	56	Figura 83: Perspectiva arborismo	81
Figura 53: Conforto e umidade ao longo do ano	56	Figura 84: Perspectiva paintball	82
Figura 54: Estudo solar	57	Figura 85: Vista aérea paintball	82
Figura 55: Curvas de nível do terreno	57	Figura 86: Layout guarita	83
Figura 56: Implantação geral	66	Figura 87: Setorização	85
Figura 57: Implantação paisagística	67	Figura 88: Vista aérea concha/museu	86
Figura 58: Intervenções paisagismo	67	Figura 89: Perspectiva concha/museu	86
Figura 59: Setorização lobby/adm	68	Figura 90: Vista aérea 2 concha/museu	86
Figura 60: Layout lobby/adm	69	Figura 91: Perspectiva 2 concha/museu	87
Figura 61: Lobby	69	Figura 92: Perspectiva noturna concha/museu	87
Figura 62: Entrada do lobby	69	Figura 93: Perspectiva bangalôs	88
Figura 63: Setorização Doca/apoio	70	Figura 94: Perspectiva vila azul	88
Figura 64: Layout Doca/apoio	71	Figura 95: Perspectiva vila amarela	88
Figura 65: Vista aérea Doca/apoio	71	Figura 96: Layouts bangalô 1	89
Figura 66: Vista aérea Lazer externo	73	Figura 97: Vista aérea bangalô 1	89
Figura 67: Setorização lazer externo	73	Figura 98: Perspectiva bangalô 1	89
Figura 68: Acesso lazer externo	73	Figura 99: Perspectiva bangalô 2	90
Figura 69: layout lazer externo	74	Figura 100: Vista aérea bangalô 2	90
Figura 70: Rio lazer externo	75	Figura 101: Layout bangalô 2	90
Figura 71: Lounge lazer externo	75	Figura 102: Perspectiva bangalô 3	91
Figura 72: Brises	75	Figura 103: Vista aérea bangalô 3	91
Figura 73: Rampa	75	Figura 104: Layout bangalô 3	91
Figura 74: Setorização mirante	77	Figura 105: Setorização lazer interno	93
Figura 75: Salão maior	77	Figura 106: Perspectiva lazer interno	93
Figura 76: Salão com palco	77	Figura 107: Perspectiva 2 lazer interno	93
Figura 77: Layout mirante	78	Figura 108: Layout lazer interno	94
Figura 78: Vista aérea mirante	78	Figura 109: Vista aérea lazer interno	94
Figura 79: Perspectiva mirante	78	Figura 110: Vista aérea 2 lazer interno	94
Figura 80: Fachada tirolesa	79	Figura 111: Layout loja	96
Figura 81: Planta baixa tirolesa	79		
Figura 82: Vista aérea tirolesa	80		



ABREVIATURAS

ABNT: Associação Brasileira de Normas Técnicas

ADM: Administração

APP: Área de Preservação Permanente

DML: Depósito de material de limpeza

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ONU: Organização das Nações Unidas

ODS: Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

PGM: Padrão Geométrico Mínimo

WTTC: World Travel & Tourism Council (Conselho Mundial de Viagens e Turismo)

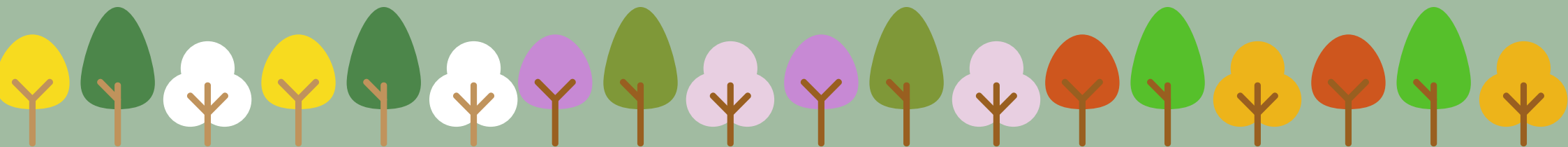
OMT: Organização Mundial do Turismo

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Análise de referências 45

Tabela 2 – Índices Urbanísticos 50

Tabela 3 – Pré-dimensionamento 64



INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como proposta um Complexo Turístico em Chapada dos Guimarães, em uma região do Centro Oeste onde há muitos locais estratégicos, propícios a implantação de um complexo, que poderia servir como polo turístico, fomentando o setor e fortalecendo a economia local, possibilitando que mais pessoas possam usufruir desse espaço, beneficiando principalmente os habitantes da região no que tange o lazer e o bem estar, além de servir como espaço de educação ambiental.

A região da Chapada dos Guimarães possui diversas atrações turísticas, localização estratégica, paisagens naturais exuberantes e fluxo contínuo de visitantes, mas é incapaz de atender à demanda de turistas por falta de infraestrutura e locais que acolham os visitantes, justificando a implantação de um complexo turístico que ofereça os serviços que estão em falta na região, como o de hotelaria, e que traga também novas atividades, com o objetivo de impulsionar o setor turístico na região.

O trabalho se desenvolve através da abordagem do tema, que explica de maneira direta as justificativas, os objetivos e a problemática abordada, seguindo para a metodologia, aonde é descrito todo o processo metodológico do desenvolvimento do trabalho, em seguida é feito o referencial teórico, que aborda a contextualização do tema, funções e usos, benefícios sociais e benefícios ambientais, onde cada tópico fora embasado cientificamente, seguidamente foi feito o levantamento das condicionantes legais, que divide-se em internacionais, nacionais e regionais, também foi realizado a análise de projetos de referências, que serviram de base para o desenvolvimento do trabalho, e por fim é apresentado o projeto de complexo turístico desenvolvido.



1 TEMA

Desenvolvimento de Projetos Urbanísticos

Tema: Arquitetura de Lazer
Sub-tema: Complexo turístico
Local: Chapada dos Guimarães-MT

1.1 JUSTIFICATIVA

A região do vale do Rio Cuiabá possui um grande número de atrativos turísticos, segundo Governo do Estado de Mato Grosso (2001) os municípios de Cuiabá, Chapada dos Guimarães e Santo Antônio do Leverger somam cerca de 29% das atrações do estado do Mato Grosso, que abrangem tanto atrativos naturais quanto culturais, com a Chapada dos Guimarães sendo o local de maior procura para atividades de ecoturismo devido a suas formações geográficas e à grande quantidade de atividades do tipo.



O estado do Mato Grosso possui grande fluxo de turismo, com concentração na região da Chapada dos Guimarães, que chegou a ter mais de 180 mil visitantes anuais antes da pandemia de Covid-19, gerando mais de 140 mil empregos formais e 17 mil informais (SEDEC, 2022), nesse contexto o estado reconhece a importância econômica do turismo, como dito em entrevista à JB News (2021): “O turismo consegue fazer a economia girar rapidamente, ajudando a aquecer outros setores como o comércio e a indústria.”, também mencionando que o Mato Grosso possui inúmeras belezas naturais e se destaca pela preservação destas, mas carece de hotéis e infraestrutura.

A região metropolitana do vale do Rio Cuiabá possui diversas atrações com potencial, principalmente para ecoturismo, com a Chapada dos Guimarães possuindo diversos locais de recreio e turismo como cachoeiras e mirantes (Figura 1), bem como a localização privilegiada a 64 km da cidade de Cuiabá, portanto a região se beneficiaria de um complexo turístico que aproveitasse o patrimônio natural de maneira sustentável, criando novas atrações e atendendo à demanda por serviços de hotelaria gerado pelo Festival de Inverno e outras atividades turísticas, podendo trazer benefícios a economia local nos setores que dependem do turismo.



Diversas atrações turísticas



Paisagens naturais

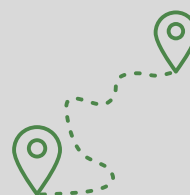
Um Complexo turístico é caracterizado por oferecer uma variedade de serviços e instalações em um único local, localizados em áreas turísticas ou de belezas naturais, possuindo uma vasta gama de atividades de lazer e diversas opções de hospedagem, visando oferecer aos turistas a melhor experiência possível no complexo.



Destino turístico de municípios próximos



Possibilidade de desenvolvimento do setor turístico



64km de distância da capital do estado

Na Chapada dos Guimarães é possível para um complexo turístico, abranger várias atividades de diversos nichos, usufruindo do potencial turístico da região e atendendo um público amplo, maximizando a atratividade da região e servindo como catalizador para o turismo, capaz de impulsionar outras atividades semelhantes, e servir como local de lazer para a população dos municípios nas mediações.



Figura 1: Mapa do Geoparque Chapada dos Guimarães
Fonte: Geopark chapada dos guimarães, 2023



1.2 OBJETIVOS

1.2.1 OBJETIVO GERAL

Desenvolver projeto arquitetônico de complexo turístico no município de Chapada Dos Guimarães, MT.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1

Levantar como são e como funcionam as estruturas voltadas ao turismo

2

Pesquisar a evolução dos complexos turísticos em unidades de conservação e parques nacionais

3

Analisar condicionantes legais

4

Avaliar projetos de referência

5

Elaboração de projeto arquitetônico do complexo turístico

1.3 PROBLEMA



20% ao ano

Crescimento
médio do
ecoturismo



0,6% do PIB
do estado

Participação
abaixo da
média nacional

No Brasil, segundo estudo produzido pelo WTTC em 2021, o turismo corresponde a cerca de 3,3% do PIB, enquanto que no Mato Grosso esse setor representa apenas 0,6% do PIB do estado (IBGE, 2021), indicando que a participação do turismo é menor que a média nacional apesar de possuir grande potencial, principalmente de ecoturismo, setor este que cresce em média 20% ao ano segundo dados da OMT.

Apesar da grande importância do setor turístico, muitas atrações carecem de infraestrutura e tem difícil acesso, limitando seu alcance aos habitantes locais e pessoas acostumadas com trilhas e outros tipos de turismo que não demandam muita infraestrutura, deixando de atrair turistas, benefícios econômicos, bem estar para os habitantes da região, que em um cenário pós pandemia procuram retomar às atividades de lazer optando por locais abertos e em contato com a natureza (SANCHO-PIVOTO & RAIMUNDO, 2022), o que tem levado os setores de turismo voltados à esse nicho a terem uma retomada mais acelerada que os demais.



20 mil visitantes por dia

Durante o Festival
de Inverno



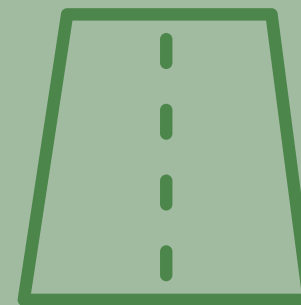
Demanda maior que
oferta

No setor hoteleiro

Além dos benefícios que o contato com a natureza proporciona à saúde e qualidade de vida das pessoas (LEMIEUX et al, 2012, p. 71-85), os serviços hoteleiros no município de Chapada dos Guimarães não suprem a demanda em alta temporada, como acontece durante o Festival de Inverno, onde cerca de 20 mil pessoas visitam a cidade por dia, neste caso aumentar a capacidade hoteleira da cidade se traduziria também em maior apoio ao turismo de base comunitária baseado no festival.

A região da Chapada dos Guimarães, segundo o Governo no Estado do Mato Grosso (2001), é uma concentração de atividades turísticas aonde muitos habitantes da Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá se reúnem durante todo o ano devido a presença de várias atividades e pontos turísticos na região, sendo assim, possui um alto fluxo de pessoas ao longo do ano, no entanto em alguns locais pode se observar a falta de infraestrutura, que conseqüentemente os torna menos conhecidos e atrativos para os turistas, deixando de aproveitar um potencial enorme devido a sua localização, que poderia impulsionar ainda mais o setor turístico e trazer desenvolvimento para a região (HALL E PAGE, 2014; BENI, 2011).

Nesse contexto, diante do vasto potencial da região da Chapada dos Guimarães, um patrimônio natural bem preservado e localizado dentre várias atrações turísticas, capaz de beneficiar o setor do turismo, as pessoas que dele dependem e melhorar a qualidade de vida e lazer dos habitantes, o que pode ser feito para aproveitar ao máximo estas possibilidades conciliando a preservação ambiental e o desenvolvimento econômico e social?

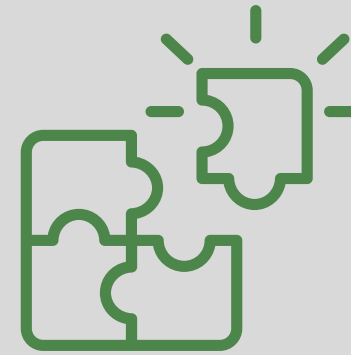


Infraestrutura
precária



Potencial não
aproveitado

1.4 METODOLOGIA



O presente trabalho adotou o método de abordagem qualitativa, quanto aos fins, a pesquisa é exploratória, que conforme Gil (1999), é dedicada a proporcionar uma visão geral acerca de um tema pouco explorado, seguindo estes processos o trabalho fundamenta seu desenvolvimento em bases científicas e dados confiáveis para levantar informações sobre o tema, sua contextualização histórica, as dinâmicas presentes e os principais problemas, para que seja elaborada uma solução que atenda às necessidades encontradas.

“A pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números.” (SILVA & MENEZES, 2000, p.20)

O trabalho de pesquisa parte da fundamentação teórica baseada em dados, que segundo Strauss & Corbin (1990) agrega diferentes estudos acerca do caso abordado, usando artigos científicos, jornais e livros para contextualizar a história do turismo e dos complexos turísticos, bem como a relação destes com o meio ambiente e a preservação, elencando os possíveis usos que um complexo turístico pode ter para os habitantes locais e estrangeiros, seu impacto e possíveis benefícios sociais e ambientais, com base no estudo de casos similares e obras que abordam o mesmo tema.

Para entender as restrições que tangem o desenvolvimento de uma solução é feito o levantamento de condicionantes legais nas esferas internacional, nacional e regional, observando normas e agendas que abordam o tema.

Também foi feito o estudo de referências, onde projetos de partido similar são analisados para que o desenvolvimento do projeto siga estratégias eficazes e a solução compreenda os problemas inerentes a um complexo turístico de maneira mais holística possível.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

2.1.1 COMPLEXO TURÍSTICO

O termo “complexo turístico” designa um conjunto de instalações e equipamentos reunidos em uma área restrita, que proporcionam hospedagem e recreio, para Rejowski (2002) o conceito origina-se das primeiras tipologias de construções destinadas a providenciar lazer e recreio aos usuários, com vestígios do passado mostrando que desde o império romano já haviam tais tipos de atividades, como as casas de banho romanas mostrada na Figura 2.

Lickorish e Jenkins (2000) acrescenta que durante a revolução industrial no século XIX, através da difusão de ferrovias e do surgimento da “indústria de viagens”, os hotéis (Figura 3) se espalharam cada vez mais, até que surgiu uma nova tipologia: resorts (Figura 4); que funcionam como hotéis que dispõem de diferentes espaços de lazer, como spa, piscinas, dentre outros (CISNE e GASTAL, 2010).

Por ser uma estrutura com várias instalações que depende de um grande fluxo de pessoas, sendo muitas vezes de visitantes de outras regiões, a infraestrutura de qualidade é importante para que um complexo seja viável, incluindo saneamento, energia elétrica, ruas acessíveis e bem sinalizadas, possibilitando que o complexo atraia e satisfaça mais turistas (BENI, 2011).

Figura 2: Casa de banho romana
Fonte: Canva, 2023



Figura 3: Hotel vitoriano
Fonte: Trabalhos nc, 2013



Figura 4: Resort moderno
Fonte: Canva, 2023

As estruturas voltadas ao turismo tem programa variado, conforme a localização e o tipo de experiência que se busca trazer ao usuário, sendo mais comum dispor de atividades de lazer e serviços de hospedagem, utilizando da paisagem natural, que segundo Hall e Page (2014) é um dos recursos turísticos que mais valoriza um local.

Complexos turísticos também podem abranger mais de um tipo de turismo, com estruturas que dão acesso a atrações turísticas próximas, centros de turismo cultural, gastronômico, de eventos, ou até turismo de aventura, podendo basicamente servir como um polo para o turismo local, aproveitando uma atratividade para desenvolver o turismo em uma região (BENI, 2011).

2.1.2 TIPOLOGIAS DE COMPLEXO TURÍSTICO

Dentre as tipologias mais difundidas de complexo turístico, estão o resort e o parque temático, como os exemplos mostrados na Figura 5 e Figura 6, respectivamente, ambos os complexos possuem partido arquitetônico bastante distinto por abrangerem diferentes tipos de turismo, pois o público-alvo determina os tipos de atividades que um complexo contemplará e até mesmo o estilo arquitetônico mais adequado. (COHEN, 1974).



Figura 5: Taiba Resort
Fonte: Carmel Hoteis, 2023



Figura 6: Walt Disney World
Fonte: Viagem e turismo, 2019

Com o passar do tempo o turismo alcançou mais países e a forma como as estruturas voltadas ao turismo funcionam evoluíram, tanto pelo surgimento de novos tipos de turismo, como o ecoturismo e o turismo cultural, como pela crescente preocupação e conscientização global com o meio ambiente, que ganharam força na década de 1970 e 1980 com marcos como o relatório de Brundtland, de 1983, e a Conferência de Estocolmo, de 1972, que trouxeram um imprescindível avanço no que tange a legislação ambiental e a conscientização, trazendo uma evolução na tendência como os complexos turísticos em unidades de conservação tratam a natureza (CISNE e GASTAL, 2010 e LICKORISH e JENKINS, 2000).



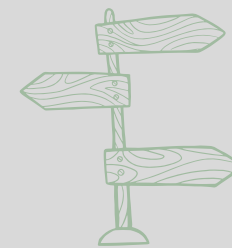
Figura 7: Complexo Tarundu
Fonte: Malas e malinhas, 2017



Figura 8: Hotel das Cataratas
Fonte: Viajar pelo mundo, 2019



Para Rejowski (2002), as emergentes discussões acerca do meio ambiente e da sustentabilidade são o que ocasionaram uma nova fase no turismo, marcada principalmente pelo uso da natureza de maneira mais conservacionista, a ideia de necessidade de preservar o meio ambiente atingiu tanto ao turista, quanto ao profissional que projeta os espaços de lazer, levando assim a uma disseminação dos princípios de sustentabilidade e uma tendência a procura por turismo sustentável, e consequentemente complexos que atendem a isso, como os exemplos da Figura 7 e Figura 8, onde a natureza é preservada e usada como palco para atividades ou contemplação de maneira não invasiva.



2.1.3 COMPLEXOS TURÍSTICOS EM ÁREAS DE PRESERVAÇÃO AMBIENTAL

Os complexos turísticos em locais de preservação começaram a tirar partido de sua localização de maneira mais responsável e planejada, considerando que quaisquer atividades ou projetos que envolvam turismo ou complexo turístico, podem causar tanto um impacto positivo quanto negativo (KREAG, 2001).

Contudo, o turismo em áreas de conservação se mostrou benéfico para esta, trazendo cada vez mais complexos turísticos em áreas de preservação como meio de ajudar na proteção do meio ambiente, tendo em vista os benefícios que estes trazem para a preservação e manutenção destas áreas, o Instituto Semeia (2015, p. 2) constata que:

Um estudo acadêmico feito em parques nacionais no Brasil e nos Estados Unidos (EUA) buscou avaliar as estratégias de gestão e o efeito do uso público em parques nesses dois países. Os resultados indicam que em 92% dos parques a biodiversidade e os recursos naturais estão sendo mantidos com o turismo praticado atualmente. A análise mostra ainda que o uso público contribui para a educação ambiental dos visitantes. Entre os gestores entrevistados, 75% enxergam o turismo como elemento importante para a operação e manutenção dos parques nacionais. Nota-se também que a visitação nesses espaços ajuda na diminuição de atividades ilegais dentro dos parques, como caça, desmatamento e incêndios.

O turismo em áreas naturais pode fornecer incentivos econômicos para a proteção ambiental e servir como uma ferramenta eficaz para educar as pessoas sobre a importância da conservação, promovendo a conscientização ambiental ao sensibilizar os turistas para as questões ambientais, criando um vínculo emocional com a natureza e incentivando ações de preservação. (FENNELL, 2001 e BUCKLEY, 2004)

Nesse contexto, a política conservacionista adotada em áreas de preservação não contrapõe as atividades turísticas, visto que essas são capazes de trazer benefícios para os parques, contanto que sejam implementadas atividades de baixo impacto ambiental, adotando práticas como o turismo sustentável e ecoturismo, levando assim a uma crescente tendência ao desenvolvimento de complexos em áreas de preservação, como o exemplo das Figuras 9 e 10, onde mostra o Parque Nacional do Iguaçu, que dispõe de um centro de recepção que controla o número de visitantes e os direciona para as diversas atrações dentro do parque, como passeio de barco, trilhas, restaurante e o mirante para as Cataratas do Iguaçu.



Figura 10: Mirante em Foz do Iguaçu
Fonte: O globo, 2020

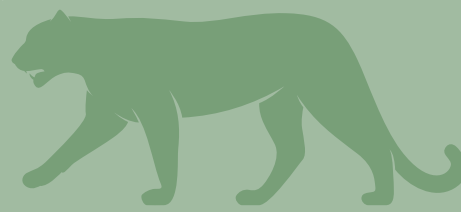


Figura 9: Restaurante Porto Canoas, Parque Nacional do Iguaçu
Fonte: Loumar Turismo, 2023

Eagles (2002) destaca que a presença de um complexo turístico em uma unidade de conservação pode ajudar a financiar atividades de conservação, como pesquisa científica e monitoramento de espécies ameaçadas. Além disso, o turismo pode gerar recursos para melhorias nas infraestruturas locais, como estradas e saneamento básico, que também beneficiam as comunidades locais.

Não obstante, uma crescente preocupação com a saúde das pessoas que moram em centros urbanos tem surgido, gerando assim uma tendência, principalmente na arquitetura, de planejar espaços pensados no ser humano e suas necessidades biológicas, buscando meios de reconectar as pessoas à natureza (LEMIEUX et al, 2012, p. 71-85; SANCHO-PIVOTO, 2022).

Portanto, um complexo turístico deve ser desenvolvido levando em consideração os impactos ambientais e sociais que o mesmo irá gerar, bem como contribuir para a preservação da natureza e educação da população neste âmbito, com isso surgem maneiras alternativas de se implementar uma atividade turística com baixo impacto ambiental, bem como formas de se integrar as atividades humanas com espaços naturais, moldando o conceito como o turismo sustentável, ecoturismo e complexo turístico sustentável.



2.2 FUNÇÕES E USOS

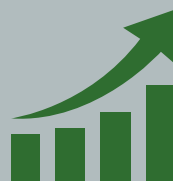


Trazer novas atividades

Um complexo turístico pode abranger diversas funções conforme a demanda e disponibilidade de atividades, neste caso foi proposto um serviço de hotelaria com bangalôs, spa, restaurante, museu, tirolesa, trilhas pela natureza e cachoeiras nas proximidades, fornecendo assim uma infraestrutura adequada a estes locais e também um entreposto para os visitantes de atividades no entorno que possuam visitação frequente, beneficiando indiretamente estas, auxiliando no seu desenvolvimento (COHEN, 1974).



Suprir a demanda do setor hoteleiro



Trazer desenvolvimento e infraestrutura à região

O serviço de hotelaria deve funcionar como âncora para outras atividades de recreio, como restaurante, spa e piscina; integrando os equipamentos com a geografia e vegetação local, que servem como espaços de contemplação e contato com a natureza, além do apoio logístico a ônibus e traslados também possibilitam que o local seja ponto de parada ou destino de agência de viagens, trazendo possivelmente melhorias para a infraestrutura dos pontos turísticos adjacentes por meio dos recursos que o complexo traria para as atividades no entorno (FENNELL, 2001).

2.3 BENEFÍCIOS SOCIAIS

Os benefícios que um complexo turístico pode trazer à sociedade envolvem a melhoria da qualidade de vida das pessoas por meio do contato com a natureza, que segundo Sancho-Pivoto e Raimundo (2022), pode trazer uma melhoria no bem estar, além ter ocorrido um aumento na procura no cenário pós-pandêmico.

Lemieux et al (2012, p. 71-85) observa que áreas de preservação são bastante procuradas por visitantes, principalmente por aqueles que buscam bem-estar e saúde e experiências positivas, sendo estas áreas consideradas importantes para o desenvolvimento de infantil, portanto, vê-se nas áreas de preservação a oportunidade de criar espaços que permitam que mais pessoas possam usufruir destes privilégios, tanto visitantes estrangeiros quanto locais.

Por conseguinte, os benefícios que este trabalho almeja alcançar consistem na melhora do bem-estar e saúde mental das pessoas, principalmente das que moram em regiões bastante urbanizadas, como ocorre na cidade de Cuiabá, promovendo uma melhoria na qualidade de vida dos habitantes da região metropolitana do vale do Rio Cuiabá que irão utilizar o complexo turístico.



2.4 BENEFÍCIOS AMBIENTAIS

A proposta deste trabalho traz benefícios ao meio ambiente no âmbito da educação e conscientização com relação a preservação ambiental, mediante a criação de um espaço que respeite a natureza em seu entorno, consequentemente incentivando outras atividades na região a tomar a mesma iniciativa, seguindo a crescente tendência da arquitetura sustentável.

Segundo dados do Instituto Semeia (2015, p. 2) as áreas de conservação e parques nacionais se beneficiam das atividades turísticas em diversos aspectos, desde a redução de atividades ilegais nos locais, ajuda na preservação de fauna e flora nativa, até na conscientização e educação dos visitantes com relação a preservação ambiental, com os benefícios econômicos das atividades turísticas servindo também como apoio financeiro ao parque nacional, contribuindo para a conservação deste em um longo prazo (EAGLES, 2002).

Portanto, a proposta visa consolidar um espaço que respeite o meio ambiente ao ocupar poucas áreas e implantar edificações com baixo impacto na topografia e vegetação existente, integrando os caminhos e equipamentos com a natureza e criando espaços com paisagismo e arborização em áreas originalmente desprovidas de vegetação, melhorando assim a qualidade e conforto ambiental, auxiliando também na conservação por meio do controle do acesso a áreas de preservação.



3 CONDICIONANTES LEGAIS

Neste capítulo serão apresentadas as normas e legislações que orientaram o presente Trabalho de Diplomação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo (TDAUP), visando salientar as normas que estão atualmente em vigor no mundo e no Brasil. Portanto, este trabalho apresenta condicionantes normativas, que serão embasadas em leis e acordos internacionais, nacionais e municipais.



3.1 LEGISLAÇÃO INTERNACIONAL

Na esfera internacional existe uma série de acordos que foram estabelecidos ao longo das décadas, com a primeira grande reunião internacional sendo realizada em Estocolmo em julho de 1972, conhecida como Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento e Meio Ambiente Humano, que foi fundamental para impulsionar a prioridade da questão ambiental e para que novos acordos internacionais viessem ocorrer posteriormente.

A Conferência de Estocolmo afirma que “Os recursos naturais da terra incluídos o ar, a água, a terra, a flora e a fauna e especialmente amostras representativas dos ecossistemas naturais devem ser preservados em benefício das gerações presentes e futuras, mediante uma cuidadosa planificação ou ordenamento.” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1972)

No mesmo ano de 1972 foi realizada a Convenção Para a Proteção Do Património Mundial, Cultural e Natural, também conhecida como Recomendação de Paris, que estabelece os meios pelos quais a comunidade internacional deve cooperar para gerir e conservar o património cultural e nacional, incentivando a listagem destes por todos os países, criando também o Comité do Património Mundial, responsável pela gestão da assistência internacional, visando a inclusão de todos os países no âmbito da preservação.

É estabelecido na Recomendação de Paris, que “Os Estados-parte na presente Convenção deverão estabelecer ou promover a criação de fundações ou de associações nacionais, públicas e privadas, cujo objetivo seja o encorajamento da proteção do património cultural e natural, conforme definido pelos artigos 1.º e 2.º da presente Convenção.” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1972)



Em 2015 foi estabelecido entre os 193 países membros da ONU a Agenda Pós-2015, que visa atingir até o ano de 2030 os 17 ODS, que são objetivos ambiciosos que promovem um futuro sustentável em diversas áreas, estabelecendo metas que guiam os países para esta realidade, sendo utilizados para o desenvolvimento deste trabalho os ODS 3, 11 e 15 como parâmetros.



O ODS 3 aborda a garantia da qualidade de vida, saúde e bem-estar para todos, enquanto que o 11º visa tornar as cidades e comunidades mais sustentáveis, por fim, o 15º ODS trata de “proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da terra e deter a perda de biodiversidade.” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2015).



3.2 LEGISLAÇÃO NACIONAL

No âmbito nacional, é utilizada a Lei Nº 12.651/12, também conhecida como novo código Florestal, responsável por normas de proteção de APPs, preservação de vegetação e estabelecimento de usos restritos, que garante que determinadas áreas possam ser utilizadas, mesmo que de forma bastante limitada, para atividades específicas, o novo Código Florestal prevê que a fauna, flora e nascentes de rios situadas em áreas de preservação sejam mantidas por quem é proprietário da área, sendo possível interferir em casos julgados como de interesse social ou baixo impacto ambiental (BRASIL, 2012).



A Lei nº 11.771 de 2008, conhecida como Lei Geral do Turismo, aborda o direcionamento do país com relação ao turismo, elaborando o Plano Nacional do Turismo, que dentre outros objetivos, visa “propiciar a prática de turismo sustentável nas áreas naturais, promovendo a atividade como veículo de educação e interpretação ambiental e incentivando a adoção de condutas e práticas de mínimo impacto compatíveis com a conservação do meio ambiente natural” (BRASIL, 2008).

A Lei nº 6.938 de 1981, também chamada de Política Nacional do Meio ambiente, aborda questões importantes no que tange o o uso de recursos naturais, degradação, qualidade ambiental e fiscalização, servindo de instrumento para o delicado equilíbrio entre desenvolvimento econômico-social e a preservação do meio ambiente, dispondo também de instrumentos de importância fundamental para a preservação, como o licenciamento ambiental, que é necessário principalmente para o desenvolvimento em áreas de conservação.

A Política Nacional de Recursos Hídricos, estabelecida pela Lei nº 9.433 de 1997, estabelece as diretrizes a serem seguidas no que concerne os corpos hídricos presentes no desenvolvimento deste trabalho, a lei estabelece que devido ao seu caráter limitado, dotado de valor econômico e de importância para a sobrevivência, os recursos hídricos devem ser preservados e utilizados de maneira racional, enquanto busca “incentivar e promover a captação, a preservação e o aproveitamento de águas pluviais.” (BRASIL, 1997)

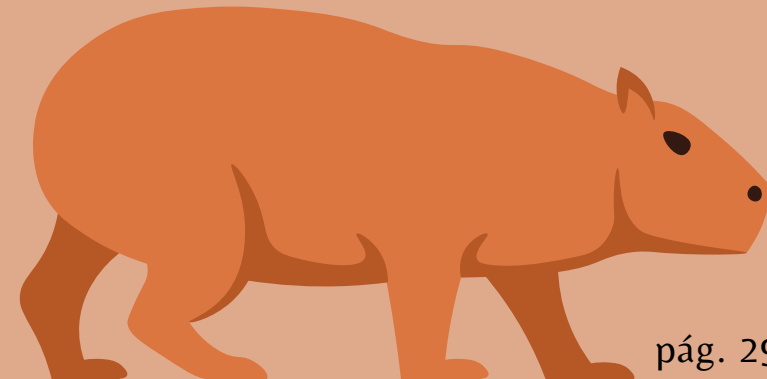


3.3 LEGISLAÇÃO REGIONAL

No plano estadual foi utilizado o Decreto nº 97.656 de 1989, que cria o Parque Nacional da Chapada dos Guimarães, estabelecendo a poligonal do perímetro do parque, que possui área de 33.000 hectares, sendo estabelecido objetivos fundamentais da criação do parque e seus objetivos, instituindo que “Fica criado, [...], com o objetivo de proteger e preservar amostra dos ecossistemas ali existentes, assegurando a preservação de seus recursos naturais, proporcionando oportunidades controladas para uso pelo público, educação, pesquisa científica e também contribuindo para a preservação de sítios arqueológicos existentes na área.” (MATO GROSSO, 1989)

Foi empregado também a Lei Ordinária Nº 7.804 de 2002, que cria a Área de Proteção Ambiental (APA) Chapada dos Guimarães, que estabelece quais atividades poderão ser realizadas dentro desta área, bem como estipula a preservação de diversos fatores, como é citado no Art. 2º, que afirma que:

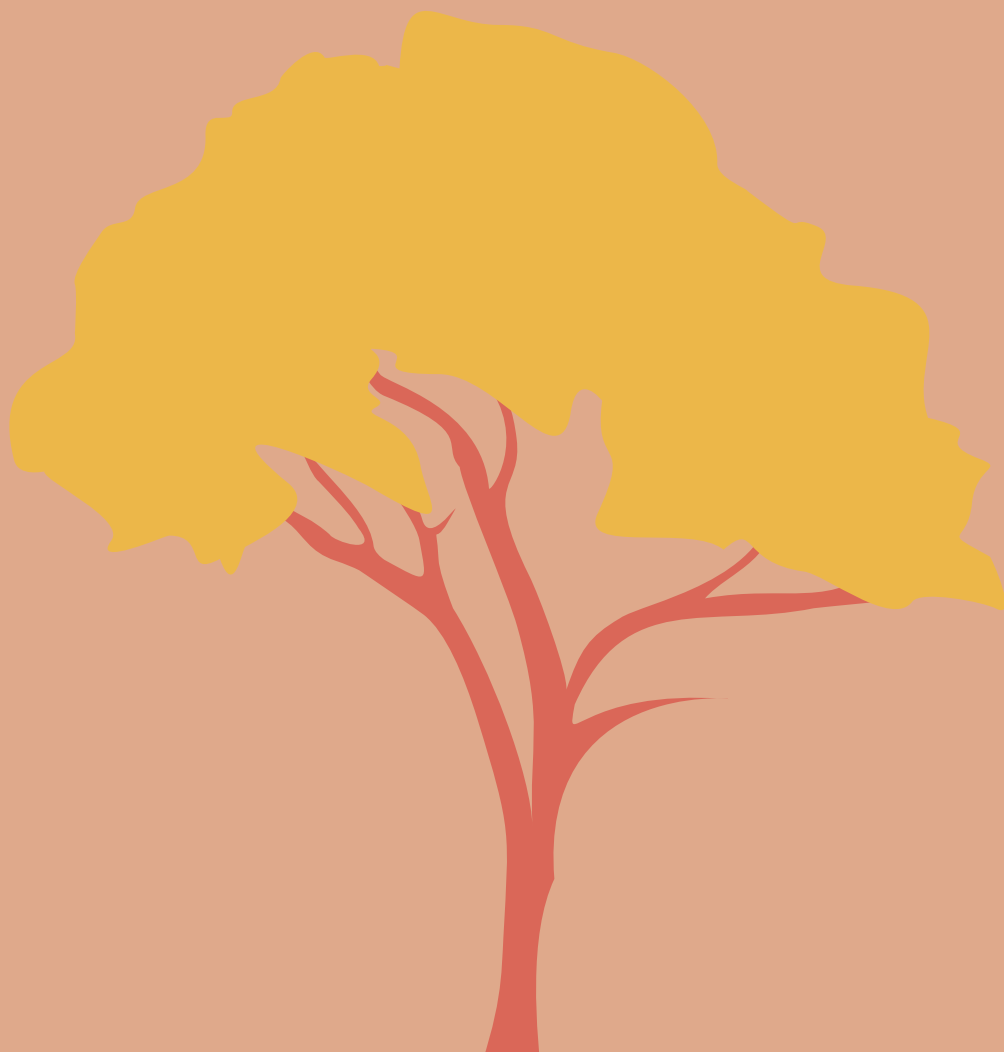
O objetivo desta APA é preservar as feições geomorfológicas das escarpas e do planalto da Chapada dos Guimarães, as matas, galerias, os cerrados, campos rupestres e demais formas de vegetação originária da região, e as nascentes dos rios e córregos denominados Coxipó, Coxipó-Açu, Água Fria, Bom Jardim, Cachoeirinha, Aricazinho e Formoso. (MATO GROSSO, 2002)



Também foi disposto como diretriz a Lei Ordinária nº 10.183 de 2014, que estabelece a política estadual do turismo, com diretrizes que apoiam o desenvolvimento do setor, estabelecendo diretrizes que visam transformar a relevância do estado nesse aspecto, tendo em vista o seu potencial turístico. (MATO GROSSO, 2014)

A Lei Ordinária nº 10.183 de 2014 estabelece que “A Política Estadual do Turismo de Mato Grosso tem por missão transformar Mato Grosso em destino turístico diferenciado e competitivo, tanto para o mercado nacional quanto internacional, contribuindo para posicionar o setor entre as atividades líderes do Estado na promoção do desenvolvimento econômico, social, cultural e ambiental sustentável.” (MATO GROSSO, 2014)

No que concerne a região metropolitana em que o projeto se desenvolve, foi considerada a Lei Complementar Estadual nº 609, de 27 de dezembro de 2018, que institui o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá, que estabelece que, objetivos que impactam os municípios integrantes da região, principalmente no que tange planos como o desenvolvimento, preservação do meio ambiente, uso e ocupação do solo, incluindo políticas relacionadas a lazer e turismo, devem ser analisados por todos os municípios, com o intuito de elaborar estratégias para o desenvolvimento conjunto da região metropolitana. (MATO GROSSO, 2018)



4 REFERÊNCIAS PROJETUAIS

4.1 REFERÊNCIAS NACIONAIS

4.1.1 Parque do Caracol

FICHA TÉCNICA:

Nome: Parque Estadual do Caracol

Arquiteto: não informado

Ano: 1973

Local: Canela/RS

Área: 1.000.000m²

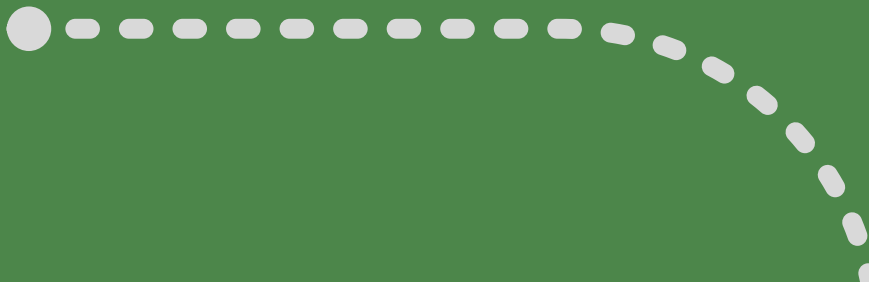




Figura 11: Mapa turístico
Fonte: Parque do caracol, 2022

Figura 12: Bonde aéreo
Fonte: Viajali, 2022



Figura 13: Observatório ecológico
Fonte: Viajali, 2022



O Parque do Caracol, inaugurado em 1973, integra o Parque Estadual do Caracol, localizado na Serra Gaúcha, no município de Canela, Rio Grande do Sul, o parque possui cerca de 100 hectares dos quais 25 ha são utilizados e 75 ha preservados, a região contém diversas corredeiras e a queda do Caracol, que possui 131m de altura e é a principal atração do parque, possuindo acesso por uma trilha conectada ao observatório ecológico, podendo ser vista a partir do teleférico e dos dois observatórios, como pode ser visto nas Figuras 12 e 13, além disso possui diversas outras atividades, como mostrado na Figura 11, mantendo uma baixa taxa de ocupação e preservando a natureza, que em conjunto com a abundancia de vegetação trazem uma conforto ambiental que transforma qualquer passagem pelo parque em uma experiência.

O parque possui uma série de atividades e equipamentos, desde churrasqueiras, núcleos de lojas, quadras esportivas a uma estação de trenzinho (Figura 15), que possuem arquitetura bastante simples e tradicional, na sua maioria em madeira, com caminhos em pedra, mas o que realmente proporciona uma experiência única aos usuários, que é utilizado como exemplo para a concepção de projeto desenvolvido neste trabalho, é a maneira que o Parque do Caracol integra suas atividades através da natureza, sem precisar sobrepô-la completamente por construções, como pode ser observado na Figura 5, entretanto esta abordagem conservacionista não impede o parque de possuir atrações que tiram maior proveito da beleza natural da região, como acontece com o skyglass (Figura 16) que se eleva a 360 metros de altura em estrutura de aço e vidro.

A implantação das edificações não substitui totalmente a vegetação nativa, o que traz maior conforto ambiental aos usuários, e combinado ao fato de ser utilizada arquitetura vernacular em sistemas que utilizam madeira, complementado com o uso de aço e vidro em estruturas mais inóspitas, tem-se um impacto ambiental reduzido por não utilizar-se concreto armado.

Em conclusão, as atividades proporcionadas não agredem o meio ambiente, embora atraiam grande quantidade de visitantes que não estejam em busca do ecoturismo, o parque possui um vasto número de atividades, reduzindo sua dependência de um centro urbano, tornando-o viável em regiões remotas, contudo seu programa não contempla a hotelaria, não tirando total proveito das instalações ao não prover tal serviço.



Trilhas e
preservação
ambiental

Figura 14:
Estação de
trenzinho
Fonte: Viagem
simplesmente,
2018



Figura 15: Interior
do Parque do
Caracol
Fonte: Buenas
dicas, 2020



Figura 16: Skyglass
Fonte: Mercado e
eventos, 2022



4.1.2 Resort Makenna

FICHA TÉCNICA:

Nome: Resort Makenna

Arquitetos: Drucker Arquitetos

Ano: 2010

Local: Itacaré/BA

Área: 500.000m²

O Resort Makenna foi projetado pela Drucker Arquitetos Associados, concluído no ano de 2010, fica localizado em Itacaré, Bahia, e por estar cercado por uma área de preservação bastante restritiva em meio à mata atlântica, não foi possível atender a um programa comum de um resort, no entanto este usa da natureza a seu favor, adotando os princípios do modernismo e construindo chalés amplos e minimalistas que servem como observatório para a paisagem natural (Figura 17), exaltando a mesma ao usar materiais como o arenito presente na região e portas em madeira com veneziana, garantindo também um conforto térmico e eficiência energética (Figura 18).



Figura 17: Vista externa dos bangalôs
Fonte: Archdaily, 2020



Figura 18: Vista interna do bangalô
Fonte: Archdaily, 2020



Figura 19: Área de lazer
Fonte: Tripadvisor, 2023



linguagem minimalista e
arquitetura aberta

Como é possível observar na Figura 18, os chalés foram orientados para o mar, com arquitetura ampla e aberta oferecendo vista para a natureza no entorno (Figura 19), também maximizando a ventilação e o conforto térmico, enquanto os outros equipamentos foram dispostos próximos aos chalés, de modo a encurtar a distância e ter um melhor aproveitamento do espaço.



Materiais como pedra,
madeira e vidro

A implantação foi feita de modo que todos os chalés fossem voltados para o mar sem invadir a privacidade de outra edificação, enquanto os outros equipamentos foram dispostos próximos aos chalés, de modo a encurtar a distância e ter um melhor aproveitamento do espaço, como é possível observar na Figura 20.

O aspecto que mais atrai a atenção certamente é o design modernista das edificações, que contrastam com a natureza, e o minimalismo presente na linguagem mais solta e aberta, trazendo maior conforto ambiental e uma conexão com a natureza no entorno, tais diretrizes podem ser adotadas em um projeto de edificação voltado a hospedagem com o objetivo de trazer uma melhor experiência aos usuários, princípio que será adotado neste projeto na concepção das edificações, principalmente no que tange a estética e materiais construtivos.

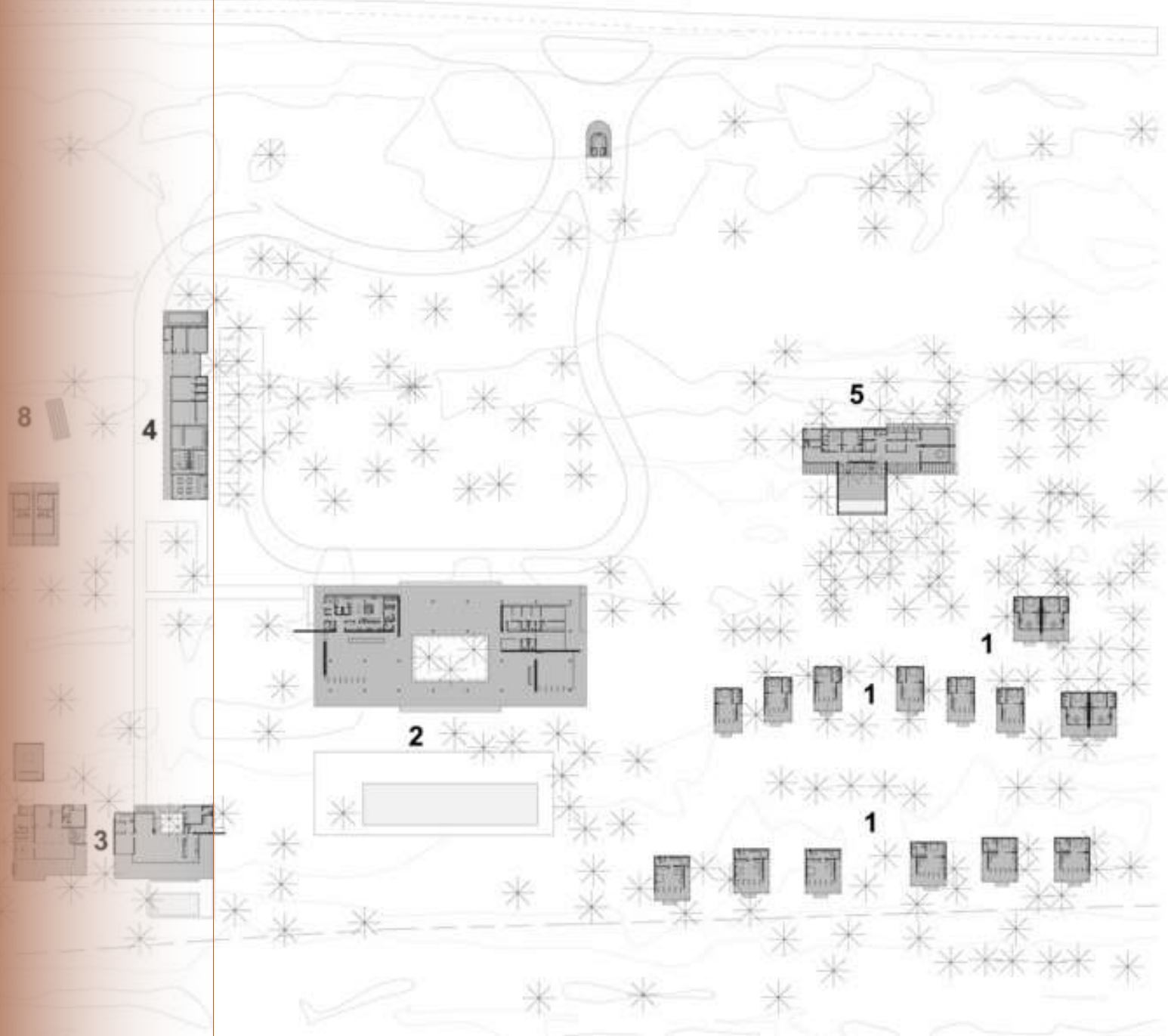


Figura 20: Implantação do Resort Makenna
Fonte: Archdaily, 2020

4.1.3 Refúgio Cheiro de Mato

FICHA TÉCNICA:

Nome: Ecoresort Refúgio Cheiro de Mato

Arquitetos: Não informado

Ano: 2003

Local: Mairiporã/SP

Área: 90.000m²

Localizado em Mairiporã, São Paulo, o Refúgio Cheiro de Mato, inaugurado em 2003, se destaca por estar localizado dentre a vegetação densa da mata atlântica (Figura24), com mais de 90 hectares de área verde, preservando grande parte da natureza existente, criando uma fusão entre a arquitetura e a mesma, como pode ser visto na Figura 21, fazendo também o uso de materiais como a madeira e palha, tornando o eco resort um exemplo de como unir a beleza natural e arquitetônica no intuito de melhorar a experiência do usuário.

As unidades de habitação (Figura 22) também se dispõem em meio às árvores, criando aconchego e conforto ambiental, enquanto que as áreas de lazer (Figura 23) tem espaços mais amplos, mas que não interrompem a correlação de espaço arquitetônico e natureza, isso traz um constante contato com o meio ambiente, que são melhores em casos onde haja vegetação nativa densa.



Figura 21: Piscina
Fonte: Refugio cheiro de mato, 2022



Espaços de lazer

Figura 22: Vila
Fonte: Refugio cheiro de mato, 2022



Figura 23: Área de estar
Fonte: Refugio cheiro de mato, 2022

Figura 24: Mata Atlântica
Fonte: Canva, 2023



Locais de estar

O complexo também possui locais de estar ao ar livre e trilhas de acesso ao rio, como mostram as Figuras 25 e 26, mas o aspecto mais marcante é a divisão dos 80 apartamentos em três vilas: do bosque, da mata e das pedras, com cada sendo mais isolada que a outra, podendo atender a tipos diferentes de usuários e seus respectivos gostos, dando maior diversidade a experiência destes, incentivando-os a retornar.



Figura 26: Trilha em área preservada
Fonte: Refugio cheiro de mato, 2022



Figura 25: Estar ao ar livre
Fonte: Refugio cheiro de mato, 2022



Atividades conectadas a natureza

Consequentemente, essa diretriz torna-se bastante vantajosa em locais com vastas áreas verdes preservadas, cenário este que pode ser aproveitado na concepção deste trabalho ao adotar a diretriz de habitações isoladas e cercadas por vegetação nativa, bem como as atividades conectadas com a natureza, como as presentes ao longo do Refúgio Cheiro de Mato.

4.2 REFERÊNCIAS INTERNACIONAIS

4.2.1 Rio Perdido

FICHA TÉCNICA:

Nome: Complexo Turístico Rio Perdido

Arquitetos: Carolina Barzuna e David Darligton

Ano: 2013

Local: Bagaces - Costa Rica

Área: 714m²



Situado nos pés do vulcão Miravalles em Bagaces, Costa Rica, o Complexo Turístico Rio Perdido, construído em 2013 e projetado pelo escritório PROJECT CR+d, o projeto conta com 714m² de área construída em estrutura metálica pré-moldada, o complexo desfruta das paisagens montanhosas, do rio e da vegetação local para trazer um espaço dedicado ao turismo sustentável, oferecendo local para caminhada, e bangalôs para os visitantes, tendo o maior contato possível com a natureza, ao mesmo tempo que proporciona privacidade e um ambiente inalcançável à natureza, trazendo o bom da qualidade arquitetônica e do natural juntos.

Estrutura metálica
suspensa



Figura 27: Bangalô
Fonte: Archdaily, 2015



Figura 28: Implantação do Complexo Turístico Rio Perdido
Fonte: Archdaily, 2015

O uso de pilotis e da topografia para separar os bangalôs da superfície, como pode ser observado na Figura 27, criam uma barreira entre o natural e o artificial, melhorando o conforto e privacidade dos ocupantes, além de tirar proveito do fato de estar situado na encosta de uma montanha ao proporcionar uma vista privilegiada a cada bangalô, o fato dos mesmos serem implantados distantes uns dos outros, como visto na Figura 28, dificulta a adoção desta tipologia para complexos que requeiram maior capacidade de hospedagem, no entanto é ideal para partidos que buscam ter um menor impacto ambiental e visual.

O projeto cria intencionalmente uma separação entre interno e externo, seja pelo uso de pilotis e da topografia (FIGURA 18), ou pela própria arquitetura do interior dos bangalôs (FIGURA 19), isso transforma estes em refúgios, que trazem o melhor dos dois mundos, ou seja, o conforto de um quarto e a tranquilidade da natureza, contudo isso gera um grande contraste entre interior e exterior, no entanto é uma diretriz que será empregada ao projeto, visando disponibilizar múltiplas experiências de hospedagem, sendo o apartamento elevado, com visão privilegiada e isolado do solo, uma ótima alternativa para atrair um público mais amplo.



Preservação da
topografia



Figura 29: Corte
Fonte: Archdaily, 2015



Figura 30: Interior do bangalô
Fonte: Archdaily, 2015

4.2.2 Jae Jiwa

Aproveitamento da
vista e do relevo

FICHA TÉCNICA:

Nome: Bangalôs Jae Jiwa e Jae Kasinda

Arquiteto: RDMA

Ano: 2022

Local: Bandung - Indonésia

Área: 90m²(Bangalo Jiwa) e 190m²(Bangalo Kasinda)

Localizada no topo de um morro próximo à cidade de Bandung, na Indonésia, os Bangalôs Jae Jiwa, construídos em 2022 e projetados por pelo escritório RDMA, erguem um total de 280m² de área, oferecendo 3 opções de hospedagem: o estúdio localizado no térreo; duas suítes do 3º andar junto com o espaço de lazer do 2º; a junção dos 3 pavimentos, que podem ser integrados abrindo uma porta; devido aos diferentes cenários de ocupação o edifício possui dois acessos, os diferentes usos proporcionam maior versatilidade e opções, apesar de diminuir a privacidade dos usuários, no entanto, a arquitetura baixa com muros vistos na Figura 31 proporcionam privacidade sem afetar o entorno, que como visto na Figura 32, é cercado de vegetação e são aproveitados para criar uma vista encantadora (Figura 33) promovendo uma experiência singular ao usuário.



Figura 31: Vista externa
Fonte: Archdaily, 2022



Figura 32: Vista do entorno
Fonte: Archdaily, 2022



Figura 33: Espaço de lazer na sacada
Fonte: Archdaily, 2022



Também é possível observar na Figura 34, que o térreo levemente rebaixado, em conjunto com a inclinação da parede da rampa de acesso e uso de materiais como blocos de concreto e madeira, reduz o impacto visual das edificações e traz maior harmonia ao conjunto arquitetura-natureza, que somados ao afastamento entre os bangalôs, reduzem a poluição visual sem comprometer a funcionalidade, melhorando também o conforto ambiental, uma vez que a ventilação não é obstruída.



Em conclusão, o projeto adota o uso de materiais contemporâneos, como blocos de concreto, aço preto e madeira, que somados à forma discreta das edificações, ocasiona em um menor impacto visual e maior conforto, sendo este aspecto o mais marcante e o que será usado de exemplo na elaboração deste projeto.

4.2.3 Torok Hill Resort

FICHA TÉCNICA:

Nome: Torok Hill Resort

Arquiteto: Não informado

Ano: 2023

Local: Lombok - Indonésia

Área: 140.000m²



Figura 35: Perspectiva externa
Fonte: E-architect, 2020



Figura 36: Perspectiva interna
Fonte: E-architect, 2020

Situado próximo de Lombok, Indonésia, a instalação é implantada em uma encosta, possuindo cerca de 14 hectares, utilizando do declive para ter uma vista privilegiada com melhor circulação de ar e consequentemente maior conforto ambiental, com a arquitetura em madeira e pedra criando uma comunicação com o entorno, como pode ser visto na Figura 35, mantendo também uma elegância e suavidade na parte interna, como é mostrado na Figura 36.



Na Figura 37 é possível observar que a piscina com borda infinita usufrui da encosta e da vista para criar um espaço de piscina mais valorizado, servindo de área de lazer e estar, no entanto, esta poderia ser integrada a área interna caso possuísse flexibilidade nas aberturas, criando assim mais possibilidades de uso.

Formas orgânicas

O uso de materiais como madeira e pedra, combinado com a forma orgânica são as características que mais chamam a atenção neste projeto, esse aspecto pode ser utilizado como forma de valorizar um projeto no âmbito estético e também de conforto, visto que promove a entrada de luz natural nos ambientes e tira proveito da vista.

Figura 37: Piscina com borda infinita
Fonte: E-architect, 2020

4.3 ANÁLISE DAS REFERÊNCIAS

A análise dos projetos de referência é usada para formular a Tabela 1, onde a ficha técnica e principais características das obras são dispostas, sendo esta análise essencial para o desenvolvimento do projeto.

Dentre as referências utilizadas, foi possível perceber como o aproveitamento da topografia emprega uma função importante em questões como conforto, impacto visual e ambiental, assim como o uso de materiais contemporâneos e uma arquitetura bem ventilada e com conexão com a vegetação, trazem a biofilia e uma experiência melhor ao usuário, que em combinação com as formas orgânicas, cria-se uma harmonia arquitetônica ao conjunto.

VARIÁVEIS	PROJETO 1	PROJETO 2	PROJETO 3	PROJETO 4	PROJETO 5	PROJETO 6
TÍTULO	PARQUE DO CARACOL	RESORT MAKENNA	ECORESORT REFÚGIO CHEIRO DE MATO	COMPLEXO TURÍSTICO RIO PERDIDO	BANGALÔS JAE JIWA	TOROK HILL RESORT
SITUAÇÃO ATUAL	EM FUNCIONAMENTO	EM FUNCIONAMENTO	EM FUNCIONAMENTO	EM FUNCIONAMENTO	EM FUNCIONAMENTO	EM CONSTRUÇÃO
ANO DE CONCLUSÃO	1973	2010	2003	2013	2022	EM CONSTRUÇÃO
ARQUITETO	NÃO INFORMADO	DRUCKER ARQUITETOS		CAROLINA BARZUNA E DAVID DARLIGTON	RDMA	NÃO INFORMADO
LOCALIZAÇÃO	CANELA – RIO GRANDE DO SUL	ITACARÉ - BAHIA	MAIRIPORÃ – SÃO PAULO	BAGACES – COSTA RICA	BANDUNG - INDONÉSIA	LOMBOK - INDONÉSIA
METRAGEM (M²)	1.000.000M²	500.000M²	90.000M²	714M²	280M²	140.000M²
PARTIDO ARQUITETÔNICO	PARQUE TURÍSTICO	RESORT	ECO RESORT	COMPLEXO TURÍSTICO	ALOJAMENTOS	RESORT
AMBIENTES PROJETADOS	LOJAS, BANHEIROS, RESTAURANTE, PLAYGROUNDS E ADMINISTRAÇÃO	DORMITÓRIOS, E BANHEIROS	SPA, PISCINA, ALOJAMENTO E SALAS DE JOGOS	QUARTOS, BANHEIROS E VARANDAS	QUARTOS, BANHEIROS, TERRAÇO E SALA DE ESTAR	QUARTOS E PISCINA PRIVATIVA
MATERIAIS CONSTRUTIVOS	MADEIRA, AÇO E VIDRO	CONCRETO ARMADO E MADEIRA	CONCRETO ARMADO, MADEIRA E PALHA	MADEIRA E AÇO	BLOCO DE CONCRETO, AÇO E MADEIRA	BAMBU, MADEIRA E VIDRO
BENEFÍCIOS AMBIENTAIS	ÁREAS VERDES PRESERVADAS	ÁREAS VERDES PRESERVADAS	ÁREAS VERDES PRESERVADAS	ÁREAS VERDES PRESERVADAS	ÁREAS VERDES PRESERVADAS	ÁREAS VERDES PRESERVADAS
INSTRUMENTOS COMPLEMENTARES	MIRANTES, BONDE AÉREO, OBSERVATÓRIO, QUADRAS DE ESPORTE, TRILHAS E BARRAGEM DA REPRESA	RESTAURANTE, SPA E PLACAS SOLARES	QUADRAS DE ESPORTES, TIROLESA, TRILHAS E PLAYGROUNDS	ÁGUAS TERMAIS E BIKE PARK	BANGALÔS	RESTAURANTE, BEACH CLUB E PLACAS SOLARES
ENTORNO	MATA ATLÂNTICA, RIO, REPRESA E CASCATA	MATA ATLÂNTICA	MATA ATLÂNTICA	RIO, MONTANHA E VEGETAÇÃO	FLORESTA E ENCOSTA	FLORESTA E ENCOSTA

Tabela 1 – Análise de referências

Fonte: Autor

5 CONDICIONANTES DE PROJETO

A escolha do terreno para o projeto requereu uma pesquisa buscando identificar quais locais seriam viáveis para um complexo turístico, levando em consideração fatores como a infraestrutura, topografia, vegetação existente, zoneamento, beleza natural do terreno/entorno e o mais importante: as atrações turísticas presentes no entorno, que valorizariam o complexo como local de hospedagem.

O terreno escolhido fica no município de Chapada dos Guimarães (Figura 38), que segundo IBGE (2021) possui cerca de 22.521 habitantes e densidade populacional de 3,41 hab/km², está localizado a 62 km da capital do estado de Mato Grosso, sua extensão é de 6.494,02 km² (CHAPADA DOS GUIMARÃES, 2023) e contempla diversos pontos e atividades turísticas, como o Parque Nacional da Chapada dos Guimarães.

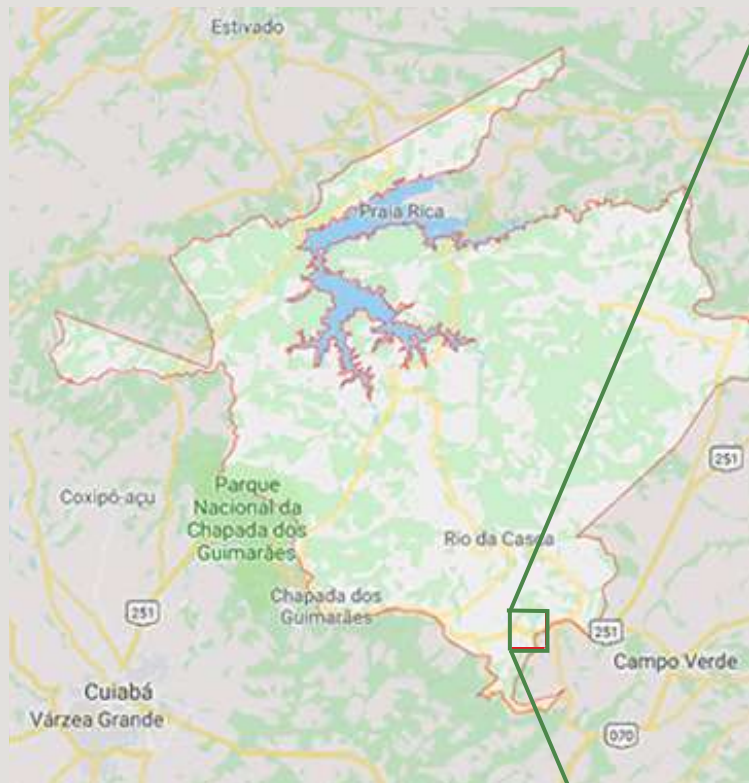
O local escolhido, como pode ser visto na Figura 38, fica fora da zona urbana, a 32 km do centro do município de Chapada dos Guimarães, possibilitando que o complexo expanda futuramente, de modo similar ao que acontece com muitos empreendimentos do mesmo tipo, com a distância da zona urbana impedindo que a mesma intersecte o complexo e impeça o seu crescimento.



Figura 38: Localização no Brasil, no estado de Mato Grosso e no Município de Chapada dos Guimarães
Fonte: Adaptado pelo autor, 2023

5.1 ASPECTOS URBANOS

5.1.1 TERRENO



O terreno (Figura 39) foi escolhido visando aproveitar a presença do Rio da Casca e da Cachoeira da Martinha, e o acesso pela MT 251, por ser uma via estrutural apelidada "corredor do turismo", onde já ocorre fluxo de turistas entre as cidades e distritos próximos.

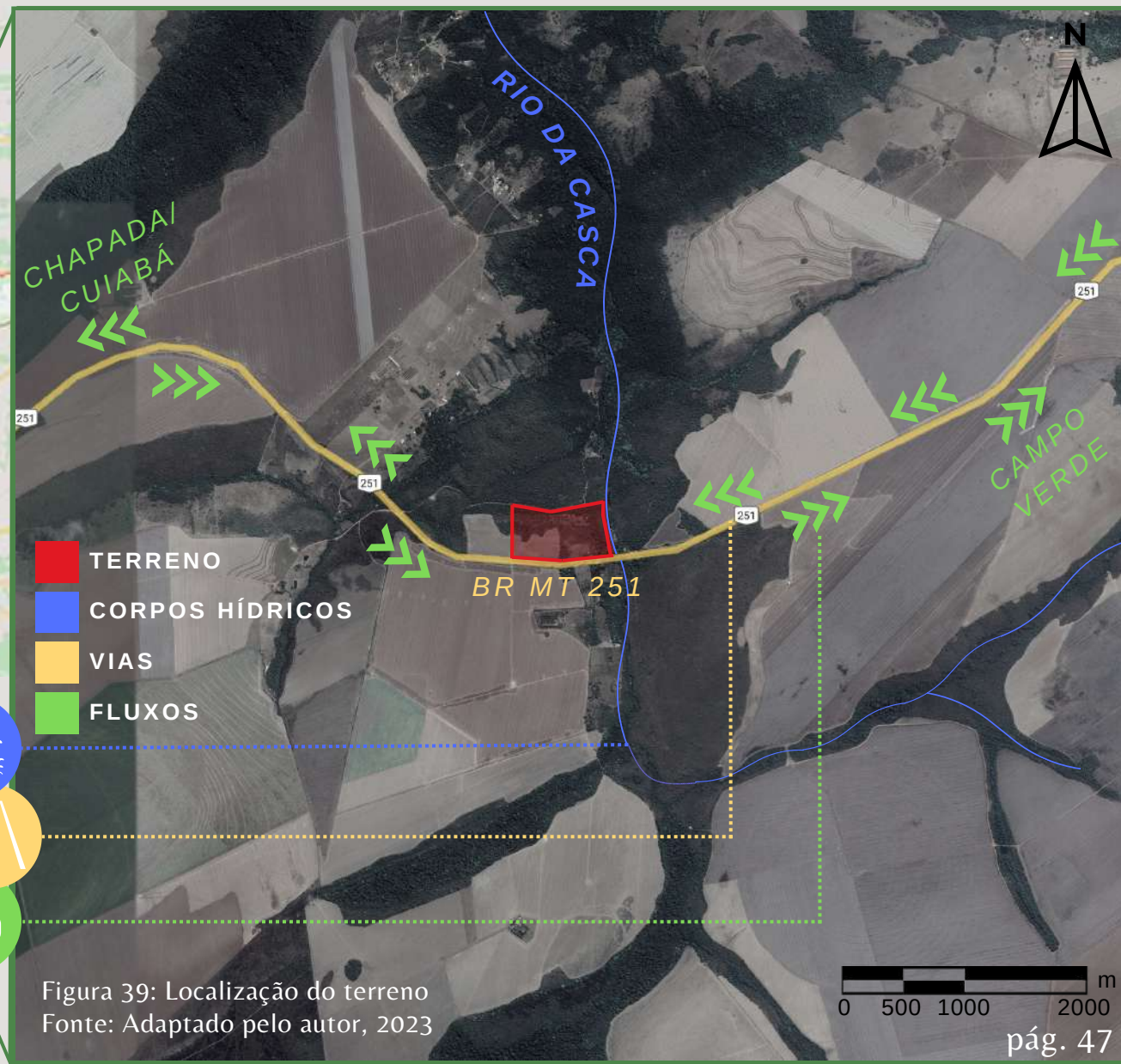


Figura 39: Localização do terreno
Fonte: Adaptado pelo autor, 2023

5.1.2 JUSTIFICATIVA

A escolha do terreno se justifica por três pontos: o primeiro sendo a proximidade da cachoeira da Martinha (Figura 40) e do Rio da Casca, um dos cursos de água mais volumosos da região, que atrai muitos turistas durante todo o ano, sendo formidável para a implantação de um complexo turístico pelo ponto de vista do conforto ambiental, das possibilidades de lazer e pela demanda já existente no local.



Figura 41: Frente do terreno
Fonte: Google Maps, 2022

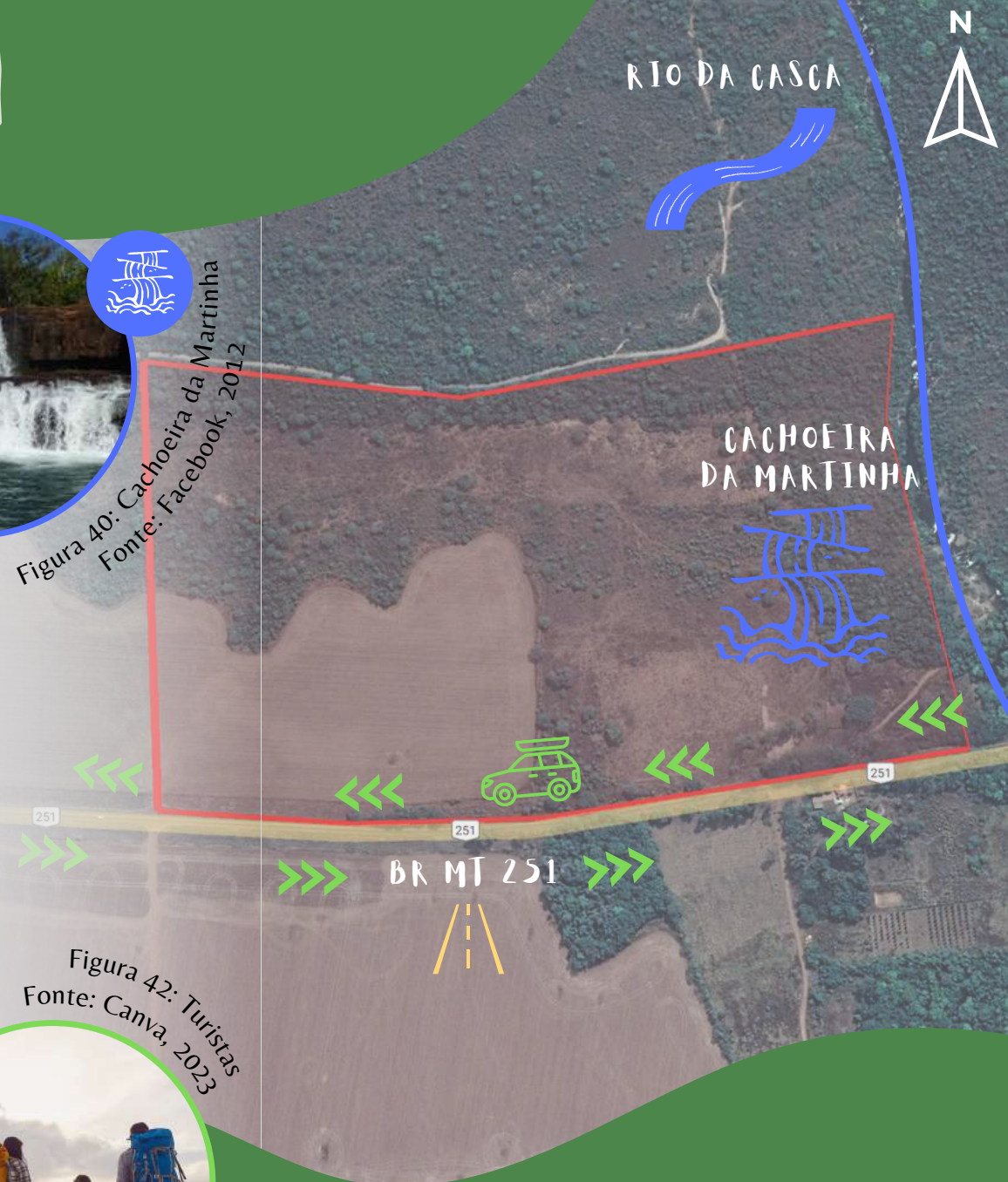
O terceiro ponto é sua localização estratégica, além de possuir diversos pontos turísticos próximos com carência de serviços de hotelaria, tem acesso por uma rodovia conhecida como corredor do turismo, que conecta inúmeras atrações e cidades importantes, bem como a capital do estado, induzindo um grande fluxo de turistas através da MT 251.



Figura 40: Cachoeira da Martinha
Fonte: Facebook, 2012

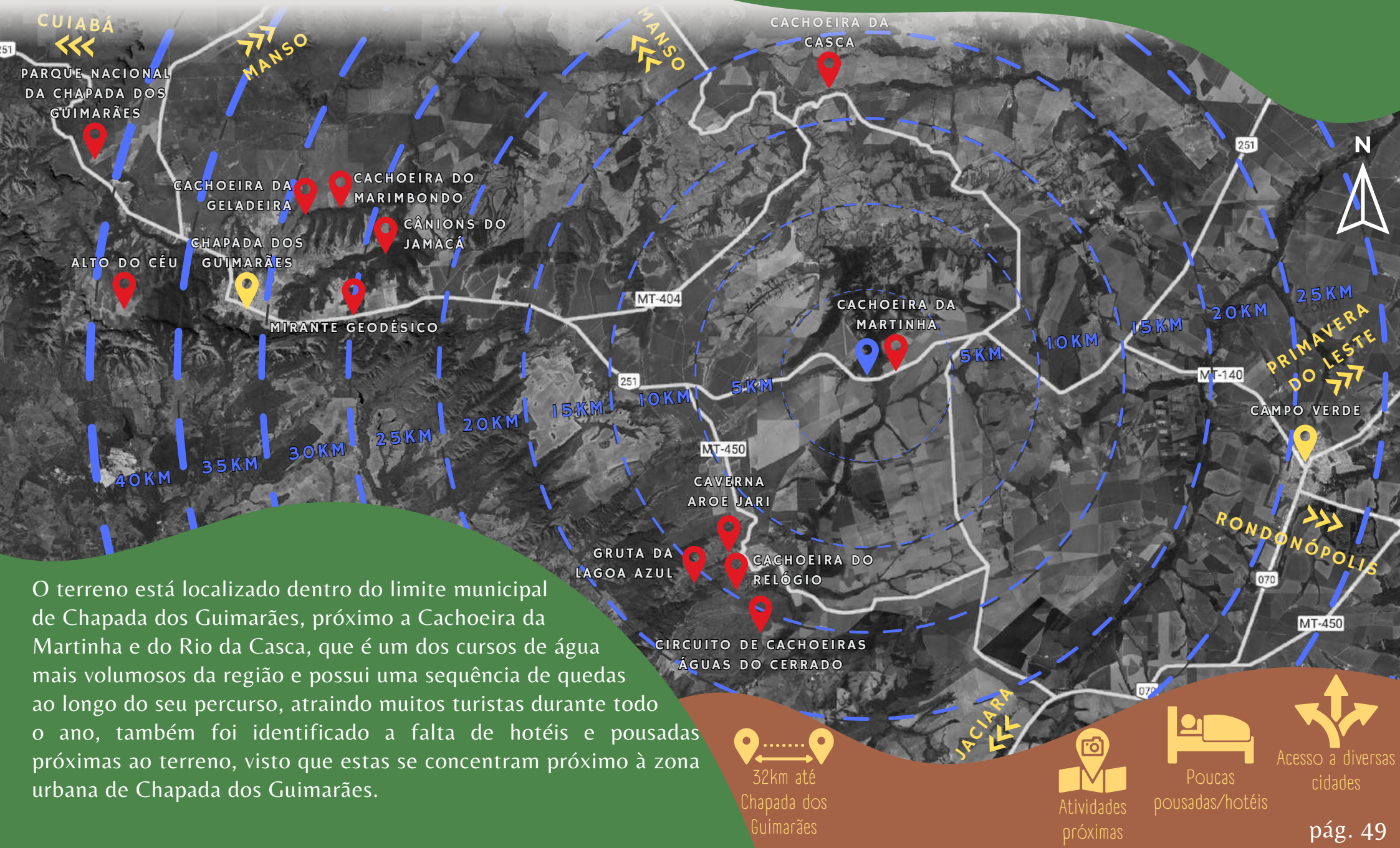


Figura 42: Turistas
Fonte: Canva, 2023



5.1.3 ENTORNO

No estudo de entorno foram traçadas áreas de influência a cada 5km e feito levantamento das principais atividades turísticas presentes, bem como os acessos a cidades/distritos de importância.



O terreno está localizado dentro do limite municipal de Chapada dos Guimarães, próximo a Cachoeira da Martinha e do Rio da Casca, que é um dos cursos de água mais volumosos da região e possui uma sequência de quedas ao longo do seu percurso, atraindo muitos turistas durante todo o ano, também foi identificado a falta de hotéis e pousadas próximas ao terreno, visto que estas se concentram próximo à zona urbana de Chapada dos Guimarães.

32km até
Chapada dos
Guimarães

Atividades
próximas

Poucas
pousadas/hotéis

Acesso a diversas
cidades

5.1.4 USO DO SOLO

Os índices urbanísticos utilizados como base para a elaboração do projeto, como pode ser visto na Tabela 2, são oriundos da Lei N° 42/2010 de 30 de dezembro de 2010, que dispõe sobre a revisão do código de parcelamento e uso do solo do Município de Chapada dos Guimarães.

ÍNDICES URBANÍSTICOS				
ZONA	COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO	ALTURA MÁXIMA (GA-PAV)	TAXA DE OCUPAÇÃO	TAXA DE PERMEABILIDADE
ZEU	0,2	2	10%	50%

Tabela 2 – Índices Urbanísticos

Fonte: Lei Complementar nº 42/2010, 2023

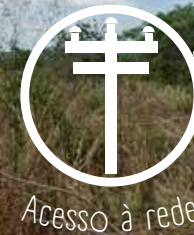


5.2 INFRAESTRUTURA EXISTENTE

5.2.1 ILUMINAÇÃO E ENERGIA

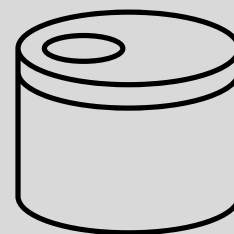
O terreno não possui iluminação pública por estar bastante isolado da zona urbana, embora seja uma rodovia estadual, é incomum que rodovias possuam iluminação pública fora do perímetro urbano.

Apesar da falta de iluminação, existe acesso a energia elétrica, como pode ser observado na Figura 43, onde é possível observar linhas de transmissão que passam pelo local do terreno.



5.2.2 SANEAMENTO

A região onde se encontra o terreno não dispõe de água encanada, segundo informação concedida pelo Sistema Autônomo de Água e Esgoto Chapada dos Guimarães - MT (SAAE-CG), em 2 de maio de 2023, isso implica a necessidade de criar um poço artesiano para abastecer o complexo, bem como fossas sépticas para o manejo adequado do esgoto.



Fossa séptica



Poço artesiano

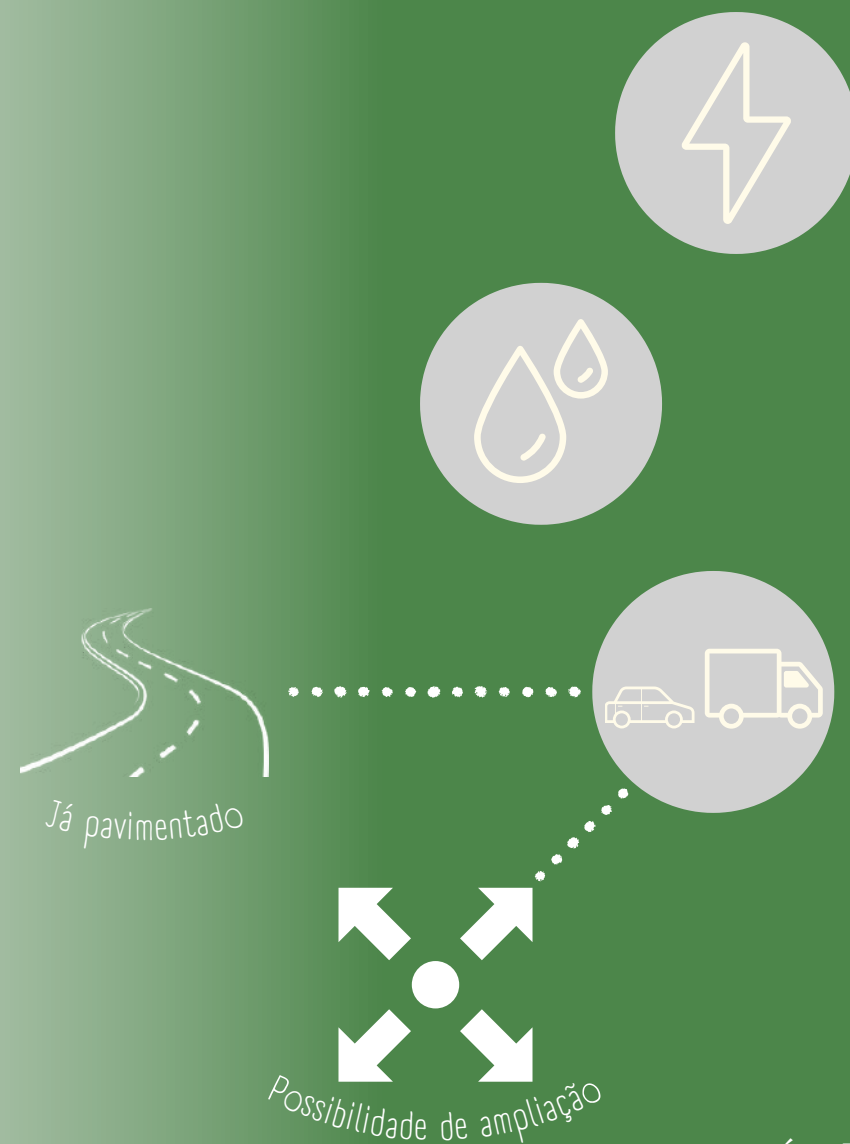


5.2.3 VIAS

O terreno possui apenas uma via de acesso: Rodovia Emanuel Pinheiro, também chamada de MT-251, sendo uma via estrutural, esta possui padrão geométrico mínimo (PGM) de 50m, a mesma encontra-se pavimentada com apenas 1 leito carroçável em cada sentido e acostamento nas duas laterais, como pode ser visto na Figura 44, podendo vir a atingir seu limite de 50m conforme a demanda cresça.



Figura 44: Via do terreno
Fonte: Google maps, 2022



VEGETAÇÃO

5.3 EXISTENTE

O levantamento da vegetação existente foi feito para que o projeto pudesse preservar a mesma, na Figura 47 é possível observar a distribuição da vegetação de médio/grande porte, correspondente ao bioma do Cerrado (Figuras 45 e 46), que é presente em algumas partes do terreno, principalmente nas proximidades do Rio da Casca, contudo existem diversos "vazios" que facilitam a ocupação do terreno.



Figura 45: Cerrado
Fonte: eCycle, 2022



Figura 46: Árvore do Cerrado
Fonte: Brasil escola, 2023

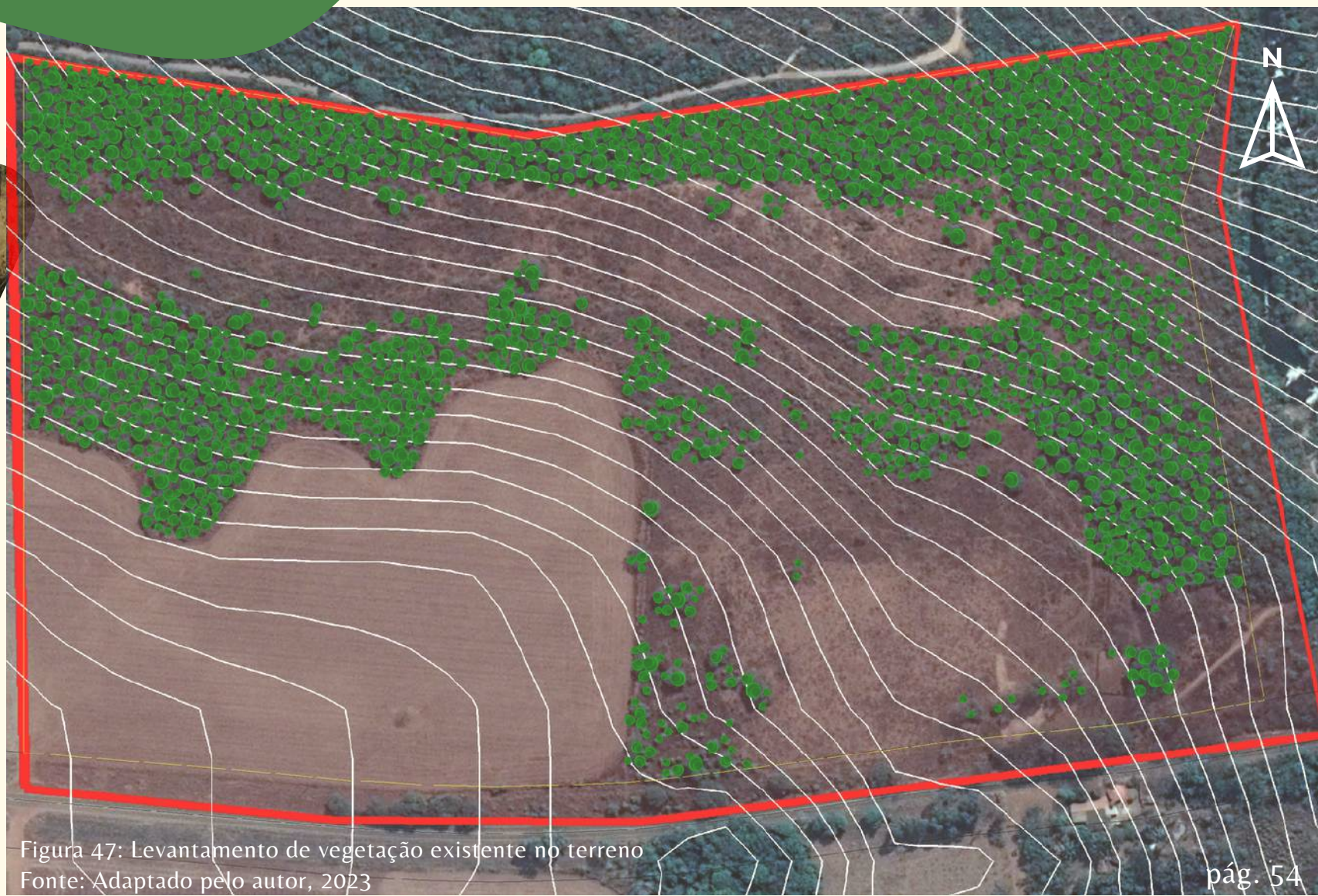
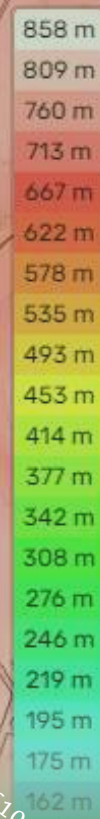


Figura 47: Levantamento de vegetação existente no terreno
Fonte: Adaptado pelo autor, 2023

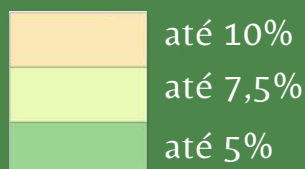
5.4 TOPOGRAFIA

Figura 48: Hipsometria Chapada dos Guimarães
Fonte: Topographic-map, 2023



O primeiro aspecto do projeto a ser analisado é sua localização, logo é necessário se ater a informações importantes, sendo uma delas a topografia do terreno, que fica localizado no alto da chapada, a uma altitude aproximada de 615m em média (Figura 48), o que interfere também nas condições climáticas do projeto.

LEGENDA



É possível observar com mais facilidade na Figura 49, o desnível do terreno, que é situado em declive de 37m a partir do ponto mais alto, com os trechos mais acidentados possuindo aproximadamente 10% de inclinação, possibilitando que a arquitetura tire partido do relevo, de modo que o mesmo não imponha tantas restrições.

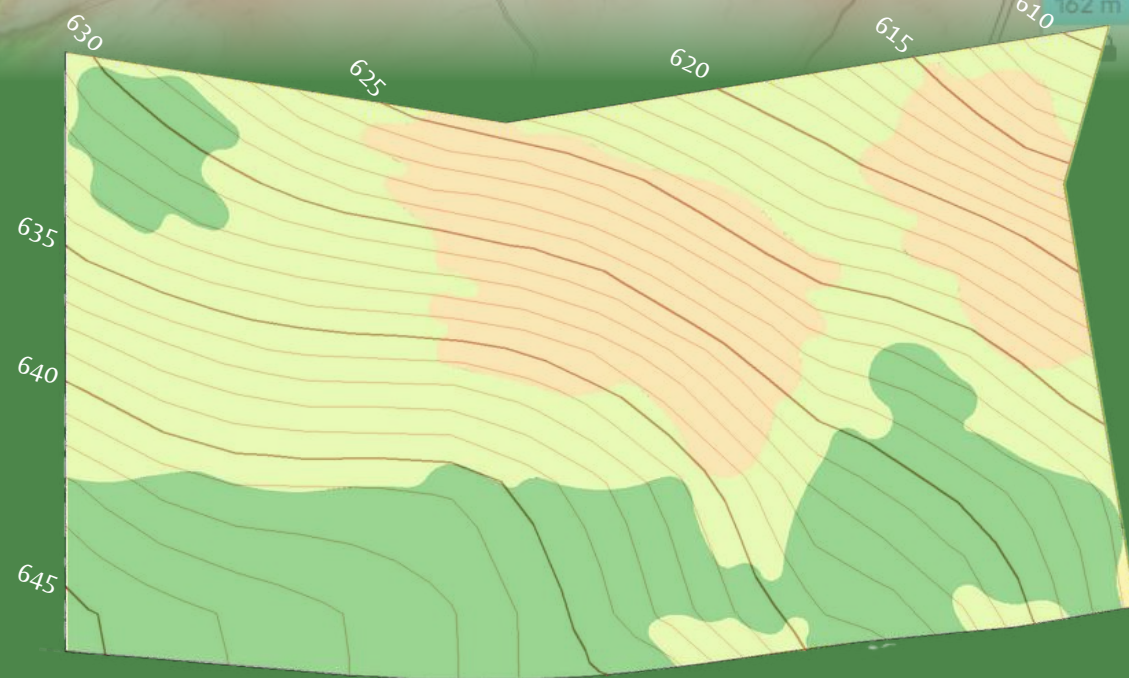


Figura 49: Topografia e declividade do terreno
Fonte: Autor, 2023

5.5 CLIMA

5.5.1 TEMPERATURA DO AR

Por estar situado no alto da Chapada dos Guimarães, o clima difere bastante de Cuiabá, que devido à diferença de altitude e ventilação, acabam tendo temperatura média e velocidade média anual do vento diferentes, com a região onde se localiza o terreno sendo caracterizada como clima mesotérmico, com temperaturas que variam ao ano como mostra a Figura 50, sendo a média 24°C, podendo atingir a máxima de 40°C e mínima de 0°C entre junho e agosto (CHAPADA DOS GUIMARÃES, 2023).

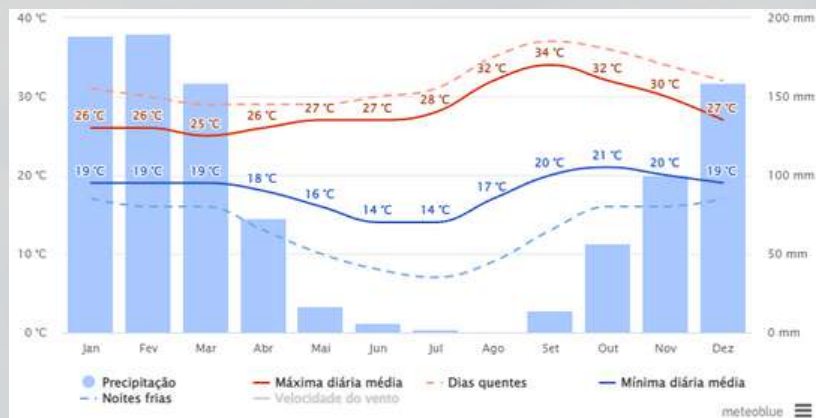
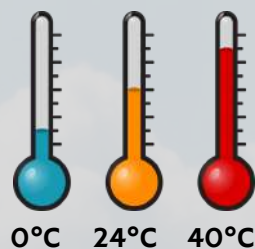


Figura 50: Temperaturas mínimas e máximas
Fonte: Meteoblue, 2023

5.5.2 VENTOS

A velocidade média do vento anual em Chapada dos Guimarães é de 12 m/s (Figura 51), vindos predominantemente do Leste entre abril e outubro, e vindos do Norte durante o resto do ano, com a direção média estando entre o Norte e Nordeste, como mostra a Figura 52 (METEOBLUE, 2023).

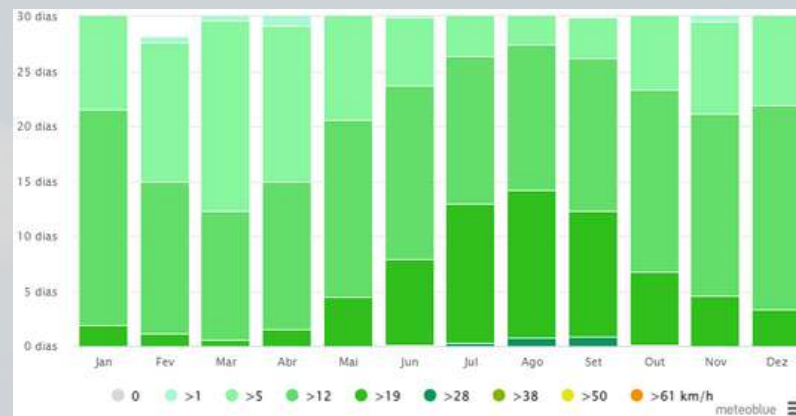


Figura 51: Velocidade dos Ventos
Fonte: Meteoblue, 2023

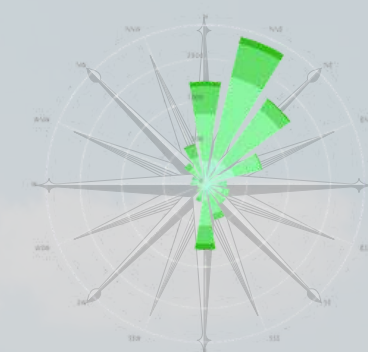


Figura 52: Rosa dos Ventos
Fonte: Meteoblue, 2023

5.5.3 UMIDADE

A umidade relativa do ar fica acima de 90% entre dezembro e março, reduzindo gradativamente até a mínima entre julho e agosto, quando pode chegar até 7%, voltando a aumentar, como mostra a Figura 53 (WEATHERSPARK, 2023).

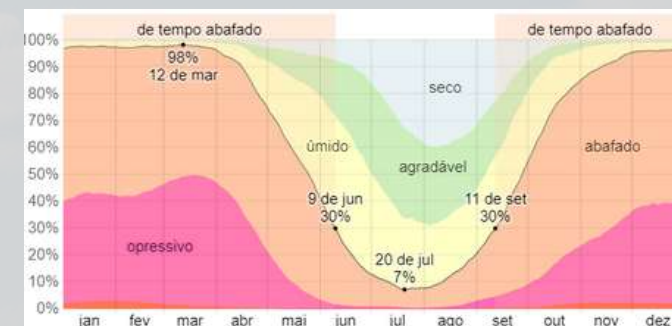
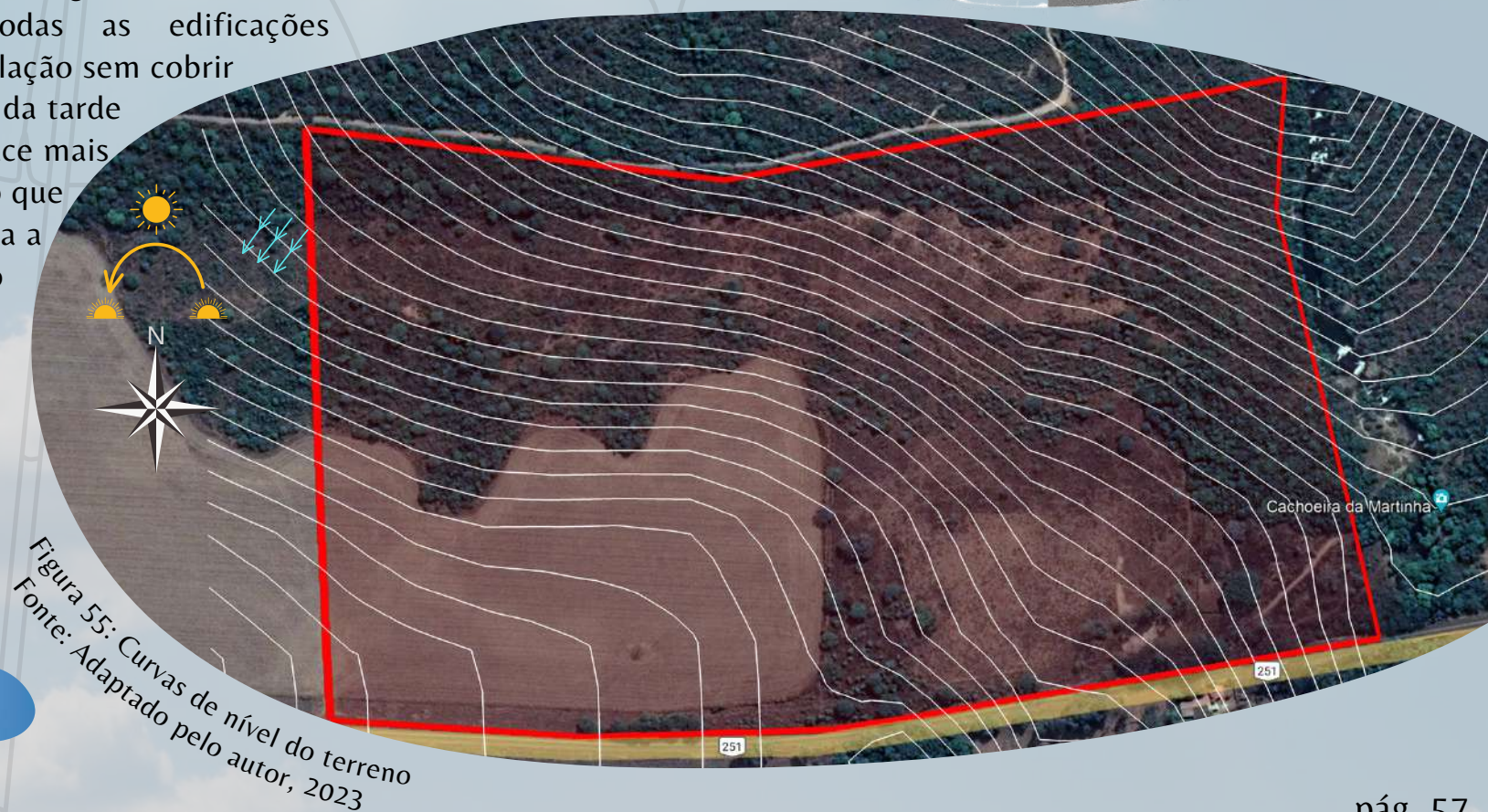
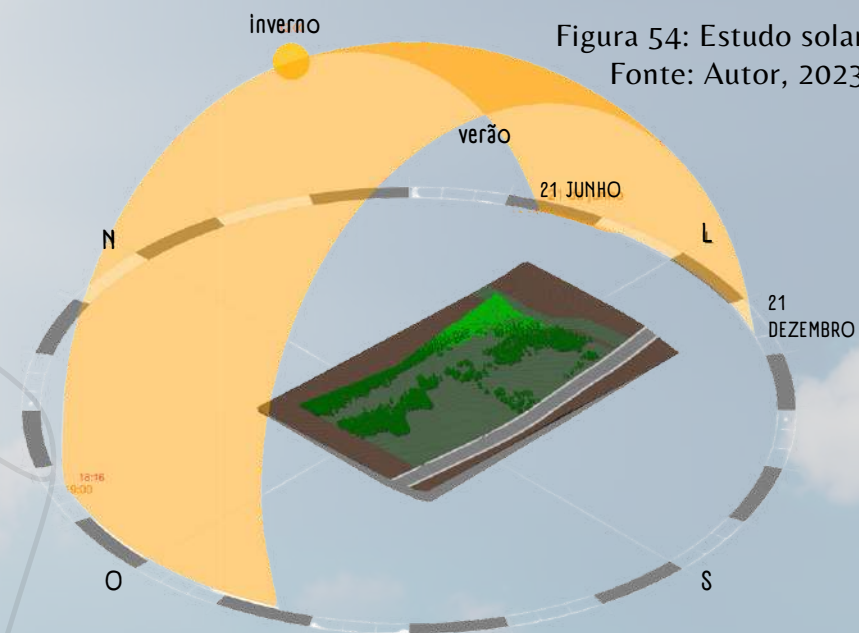


Figura 53: Conforto e umidade ao longo do ano
Fonte: Weatherspark, 2023

5.5.4 ORIENTAÇÃO SOLAR

O Norte é orientado para a parte dos fundos do terreno, como mostram as Figuras 54 e 55, o que possibilita que todas as edificações implantadas recebam insolação sem cobrir umas as outras, com o sol da tarde possuindo incidência na face mais curta do terreno, de modo que a direção do declive reduza a exposição da superfície ao sol da tarde.



6 PROPOSTA PROJETUAL

A proposta do projeto de complexo turístico em Chapada dos Guimarães-MT consiste em trazer diversas instalações de diferentes nichos, como o turismo de aventura, turismo gastronômico, turismo cultural e ecoturismo, trazendo com isso um polo que impulse o turismo na região e traga novas opções de lazer, aproveitando o potencial do setor para criar um complexo viável e que possa se expandir futuramente de acordo com a demanda, por este motivo a escolha da localização foi de grande importância, pois se bem selecionada pode possibilitar mais atividades e ter mais espaços para futura expansão, contribuindo para o planejamento de longo prazo.

6.1 PÚBLICO ALVO

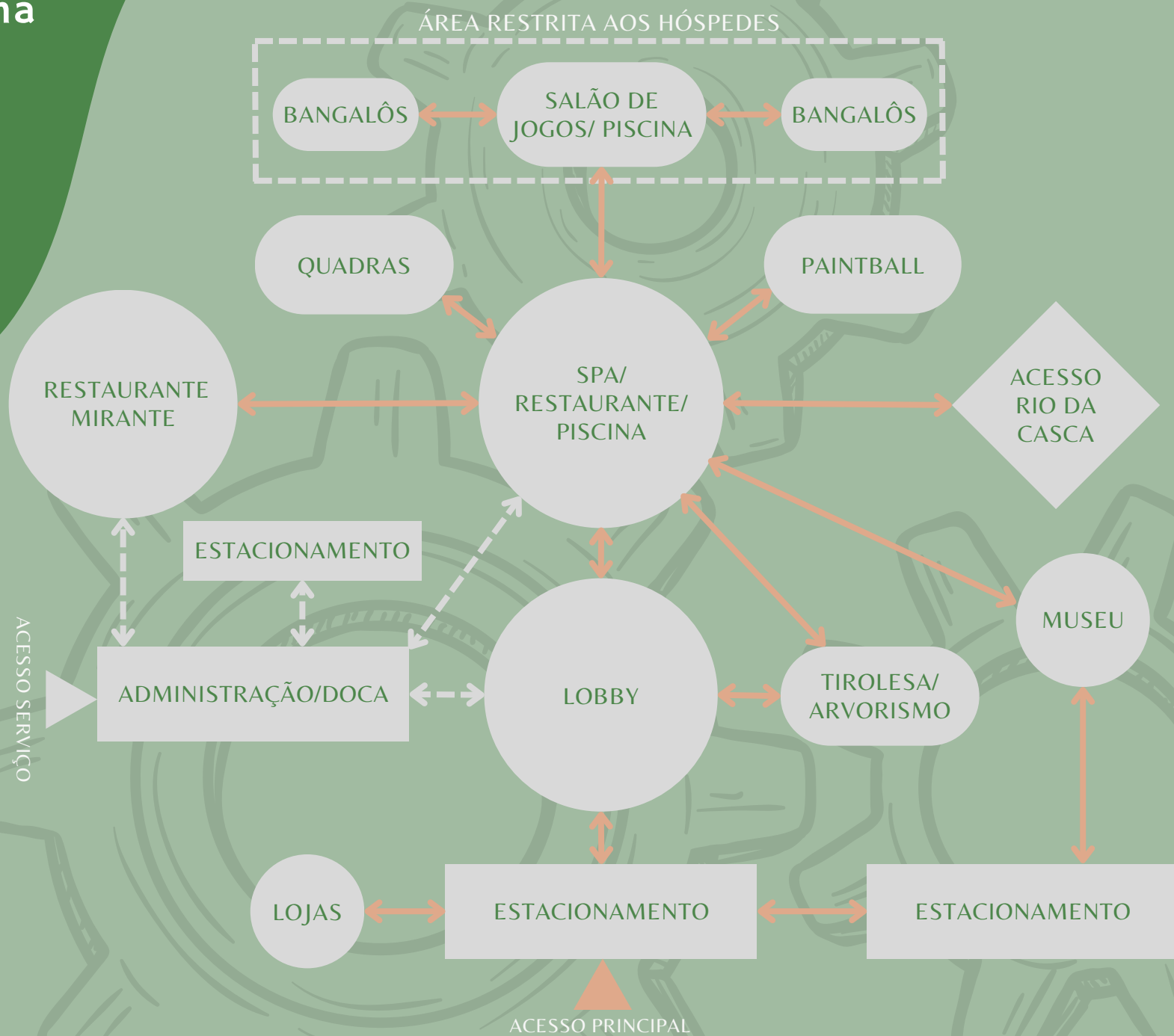
O público alvo se caracteriza por habitantes do estado do Mato Grosso que já visitam a região em busca de turismo e lazer, bem como pessoas de outros estados e países, visando um público mais amplo, o projeto atende aqueles que buscam apenas local de hospedagem, bem como àqueles que procuram locais/atividades de lazer, ou quem deseja ambos.

PROGRAMA DE NECESSIDADES

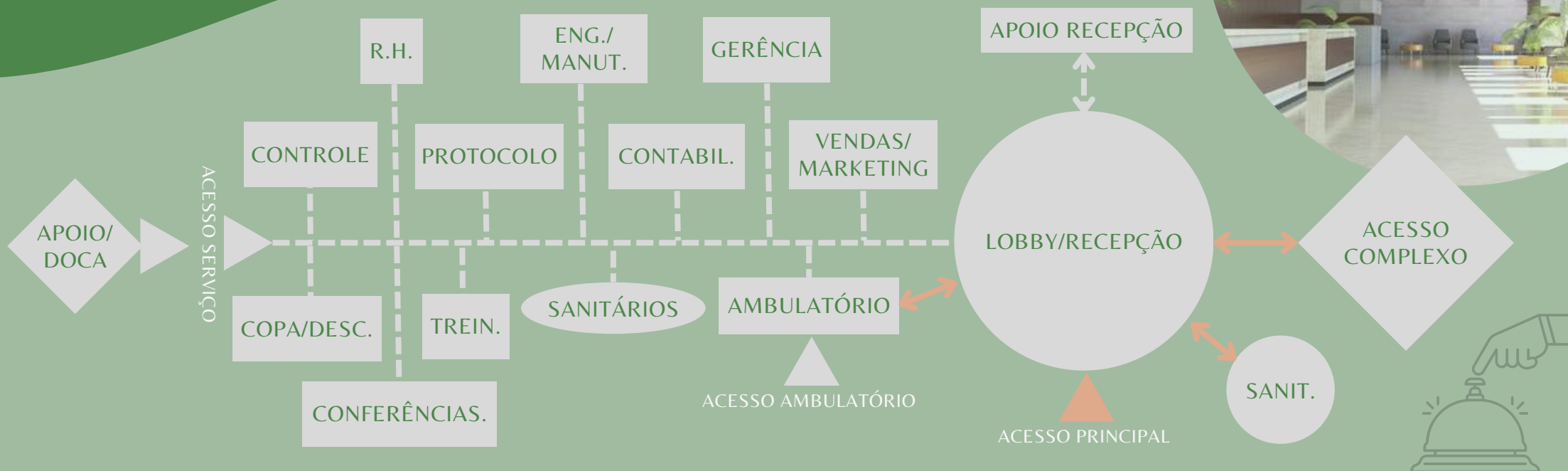
- Bangalôs
- Spa
- Restaurante
- Piscinas
- Quadras esportivas
- Salão de jogos
- Campo de arvorismo
- Campo de paintball
- Tirollesa
- Trilas internas
- Trilha/aceso para cachoeira
- Lojas de souvenir
- Museu/teatro
- Lobby
- Administração
- Apoio



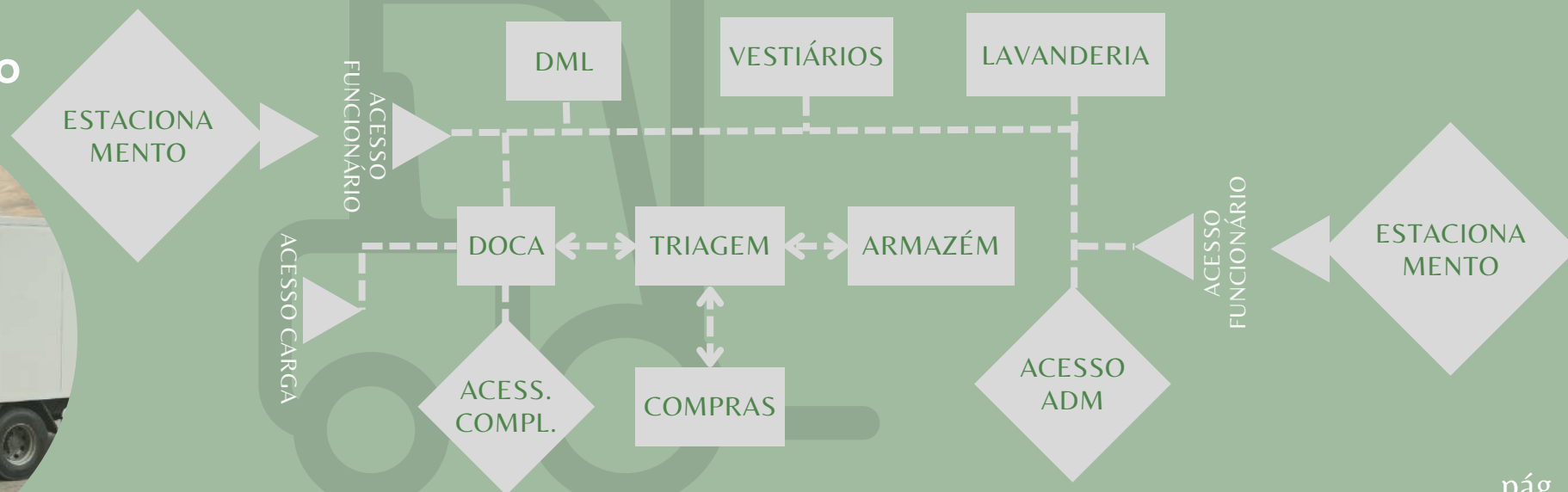
6.3 Fluxograma GERAL



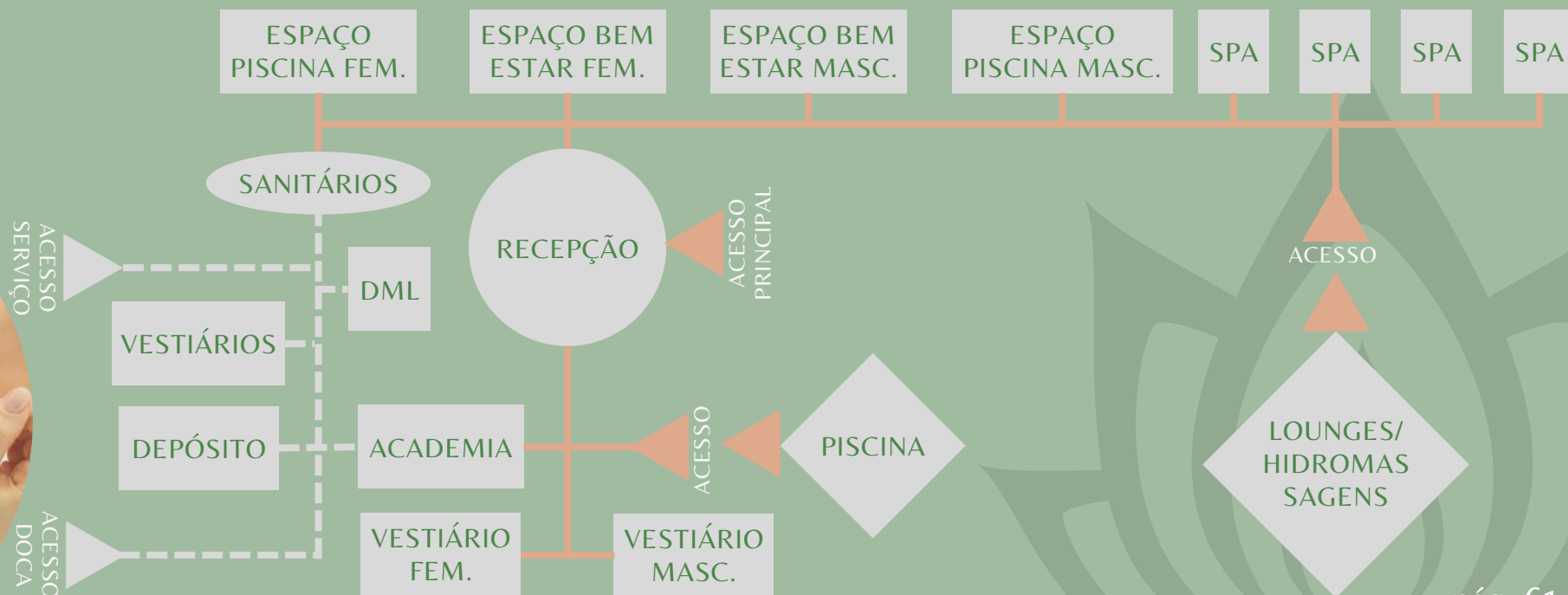
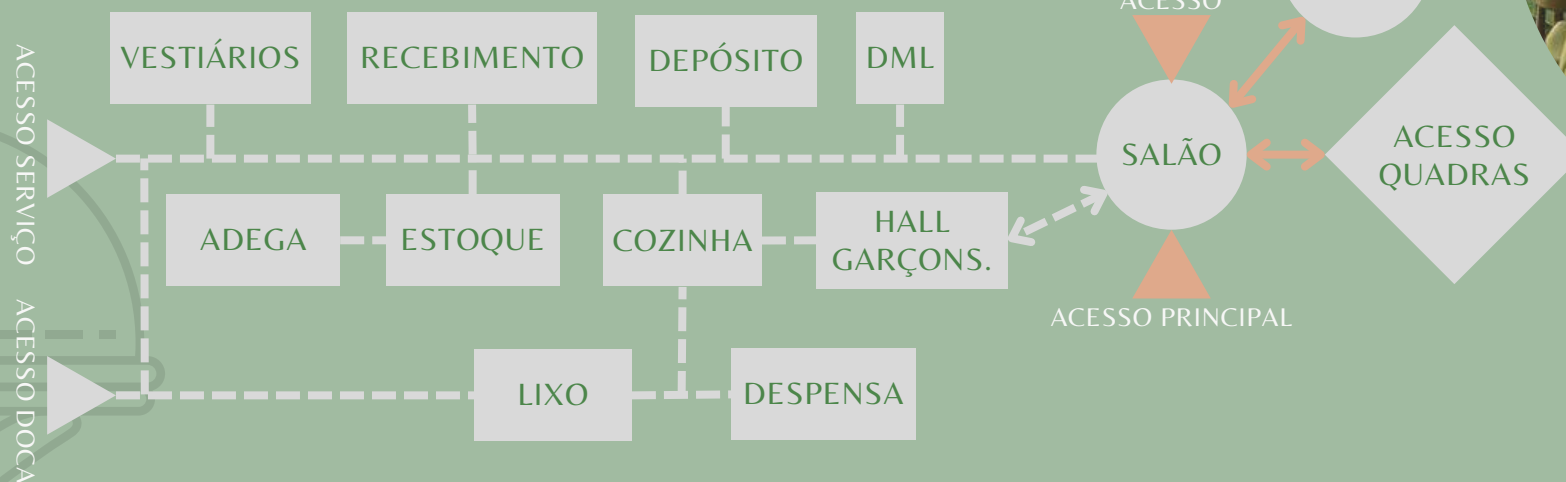
6.3.1 Lobby/ADM



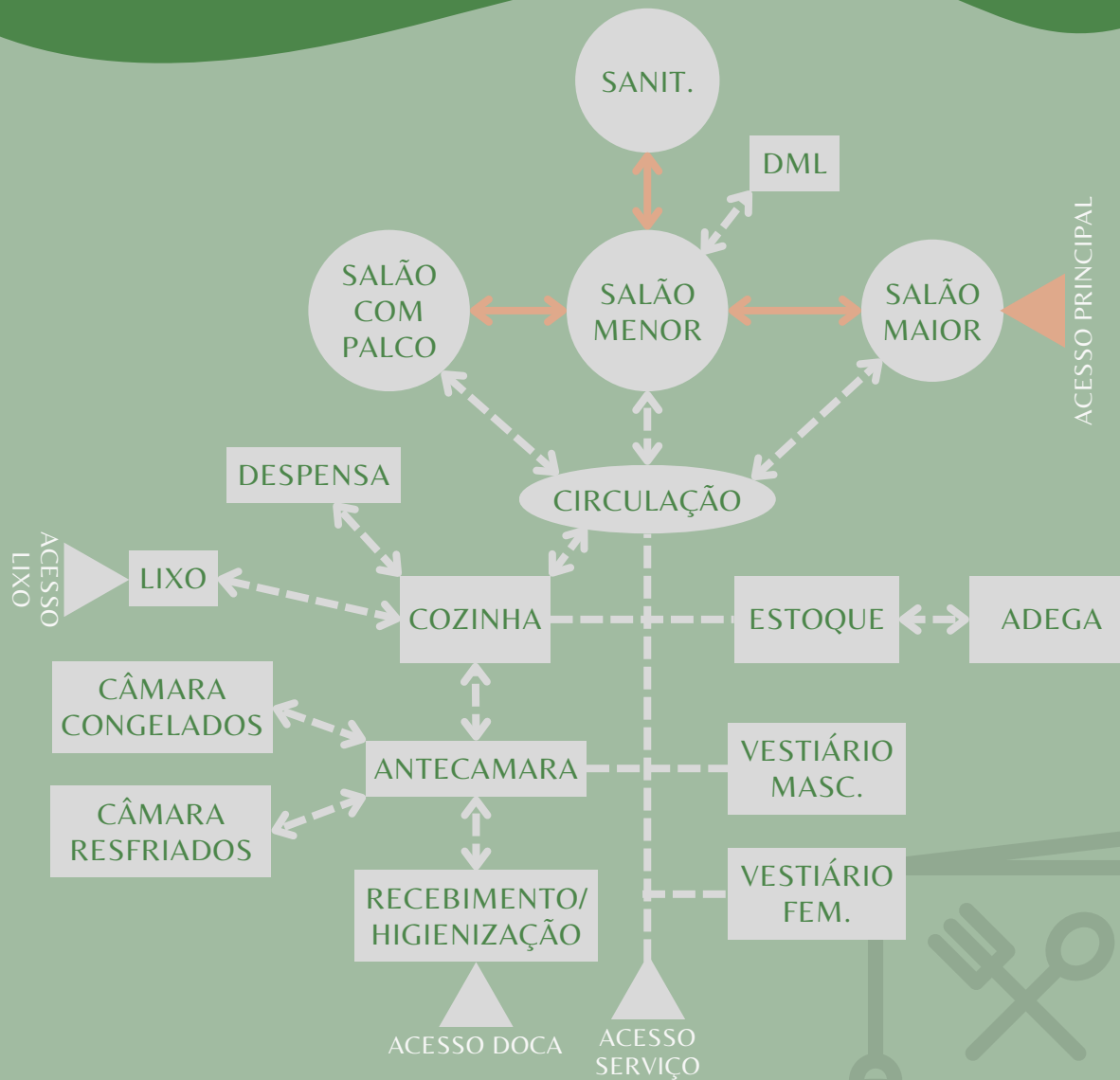
6.3.2 Doca/Apoio



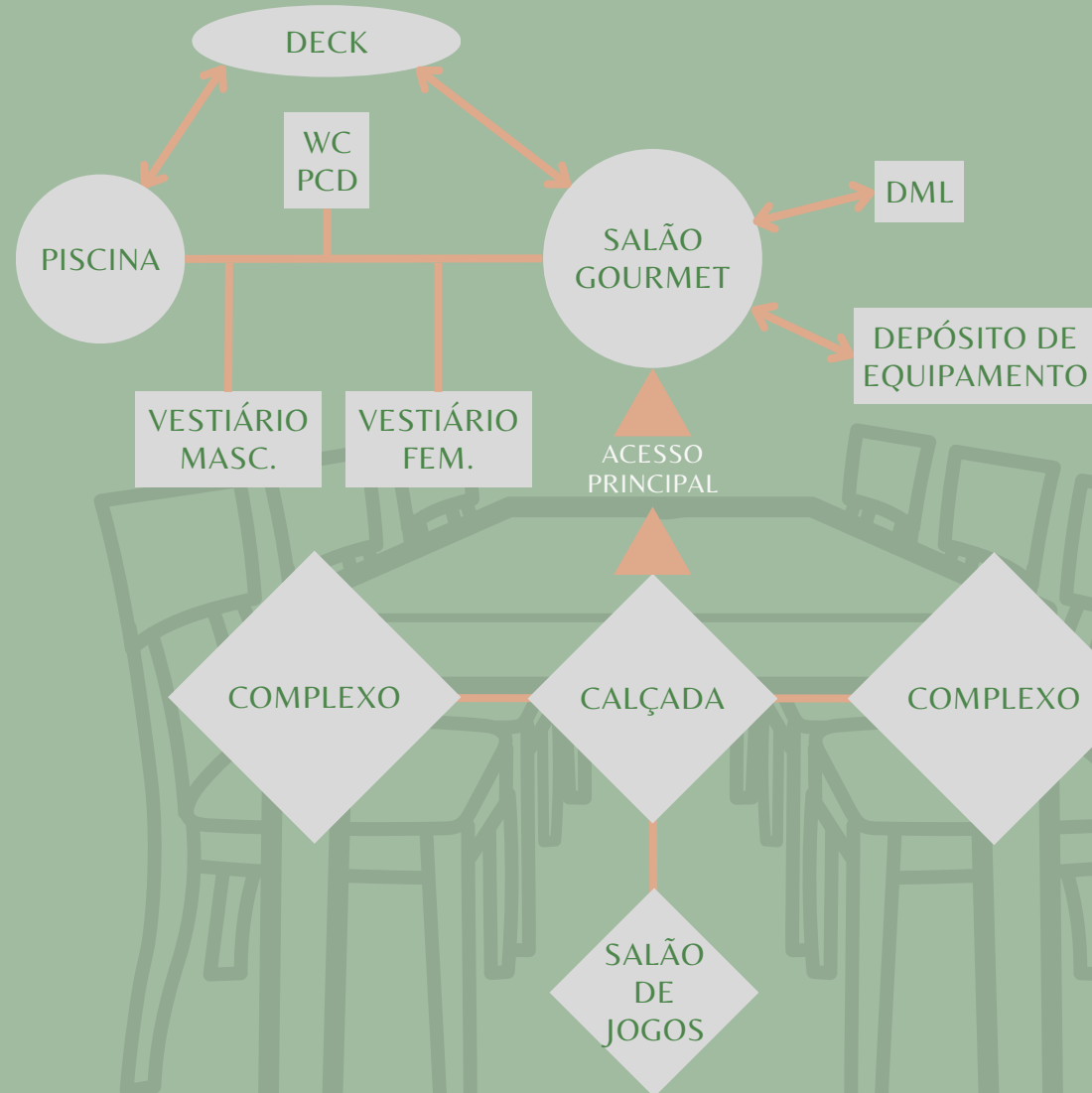
6.3.3 Espaço Lazer



6.3.4 Restaurante Mirante



6.3.5 Lazer Interno



6.4 PRÉ-DIMENSIONAMENTO

PRÉ-DIMENSIONAMENTO				
BLOCO	DESCRIÇÃO	ÁREA ESTIMADA	QTD.	ÁREA TOTAL
ADMINISTRAÇÃO/LOBBY	RECEPÇÃO E SALAS DO SETOR ADMINISTRATIVO	1.280m ²	1	1.280m ²
APOIO/DOCA	DOCA, ARMAZÉNS, VESTIÁRIOS E LAVANDERIA	540m ²	1	540m ²
ESPAÇO LAZER	SPA, RESTAURANTE E PISCINAS	2.700m ²	1	2.700m ²
RESTAURANTE MIRANTE	RESTAURANTE DE GASTRONOMIA LOCAL	1.280m ²	1	1.280m ²
CONCHA ACÚSTICA	PALCO COM CONCHA ACÚSTICA E ARQUIBANCADAS	390m ²	1	390m ²
MUSEU	MUSEU ANEXADO À CONCHA ACÚSTICA	240m ²	1	240m ²
LAZER INTERNO	SALÇÃO GOURMET, PISCINA E SALÃO DE JOGOS	600m ²	1	600m ²
TIROLESA	TIROLESA DE 95 METROS DE COMPRIMENTO	70m ²	2	140m ²
BANGALÔ TIPO 1	BANGALÔ COM 1 SUÍTE	73m ²	15	1.095m ²
BANGALÔ TIPO 2	BANGALÔ COM 1 SUÍTE E COZINHA	100m ²	10	1.000m ²
BANGALÔ TIPO 3	BANGALÔ COM 2 SUÍTES, COZINHA E SALA	160m ²	6	960m ²
LOJA	LOJA DE CONVENIÊNCIA/ARTESANTATO	85m ²	2	170m ²
GUARITA	CONTROLE DE ACESSO DE PESSOAS	20m ²	2	40m ²
QUADRA POLIESPORTIVA		590m ²	1	590m ²
QUADRA DE TÊNIS		350m ²	1	350m ²
QUADRA DE AREIA		265m ²	2	530m ²
CAMPO DE PAINTBALL	CAMPO COM OBSTÁCULOS, COBERTURAS E ESTRUTURAS DE CENÁRIO	6.300m ²	1	6.300m ²
CAMPO DE ARVORISMO	CIRCUITO DE OBSTÁCULOS DE ESCALADA E ARVORISMO	2.600m ²	1	2.600m ²

Tabela 3 – Pré-dimensionameto

Fonte: Autor

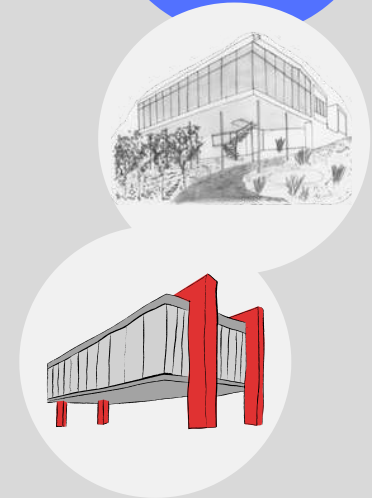
6.5 DIRETRIZES DE PROJETO

Dentre as diretrizes de projeto adotadas, a estrutura em aço é a que permite grandes vãos e um canteiro de obras mais "seco", possibilitando também a arquitetura suspensa, preservando a topografia e a natureza, permitindo também as formas orgânicas adotadas no paisagismo e arquitetura

- ESTRUTURA EM AÇO



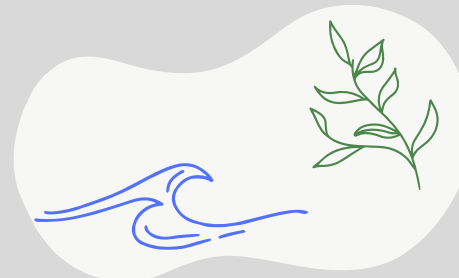
- ARQUITETURA SUSPensa



- PRESERVAÇÃO DA NATUREZA



- FORMAS ORGÂNICAS



6.5.1 IMPLANTAÇÃO

Figura 56: Implantação geral

Fonte: Autor, 2023



A implantação foi pensada de modo a preservar o máximo da vegetação existente e criar espaços de contato com a natureza como trilhas e espaços de lazer, com o paisagismo voltado a criar uma ambientação imitando um bosque, com vegetação de pequeno, médio e grande porte, usando da vegetação como proteção contra a insolação e como meio de trazer mais privacidade às pessoas dentro das edificações.

A divisão dos fluxos de serviço e hóspede ocorre na separação dos acessos, e os deslocamentos podem ser feitos a pé ou com carrinhos de golfe em todos os caminhos, servindo como transporte de PCDs, prioritários, bagagens e pessoas feridas em casos de acidente.

Na Figura 57 é possível observar onde foram feitas intervenções paisagísticas, bem como estares, playgrounds, campos de arvorismo e de paintball.

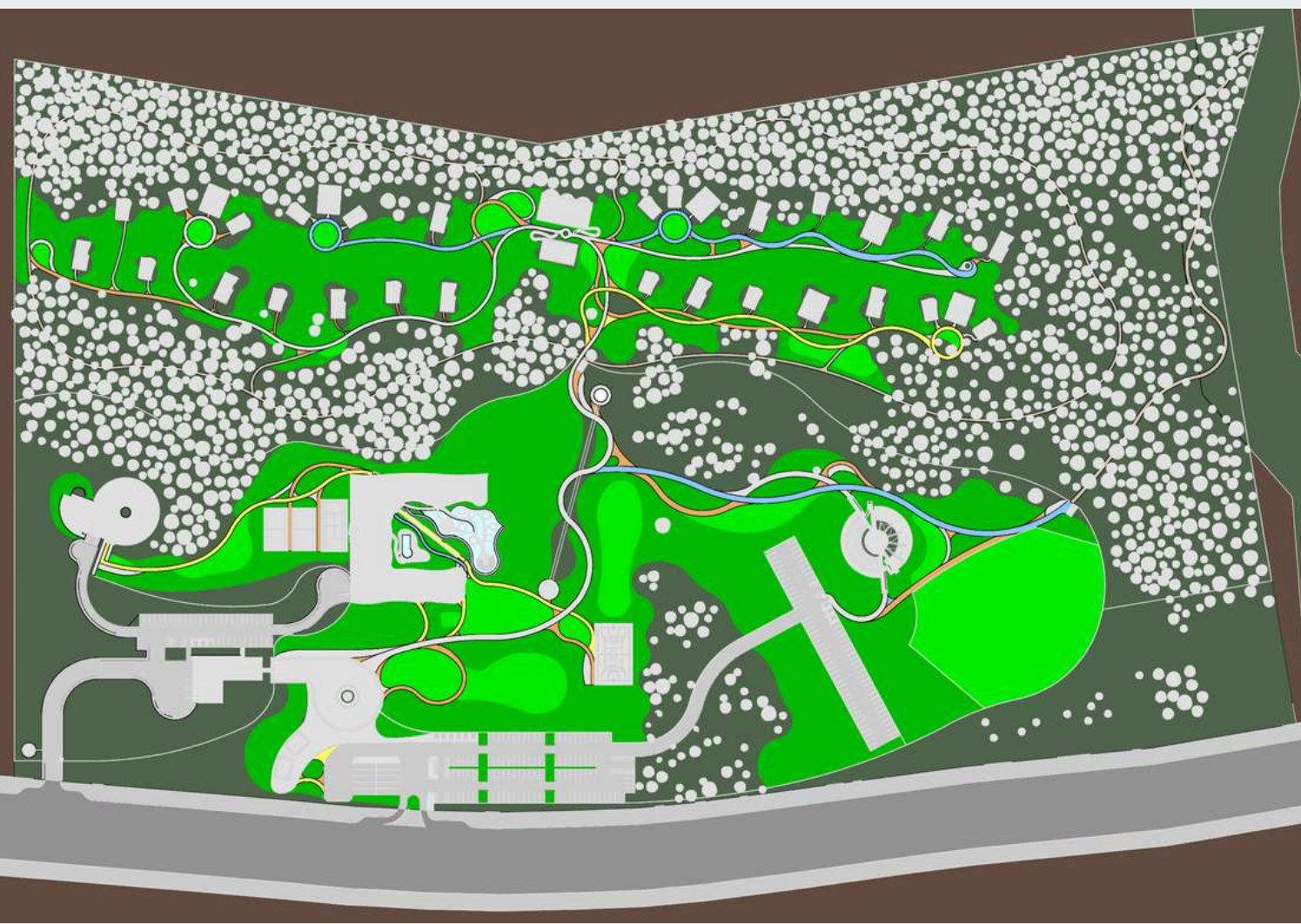


Figura 57: Implantação paisagística
Fonte: Autor, 2023

O paisagismo levou como princípio a criação de espaços cercados por vegetação densa, similar a um bosque, servindo também como escudo contra a insolação e para melhorar a privacidade dos bangalôs (Figura 58).



Figura 58:
Intervenções
paisagismo
Fonte: Autor,
2023

6.5.2

LOBBY/ADMINISTRAÇÃO

O lobby é o primeiro contado dos visitantes com o complexo, onde normalmente as pessoas passarão um tempo na recepção ou apenas atravessarão para entrar no complexo, o bloco aproveita a divisão de fluxos que ocorre já na implantação para separar o setor administrativo do lobby, como mostra a Figura 59, trazendo proximidade e conveniência sem cruzar fluxos de visitantes com o de funcionários desnecessariamente.

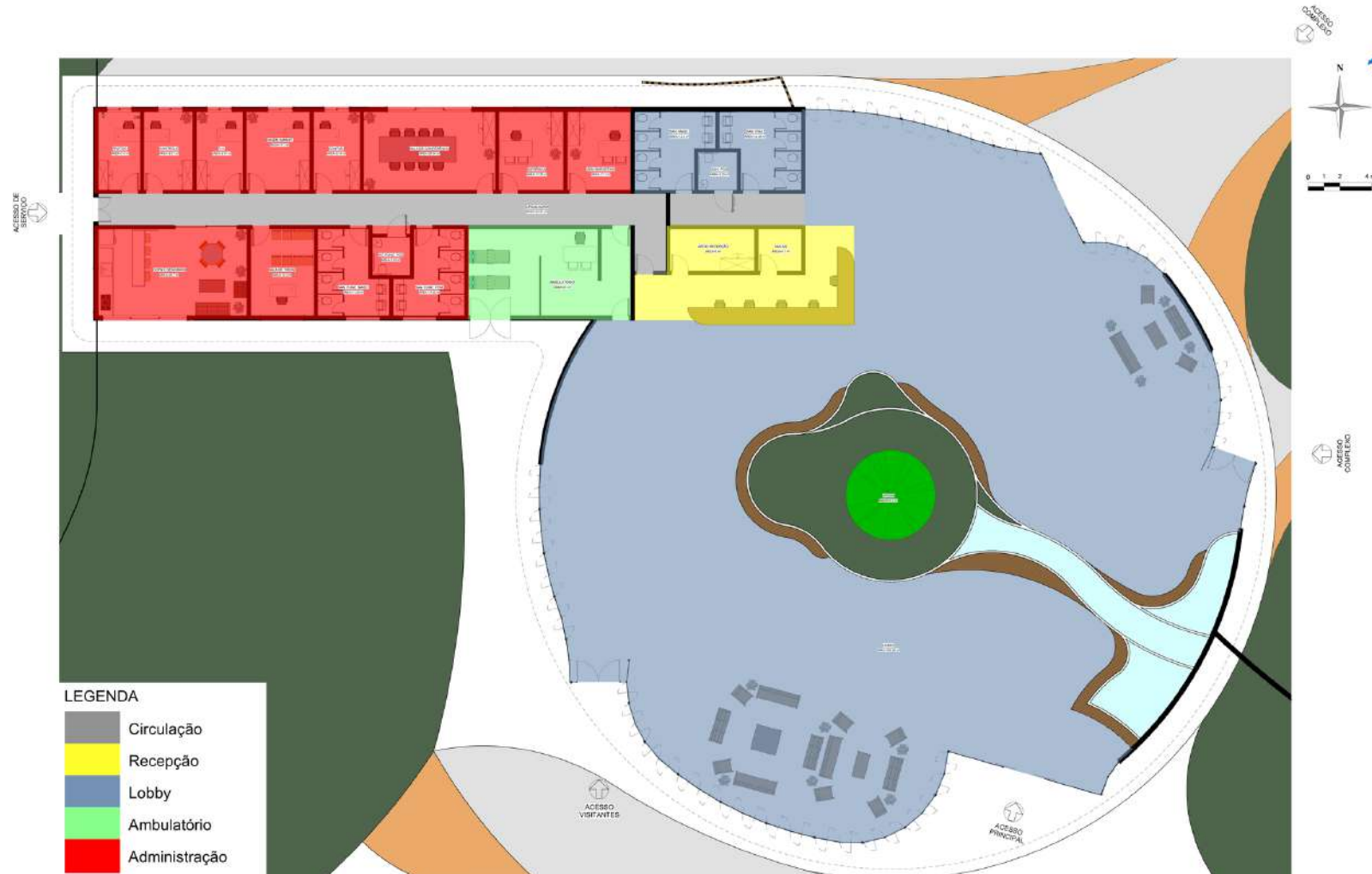


Figura 59: Setorização lobby/adm

Fonte: Autor, 2023

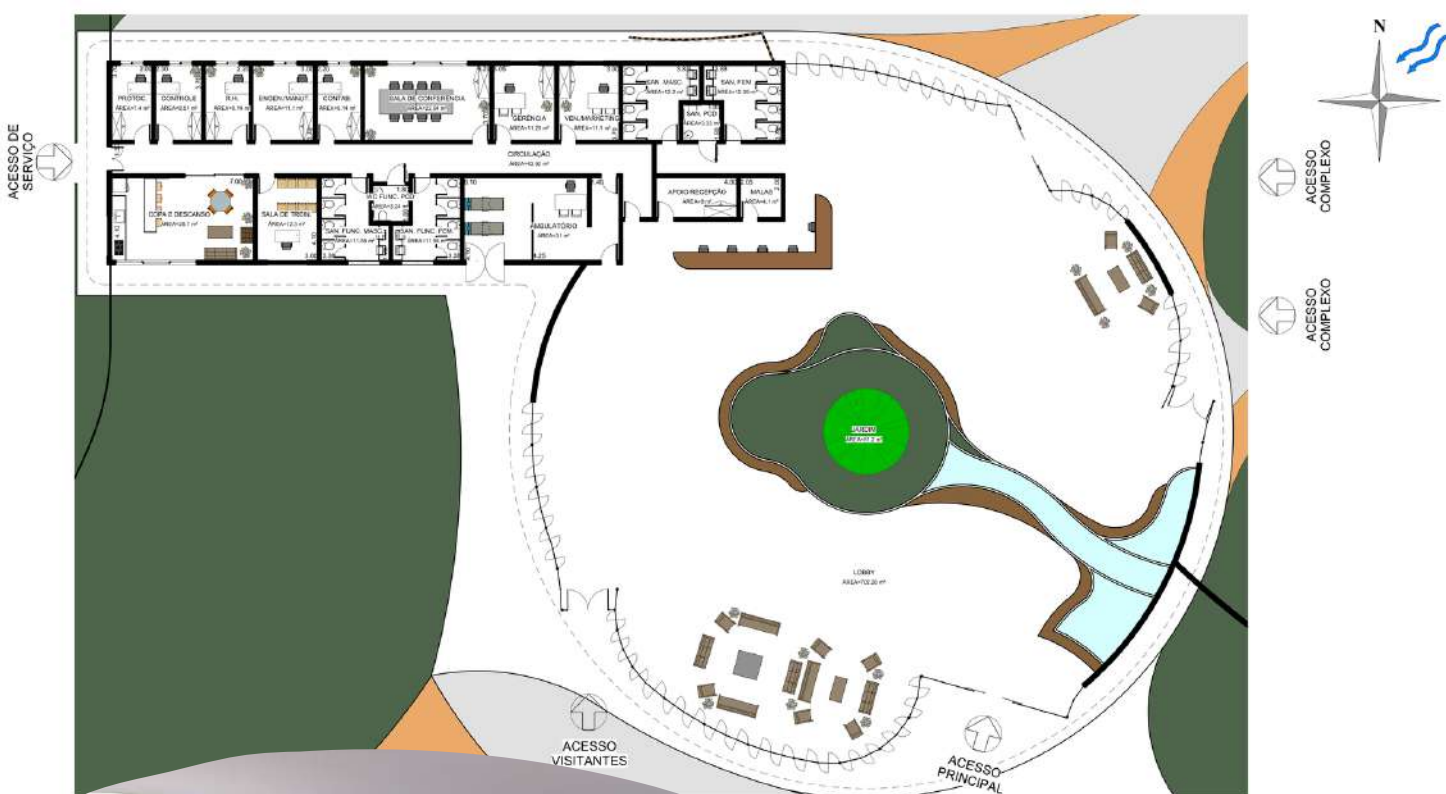


Figura 60: Layout lobby/adm
Fonte: Autor, 2023



Figura 61: Lobby
Fonte: Autor, 2023



Figura 62: Entrada do lobby
Fonte: Autor, 2023

O princípio adotado para o projeto do lobby foi o de criar uma planta retilínea na parte administrativa, mas que não se limitasse a formas retas apenas, com o lobby sendo desenhado em uma forma circular e ampla visando se tornar mais convidativo e menos entediante, com espaços de descanso, uma fonte e um jardim central abaixo de uma abertura zenital (Figura 60).

Os painéis de vidro permitem a iluminação natural, como mostra a Figura 61, e por serem pivotantes possibilitam a abertura para a ventilação do edifício, os mesmos possuem pilares circulares de aço ao longo da parede de vidro, que distribuem a carga estrutural da cobertura (Figura 62).

6.5.3

DOCA/APOIO

O bloco de apoio conecta o administrativo com o acesso de serviço, portanto é o ponto de controle pelo qual cargas e funcionários devem, passar, nele se concentram o setor da doca/depósito, vestiários e o setor da lavanderia/rouparia (Figura 63), atendendo a todo o complexo, do bloco de apoio saem caminhos para os funcionários e distribuição de cargas para os outros equipamentos.



Figura 63: Setorização Doca/apoio
Fonte: Autor, 2023

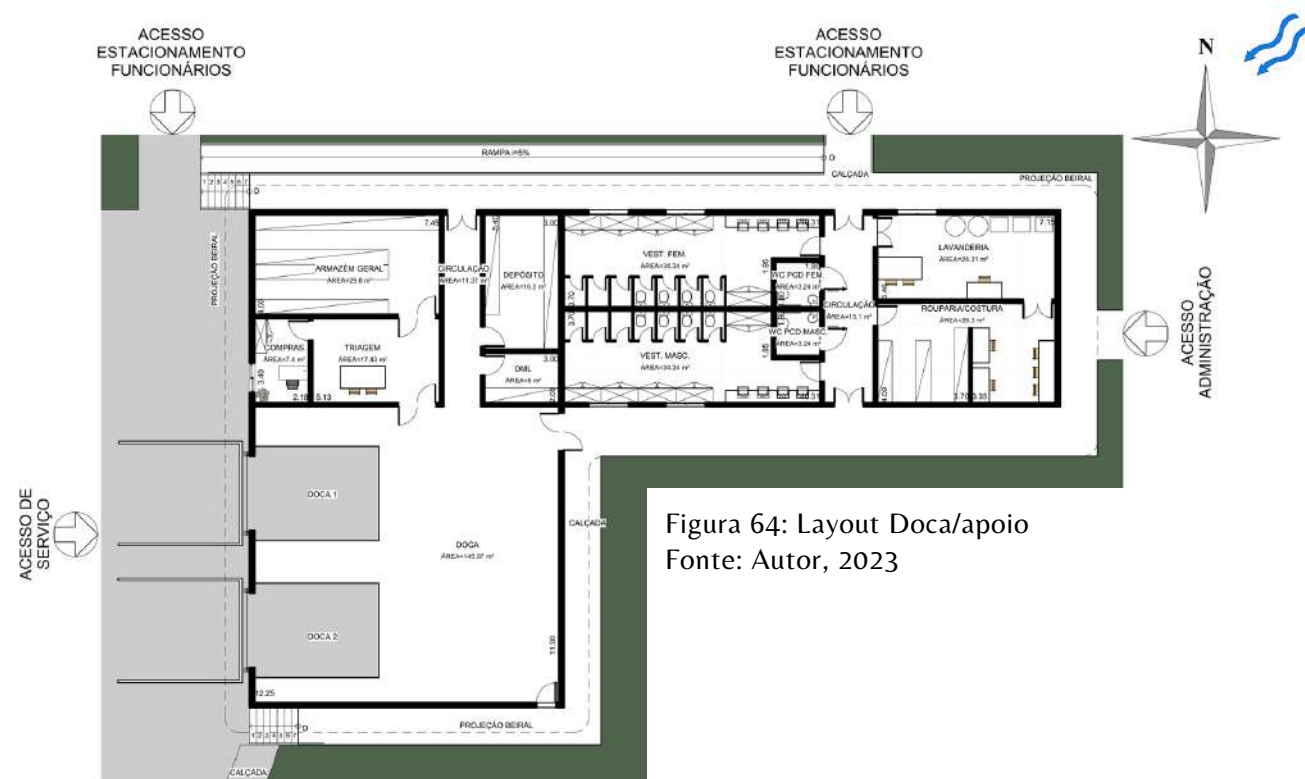


Figura 64: Layout Doca/apoio
Fonte: Autor, 2023

O bloco também conta com rampa de acesso para cadeirantes (Figura 64), devido ao desnível entre a parte mais alta e a mais baixa do terreno onde o bloco se encontra.

Apesar da forma mais simplificada o bloco de apoio ainda mantém a unicidade arquitetônica do complexo, como mostra a Figura 65, por meio do uso da mesma cobertura usada nos outros equipamentos.

Figura 65: Vista aérea Doca/apoio
Fonte: Autor, 2023



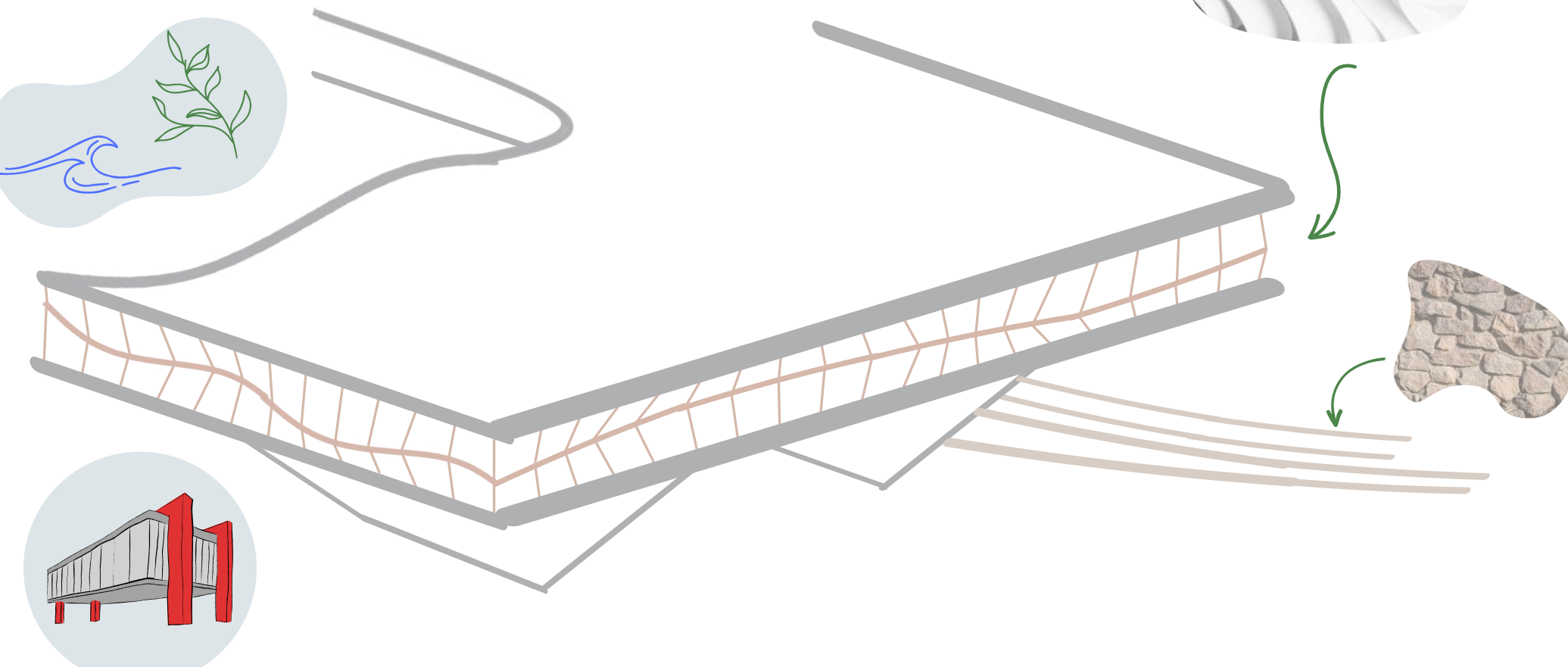
6.5.4

ESPAÇO LAZER

O bloco foi pensado para ser o centro do complexo e o primeiro com o qual os visitantes terão contato, além de interligar diversas atividades do complexo, estando situado em um declive, sua forma foi pensada visando manter a topografia natural, com uma estrutura que se eleva sobre pilares maciços que contrasta com as formas mais sinuosas dos brises e com a arquitetura ampla dos painéis de vidro.

CONCEITO

Além das formas orgânicas, o uso de texturas naturais foi implementado como forma de contraste ao branco sóbrio da edificação



O bloco é dividido em duas partes unidas pela cobertura (Figura 66), uma contendo o restaurante e a outra o spa, foram voltadas as vistas para o exterior, preservando a privacidade de quem está no espaço central, onde foi aproveitado para criar piscinas e lounges.



Figura 66: Vista aérea Lazer externo
Fonte: Autor, 2023

Os fluxos foram separados de modo que os funcionários se concentrem na parte oeste junto à doca (Figura 67), com o acesso principal bifurcando em caminhos que vão para o restaurante, spa e restaurante mirante (Figura 68).



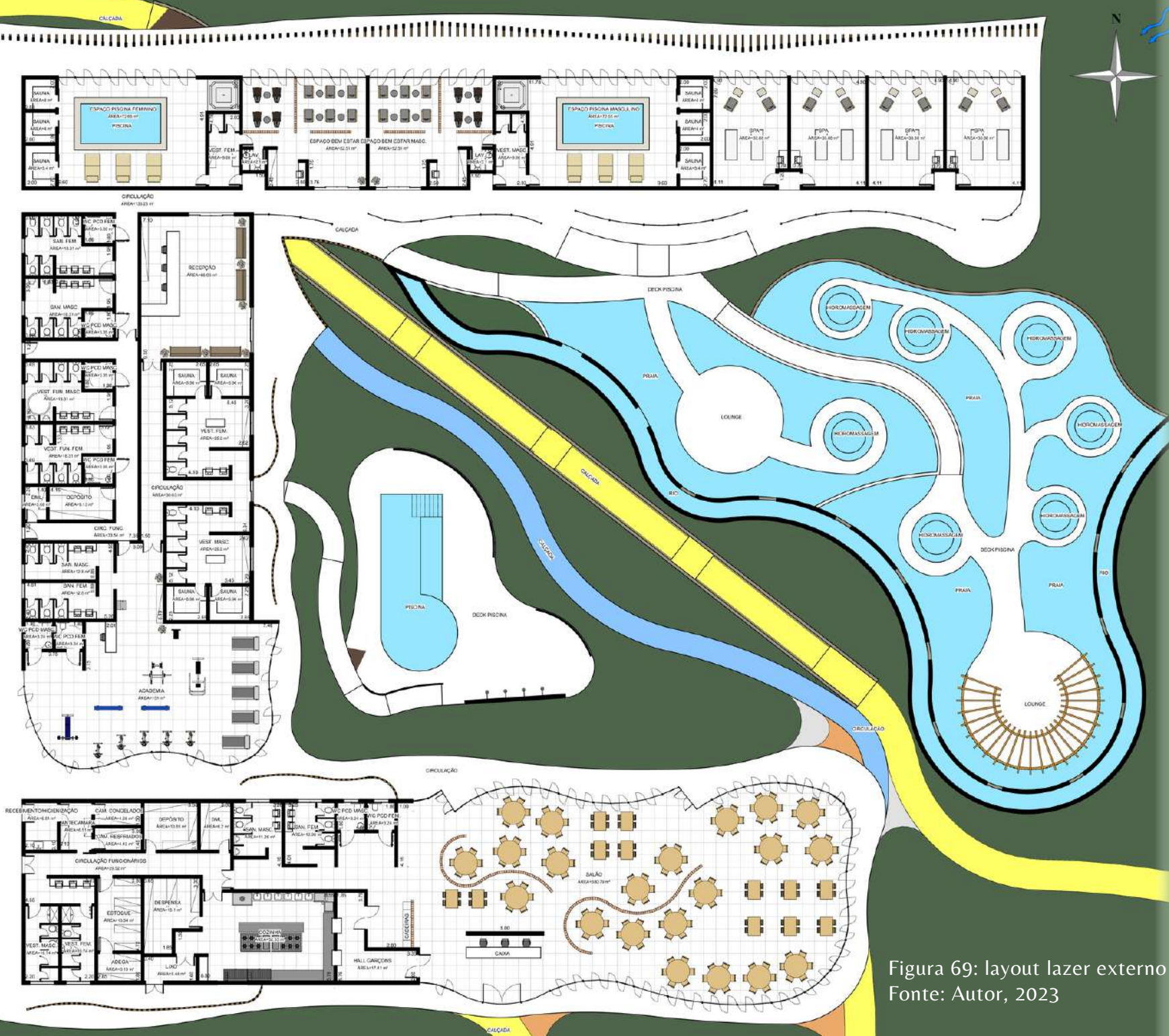
Figura 67: Setorização lazer externo
Fonte: Autor, 2023

LEGENDA

	Circulação		Cozinha
	Vestiários		Hall garçons
	Recepção		Salão/restaurante
	Saunas/spa		Academia
	Lixo		
	Depósitos		



Figura 68: Acesso lazer externo
Fonte: Autor, 2023



Para um maior conforto térmico e aproveitamento da ventilação natural os blocos permitem a ventilação cruzada, possuem painéis pivotantes que permitem a circulação de ar, além da proteção solar e da privacidade oferecida pelos brises e beirais, que aumentam o conforto ambiental (Figura 69).

Figura 69: layout lazer externo
Fonte: Autor, 2023

Visando não afetar a privacidade de quem se encontra nos lounges e piscinas, as passagens que conectam o acesso ao spa e ao restaurante mirante são cercadas por vegetação, com um "rio" (Figura 70) separando-os da parte onde ficam as hidromassagens e lounges, funcionando como um córrego artificial elevado que distribui pequenas cascatas através do espaço para criar uma atmosfera mais agradável (Figura 71).

Figura 70: Rio lazer externo
Fonte: Autor, 2023



Figura 71: Lounge lazer externo
Fonte: Autor, 2023



Figura 72: Brises
lazer externo
Fonte: Autor, 2023

Figura 73: Rampa
lazer externo
Fonte: Autor,
2023



A passagem que conecta ao restaurante mirante necessita passar pelo bloco, visando não afetar os fluxos a passagem foi feita embaixo da parte suspensa do bloco, onde se encontra o spa, de modo que a rampa acompanhe o relevo, diferentemente da edificação (Figuras 72 e 73).

6.5.5

RESTAURANTE MIRANTE

O restaurante mirante é destinado ao turismo gastronômico, onde, diferentemente do restaurante do espaço de lazer, o foco é criar uma experiência, tanto por meio da arquitetura quanto por meio da culinária local.

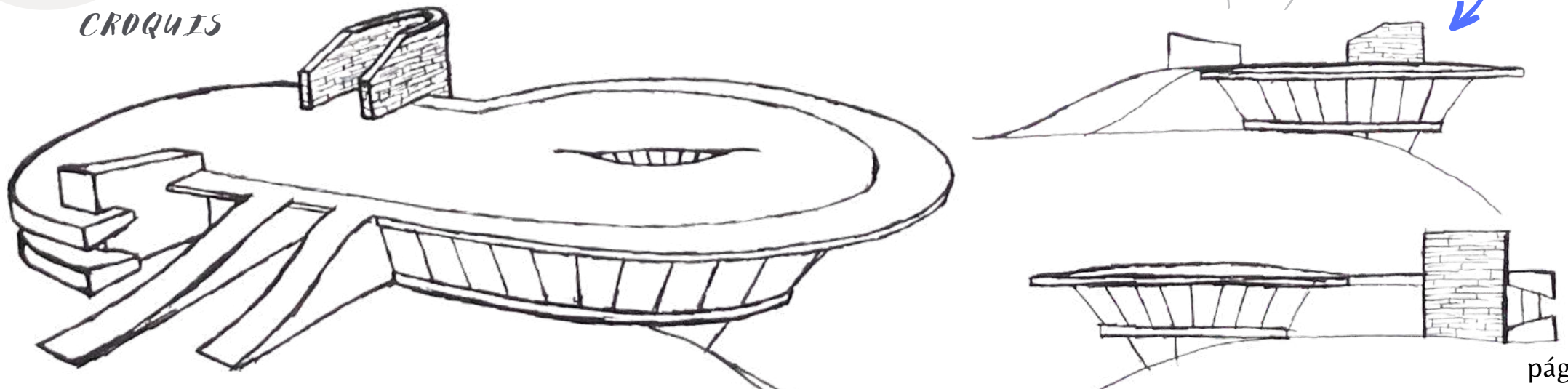
A premissa inicial do edifício foi aproveitar o declive criando uma parte suspensa que teria uma vista mais avantajada devido aos painéis de vidro, como um mirante sobre um morro.

CONCEITO

As referências adotadas partem de obras suspensas, com aberturas amplas para circulação de ar, sendo a principal inspiração a arquitetura em bambu da Indonésia.



CROQUIS



Circulação	Cozinha
Recepção	Vestiários
Salão maior	Depósito/docas
Salão menor	Lixo
Salão com palco	

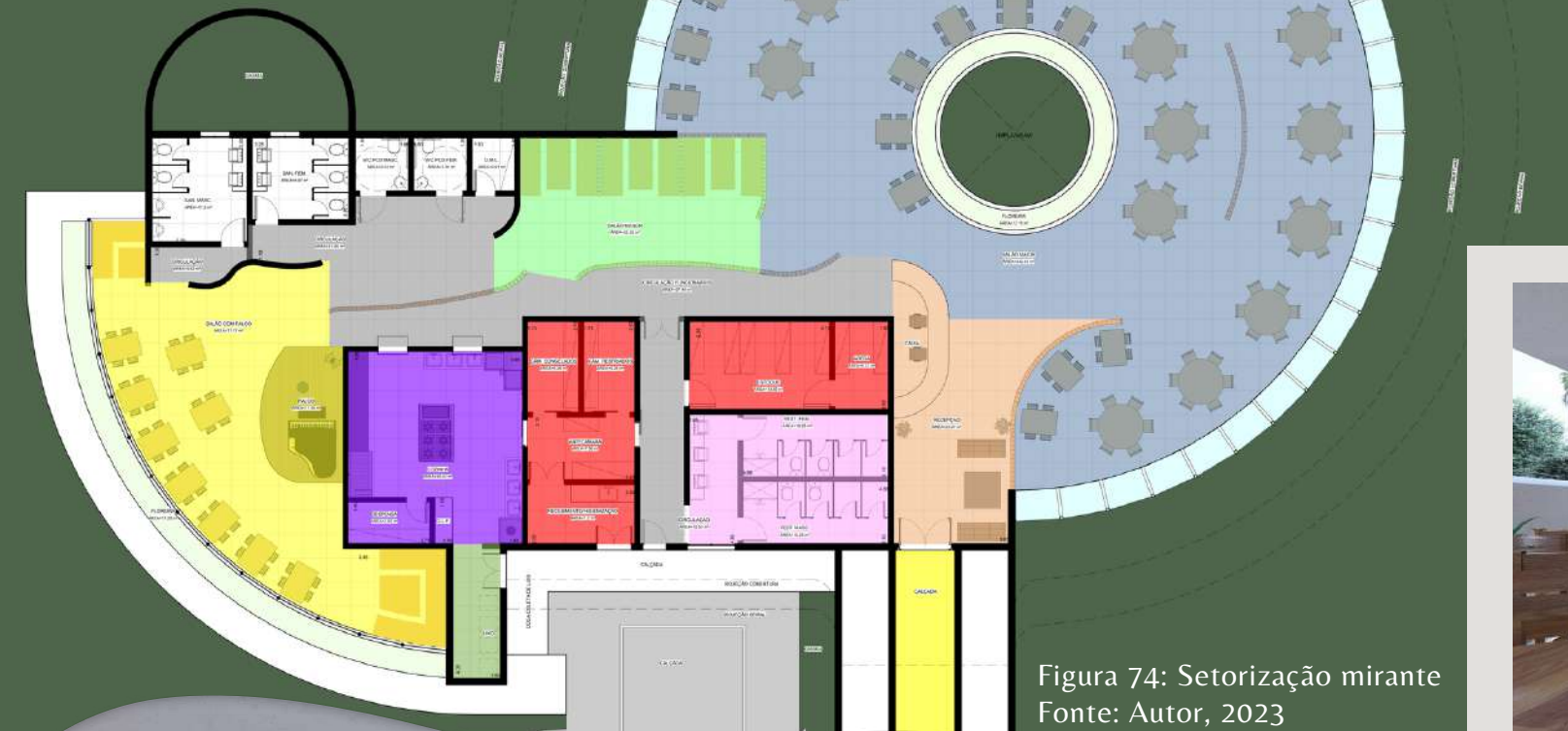


Figura 74: Setorização mirante
Fonte: Autor, 2023

O restaurante busca trazer uma experiência através do ambiente, tendo 3 salões diferentes (Figura 74), cada um com diferentes características e relações com o exterior, sendo o salão maior o mais amplo e iluminado naturalmente, enquanto que o segundo é mais fechado e pequeno, e o terceiro bastante reservado, contendo um palco para música ao vivo.



Figura 76: Salão com palco
Fonte: Autor, 2023

Figura 75: Salão maior
Fonte: Autor, 2023



O salão maior (Figura 75) é a parte da edificação que fica suspensa sobre o terreno, tendo painéis que permitem a entrada de luz natural, bem como uma abertura central, o "impluvium" que em dias chuvosos permite que a água escorra para a floreira como uma cascata, enquanto que no salão com palco (Figura 76) o mesmo princípio é aplicado à floreira através do muro, que possui topo inclinado em direção a esta.

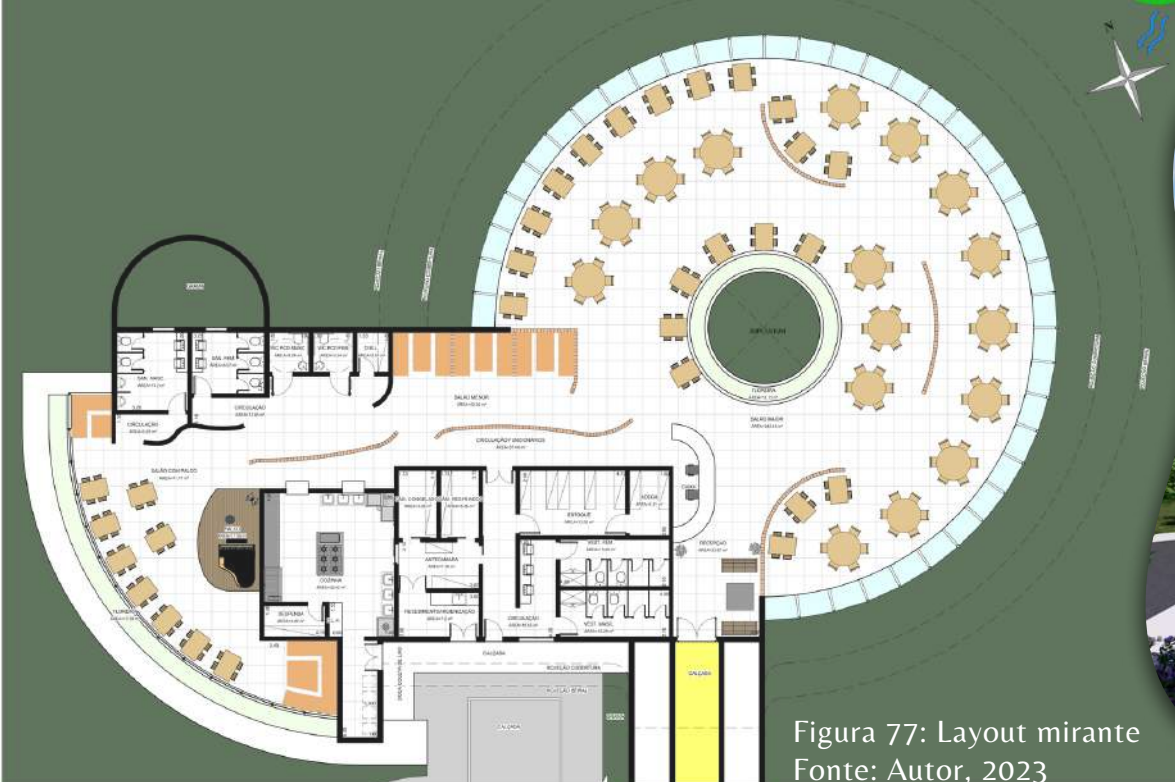


Figura 77: Layout mirante
Fonte: Autor, 2023



Figura 78: Vista aérea mirante
Fonte: Autor, 2023

O edifício separa os fluxos de funcionários e visitantes (Figura 77), mas devido a proximidade dos seus respectivos acessos foi necessário criar uma barreira visual para que não haja contato direto entre eles, usando a própria arquitetura do edifício para realizar tal separação, como mostra a Figura 78, também foi possível tirar partido da topografia ao criar uma elevação e uma vista mais privilegiada para o salão principal (Figura 79).



Figura 79: Perspectiva mirante
Fonte: Autor, 2023

6.5.6 TIROLESA

A tirolesa é uma atividade de turismo de aventura que tira partido do declive do terreno para explorar a vista de maneira a atrair turistas que gostam deste tipo de atividade, o projeto também permite que PCDs possam usufruir desta experiência por meio do elevador acessível (Figuras 80 e 81).

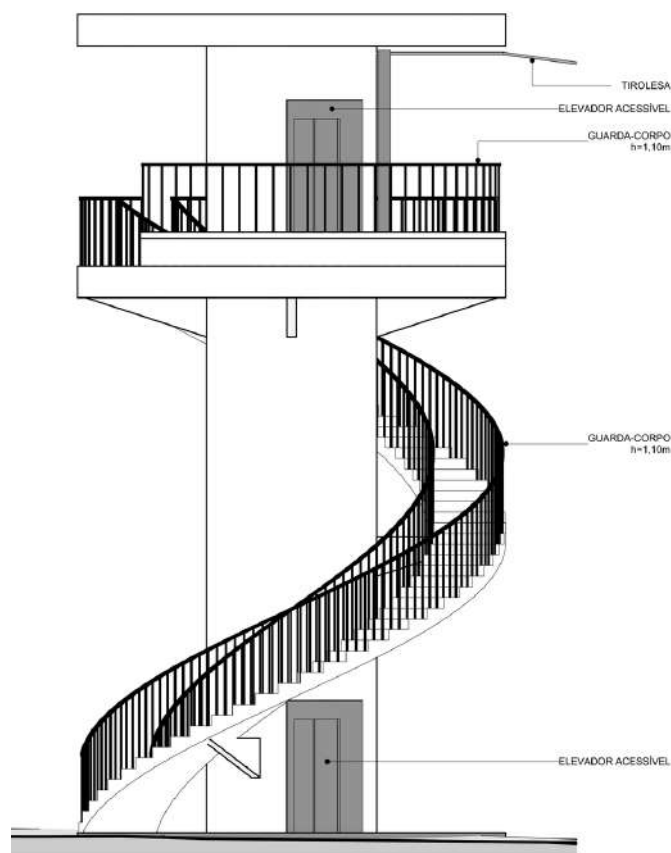


Figura 80: Fachada tirolesa
Fonte: Autor, 2023

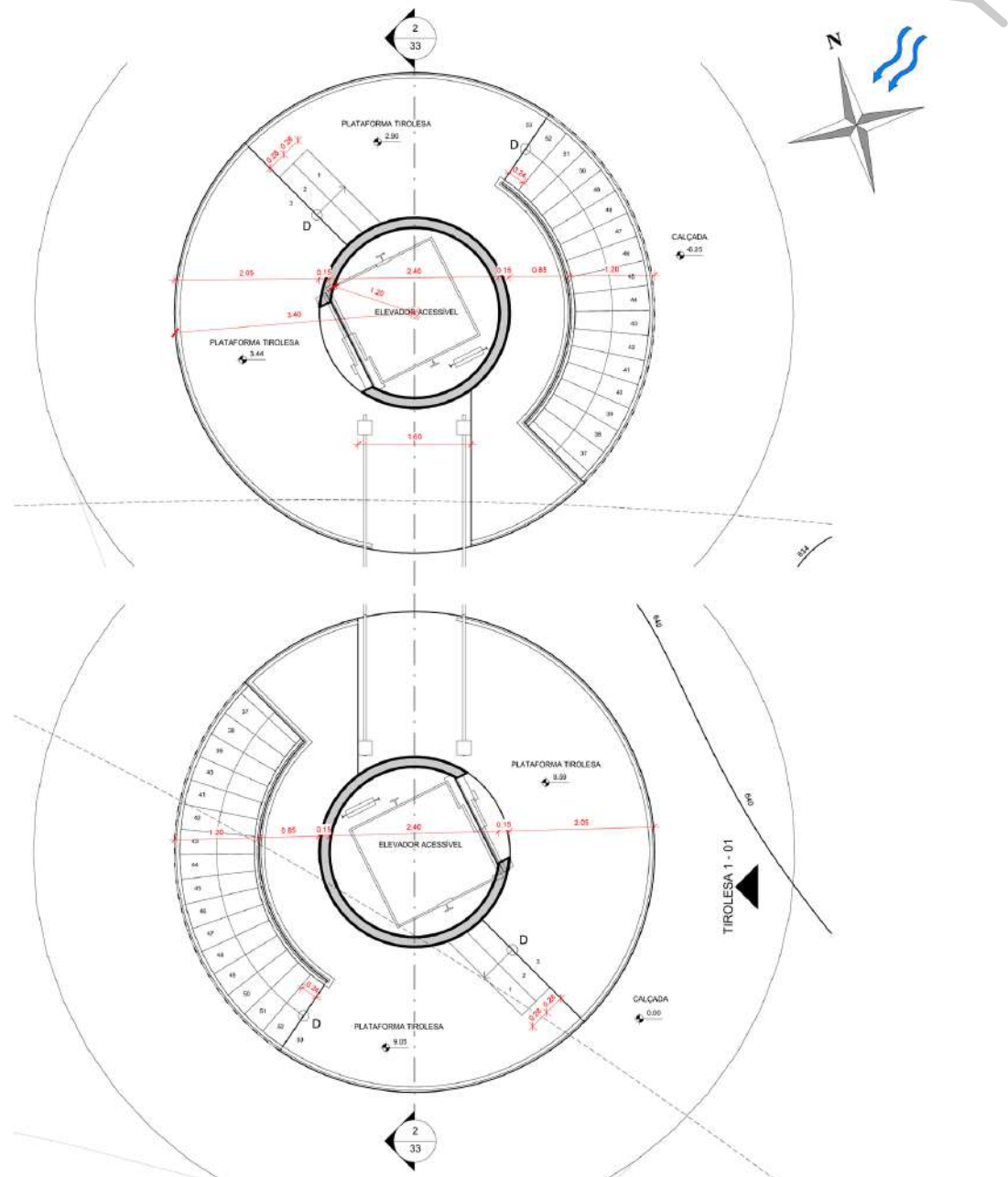


Figura 81: Planta baixa tirolesa
Fonte: Autor, 2023



A estrutura segue a mesma linguagem dos outros equipamentos, elevando-se 9 metros a partir do solo para criar um distanciamento seguro da vegetação e para que a vista durante o percurso de 95 metros de comprimento seja mais memorável, como pode ser visto na Figura 82.

Figura 82: Vista aérea tirolesa
Fonte: Autor, 2023

6.5.7 ARVORISMO

Os campos de arvorismo (Figura 83) são circuitos contendo paredes de escaladas e plataformas de percurso presas a árvores ou postes, este tipo de atividade de turismo de aventura costuma ser bastante sustentável por não precisar de edificações e instalações robustas, tendo um baixo impacto ambiental.

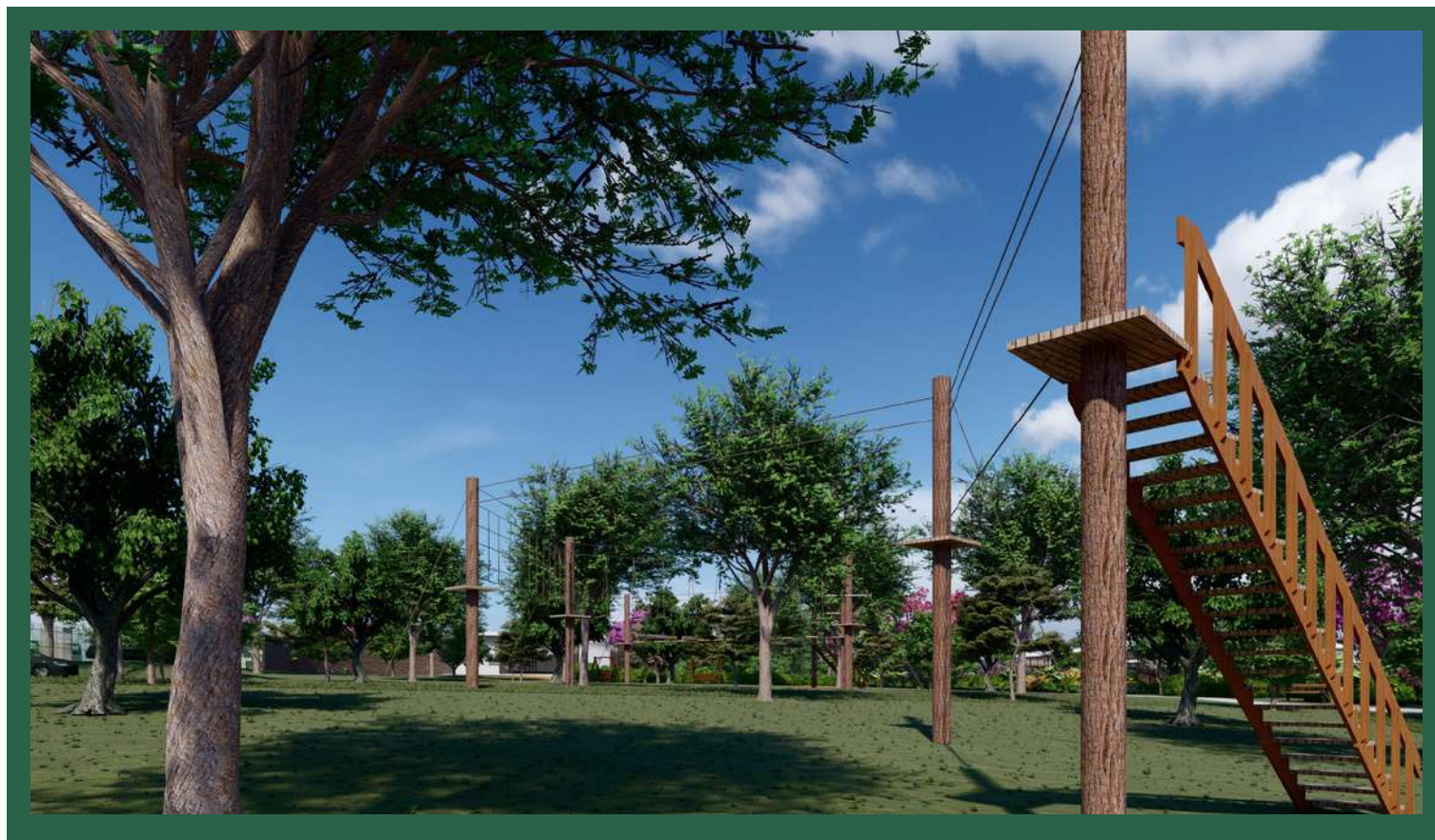


Figura 83; Perspectiva arvorismo
Fonte: Autor, 2023

6.5.8 *PAINTBALL*

O campo de paintball visa aproveitar a presença de natureza combinado com a localização afastada do centro urbano para criar uma atividade diferente, que possa atrair, junto com as quadras esportivas, pessoas que gostam de praticar atividades físicas.



Figura 85: Vista aérea paintball
Fonte: Autor, 2023



Figura 84: Perspectiva paintball
Fonte: Autor, 2023

Uma das vantagens é que, assim como o campo de arborismo, este possui baixo impacto ambiental, por não precisar de edificações, podendo muitas vezes ser composto por sucatas como pneus, veículos deteriorados e outros objetos que possam servir de obstáculo (Figuras 84 e 85).



6.5.9 TRILHAS



O complexo possui duas trilhas: uma interna situada na área dos bangalôs, que percorre a vegetação existente, e outra trilha que dá acesso ao Rio da Casca e a Cachoeira da Martinha, atravessando a mata nativa e a APP do rio, ambas possuem controle de acesso por uma guarita (Figura 86).

As trilhas trazem a possibilidade dos visitantes de caminharem pela mata e visitarem a cachoeira que é uma das principais atrações turísticas da região, buscando atrair pessoas que se interessam por ecoturismo.

ACESSO

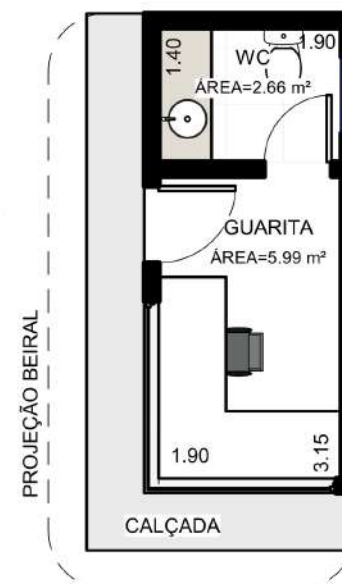
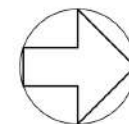
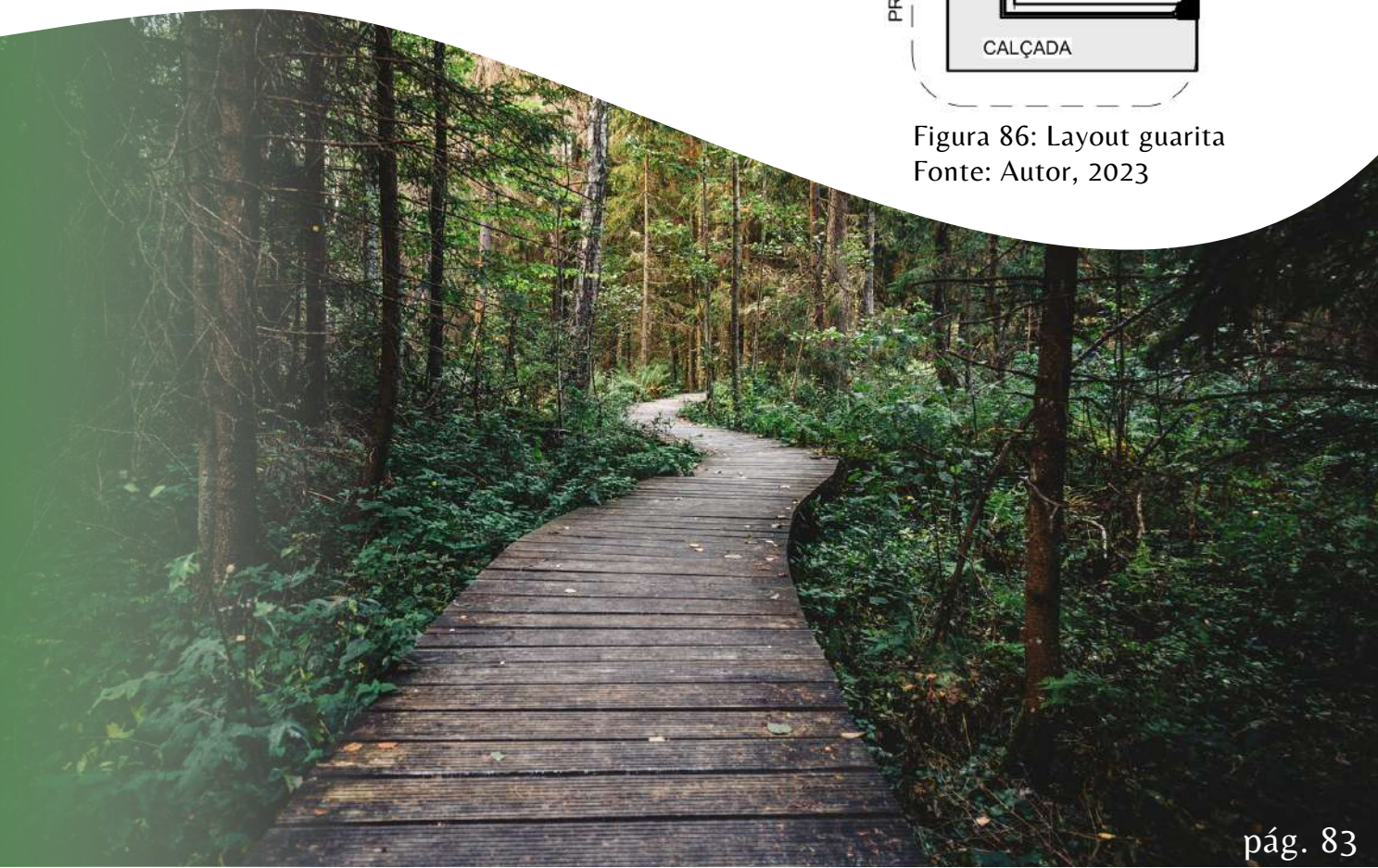


Figura 86: Layout guarita
Fonte: Autor, 2023



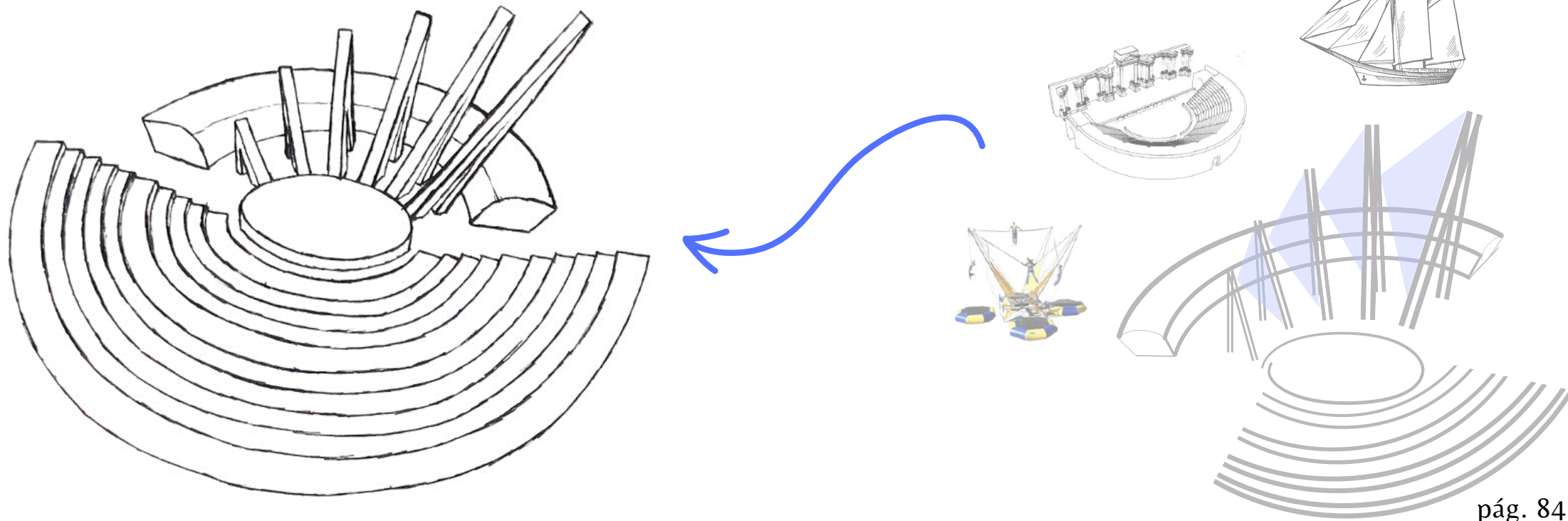
6.5.10

CONCHA ACÚSTICA/MUSEU

Buscando unir as atividades de turismo cultural foi idealizado um bloco que contivesse um museu destinado à cultura local, juntamente com um espaço para performances teatrais, visando implantar em um terreno em declive, inspirado nos teatros gregos que se assentavam em arquibancadas naturais, reduzindo trabalhos com movimentação de terra ou construção.

CONCEITO

A forma é derivada principalmente dos teatros gregos, mas seu volume foi também inspirado em velas de navios antigos, buscando criar uma composição plástica com as formas circulares e triangulares, de maneira similar a um bungee trampolim.



O acesso é feito pelas laterais, onde rampas permitem a acessibilidade, com o palco também acessível circundado por 150° de arquibancada de um lado e pelo museu no lado oposto (Figura 87), com a exposição contendo uma bela vista devido aos painéis de vidro.

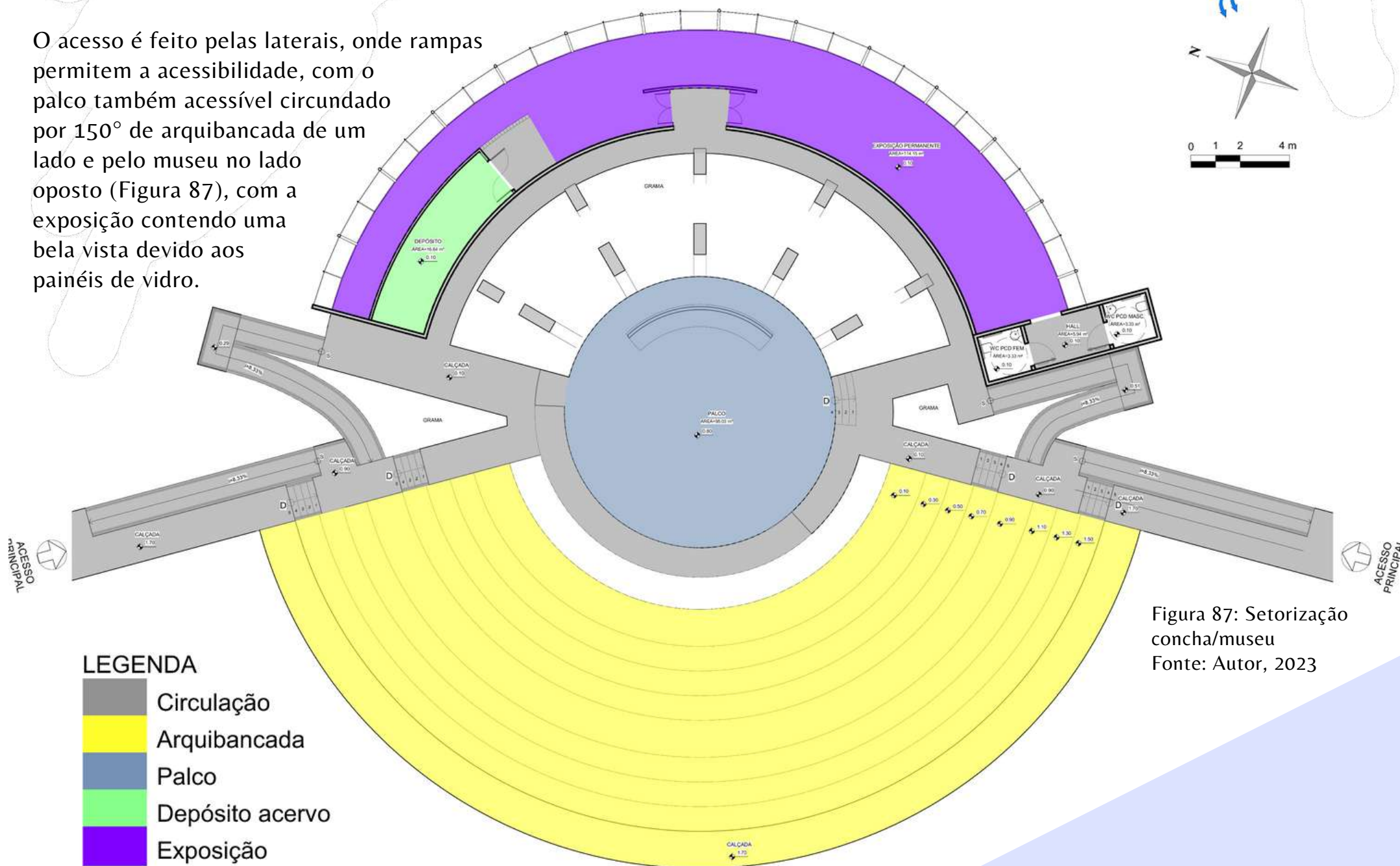


Figura 87: Setorização concha/museu
Fonte: Autor, 2023

Foram incorporados elementos buscando melhor desempenho acústico ao projeto, como a concha acústica (Figura 90), que em conjunto com as lonas tensionadas presas aos elementos metálicos (Figuras 88 e 89), trazem um melhor condicionamento acústico evitando a reverberação.

Figura 88: Vista aérea concha/museu
Fonte: Autor, 2023



Figura 90: Vista aérea 2
concha/museu
Fonte: Autor, 2023



Figura 89: Perspectiva concha/museu
Fonte: Autor, 2023



Outra função das lonas é a de servir como tela para shows de luzes em conjunto com as performances teatrais ou para iluminações visando trazer uma valorização ao edifício (Figuras 91 e 92).



Figura 91: Perspectiva 2 concha/museu
Fonte: Autor, 2023



Figura 92: Perspectiva noturna concha/museu
Fonte: Autor, 2023



6.5.11

BANGALÔS

Visando atender ao público-alvo mais amplo possível, o projeto contém três tipos diferentes de bangalôs espalhados individualmente, cada um destinado a estadias e usos diferentes, mas seguindo a mesma linguagem arquitetônica do restante do projeto, principalmente na preservação da topografia por meio de varandas suspensas, com a diferença de serem mais próximos à vegetação, que cerca os bangalôs como um bosque para dar privacidade e limitar a circulação de pessoas fora dos caminhos (Figura 93).

Também foram espalhadas quatro vilas (Figuras 94 e 95) que contém tipos mesclados de bangalô, trazendo uma nova opção de hospedagem que contempla grupos maiores de pessoas que desejam bangalôs mais próximos entre si.



Figura 93: Perspectiva bangalôs
Fonte: Autor, 2023



Figura 94: Perspectiva vila azul
Fonte: Autor, 2023



Figura 95: Perspectiva vila amarela
Fonte: Autor, 2023

As vilas possuem identidades relacionadas a cor do caminho que leva a elas, com o paisagismo contendo espécies da mesma cor, como o Ipê Branco e o Ipê Amarelo, na vila branca e vila amarela, respectivamente.

BANGALÔ TIPO 1

O primeiro tipo de bangalô é o mais básico, possuindo uma suíte e uma varanda (Figura 97), contudo este possui duas configurações (Figura 96): uma cama de casal ou duas camas de solteiro; sendo projetado para ter mais privacidade por meio dos brises (Figura 98) e da ausência de aberturas na parte frontal, com o objetivo de trazer mais aconchego e privacidade.

Foi aproveitado o volume do reservatório de água para criar um obstáculo visual que permitiu que janelas mais amplas fossem colocadas nos banheiros, os painéis pivotantes em vidro opaco permitem ventilação sem afetar a privacidade

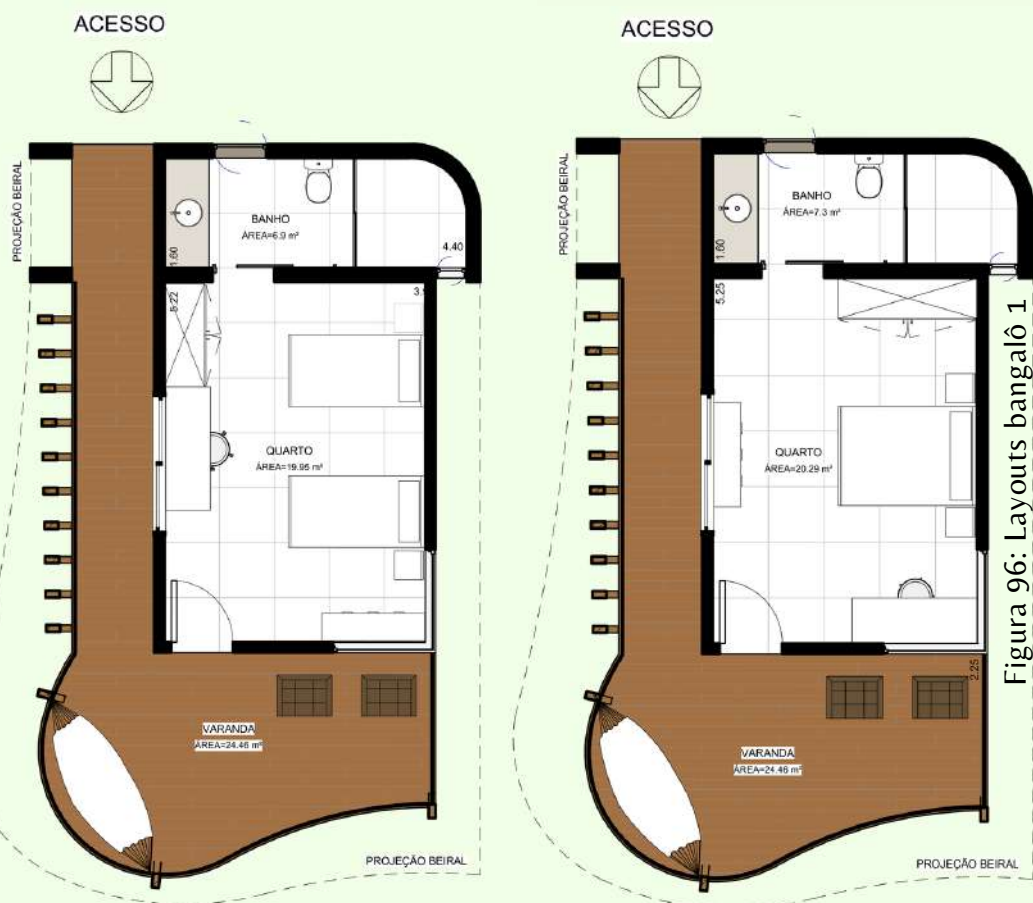


Figura 97: Vista aérea bangalô 1
Fonte: Autor, 2023

Figura 98: Perspectiva bangalô 1
Fonte: Autor, 2023

BANGALÔ TIPO 2

Visando atender àqueles que desejam passar mais tempo nos bangalôs e aproveitar melhor os mesmos, foi criado o tipo 2 (Figura 99), que além da suíte, conta com uma cozinha americana e uma varanda a mais, além de um ofurô aproveitando a vista da varanda (Figura 101).

Diferentemente do tipo 1, este possui uma varanda na entrada, trazendo um aspecto mais convidativo e aberto, mantendo a privacidade por meio de brises, com o quarto sendo voltado para a paisagem externa, visando tirar partido desta com uma porta de vidro que permite a iluminação, ventilação e aproveitamento da paisagem (Figura 100).



Figura 99: Perspectiva bangalô 2
Fonte: Autor, 2023



Figura 100: Vista aérea bangalô 2
Fonte: Autor, 2023



Figura 101: Layout bangalô 2
Fonte: Autor, 2023

BANGALÔ TIPO 3

O bangalô tipo 3 foi pensado para atender grupos de pessoas ou famílias que precisassem de um espaço maior do que os bangalôs 1 e 2, mas menor que uma vila, com a principal diferença sendo as aberturas, com painéis de vidro pivotantes que permitem uma iluminação e ventilação melhores, permitindo que mais pessoas ocupem sem ter problemas de conforto, como pode ser observado nas Figuras 102 e 103.

A maior capacidade de pessoas o torna um "bangalô mãe" nas vilas, por este possuir espaços de convívio como uma cozinha e sala de jantar integrados e um living, além de ser o único que possui duas suítes dentre os três tipos (Figura 104).



Figura 102: Perspectiva bangalô 3
Fonte: Autor, 2023

Figura 104: Layout bangalô 3
Fonte: Autor, 2023



Figura 103: Vista aérea bangalô 3
Fonte: Autor, 2023



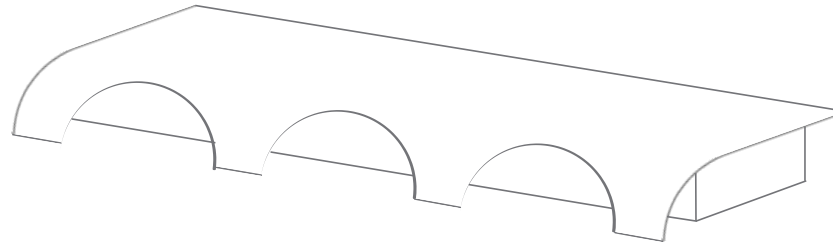
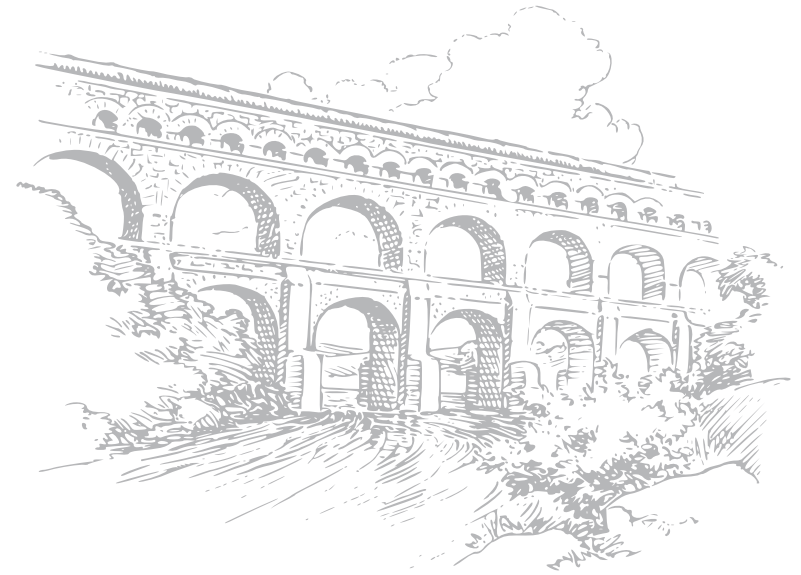
6.5.12

LAZER INTERNO

O equipamento visa trazer para os hóspedes dos bangalôs um espaço de lazer próprio e que possa ser acessado sem sair da área dos bangalôs, seguindo a mesma premissa de integração com a natureza que os espaços e bangalôs presentes no setor de hospedagem seguem.

CONCEITO

Por se tratar de um edifício que busca trazer mais integração com a natureza, sua forma também é inspirada nesta, combinando as formas dos aquedutos romanos com a Cachoeira da Martinha.



O equipamento foi dividido em dois blocos, um contendo o salão de jogos enquanto o outro possui um salão gourmet (Figura 105) com uma piscina interna e um deck voltado para o lado externo, aproveitando a vista do declive, ambos os blocos possuem rampas de acesso para cadeirantes, como pode ser observado nas Figuras 106 e 107.

A separação do salão de jogos permite que seu uso não seja comprometido pelo salão gourmet, visto que este poderia ser reservado por hóspedes, o que impediria que outras pessoas usassem o salão de jogos caso fossem no mesmo edifício.



Figura 106: Perspectiva lazer interno
Fonte: Autor, 2023



Figura 107: Perspectiva 2 lazer interno
Fonte: Autor, 2023

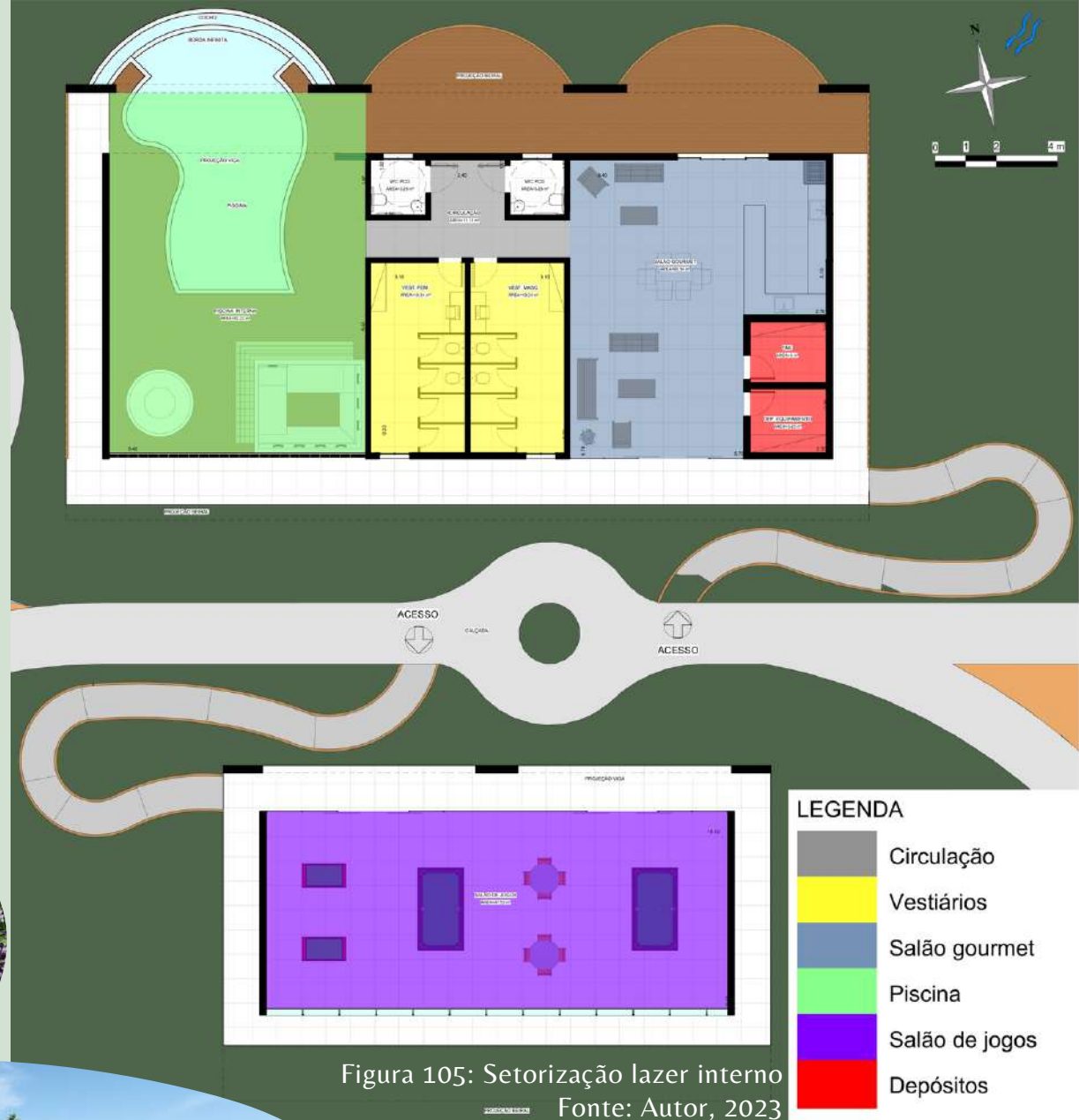


Figura 105: Setorização lazer interno
Fonte: Autor, 2023

LEGENDA	
	Circulação
	Vestiários
	Salão gourmet
	Piscina
	Salão de jogos
	Depósitos



Figura 108: Layout lazer interno
Fonte: Autor, 2023



6.5.13

CARRINHOS DE GOLFE



Devido às dimensões do projeto, notou-se que algumas distâncias seriam muito longas para serem percorridas a pé, para solucionar isto foram espalhados locais de parada para carrinhos de golfe próximos dos principais pontos, como o restaurante mirante, lobby, museu, entrada para a área dos bangalôs e guarita de acesso à trilha externa.

Na prática, os carrinhos devem auxiliar pessoas com mobilidade reduzida, gestantes, idosos, pessoas feridas em caso de acidentes e pessoas com muita bagagem a circularem pelo complexo, para isto todos os caminhos foram projetados com dimensão suficiente para que um carrinho de golfe possa circular.

6.5.14

LOJAS

A função das lojas (Figura 111), além de vender brinde para os visitantes, é servir de vetor para o turismo de base comunitária, ajudando a criar uma identidade não só ao complexo, mas para a região toda, incentivando os habitantes locais a se engajarem por meio da produção de artesanato, beneficiando o complexo e as comunidades locais.

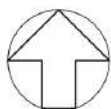
PROJEÇÃO BEIRAL



CALÇADA

PROJEÇÃO BEIRAL

Figura 111: Layout loja
Fonte: Autor, 2023



ACESSO



7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho foi desenvolver um complexo turístico em Chapada dos Guimarães - MT, uma região próxima a capital do estado onde se situa um dos mais importantes polos turísticos do estado, visando criar um ponto de referência que fosse icônico e empregasse o papel de catalizador para o turismo local, abrangendo diversos públicos-alvo, para isso foi necessário compreender o funcionamento de estruturas voltadas ao turismo no que tange o seu funcionamento e usos.

Com relação aos complexos turísticos em áreas de conservação, foi realizada uma pesquisa mais aprofundada acerca da evolução destes ao longo da história, visando entender qual a melhor maneira de integrar a natureza com as funções e atividades que um complexo turístico pode trazer, buscando atrativos que fossem relacionados à natureza, como trilhas, arvorismo, tirolesa e campo de paintball, além do uso do ambiente natural como parte das outras atividades, agregando a biofilia à experiência das pessoas.

Também foi necessário compreender quais as condicionantes legais que concernem o tema e o projeto desenvolvido, onde foi observado que há um interesse público existente na legislação de Chapada dos Guimarães para o desenvolvimento do setor turístico, tendo em vista as recentes iniciativas em transformar a região em um Geoparque Mundial UNESCO, dentre outras medidas de planejamento integrado e estratégias de divulgação, além disso foram levados como diretriz os ODS da agenda 2030, que trazem metas bastante ambiciosas, sendo muitas destas diretamente relacionadas à arquitetura e urbanismo, trazendo um panorama geral do que seria um desenvolvimento sustentável e como trazer benefícios sociais e ambientais, que foram utilizados como parâmetros para o desenvolvimento do projeto.

No que tange à avaliação de projetos de referência, foi dado ênfase naqueles que se localizam em meio à natureza e que possuem algum aspecto que reduza o impacto ambiental do complexo, tirem partido da presença de vegetação existente, possuam uma integração com a natureza ou tenham aspectos construtivos que trazem maior conforto ao usuário, sendo identificado alguns exemplos que contribuíram significativamente para a concepção do projeto e do programa de necessidades.

Diante do que fora mencionado foi elaborado o projeto arquitetônico visando explorar ao máximo as possibilidades que um complexo turístico poderia aproveitar sem causar impactos negativos no meio ambiente, pensando na experiência dos visitantes e seus possíveis perfis, buscando atender a um público mais amplo possível, além de considerar a experiência dos funcionários também, o projeto ainda leva em conta a tendência natural dos complexos turísticos de se expandirem ao longo do tempo, com a localização afastada do perímetro urbano e com acesso por uma rodovia permitindo que o complexo se desenvolva conforme a economia e a demanda local cresçam, o que provavelmente traria mais visibilidade para a região, que por sua vez traria mais desenvolvimento, podendo iniciar um ciclo que traria benefícios sociais para toda a Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Rio de Janeiro: ABNT, 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 5626: Instalação predial de água fria**. Rio de Janeiro: ABNT, 2020

BENI, M .C. **Turismo**: planejamento e gestão. São Paulo: Editora Senac, 2011.

BRASIL. **Lei nº 11.771**, de 17 de setembro de 2008. Dispõe sobre a Política Nacional de Turismo, define as atribuições do Governo Federal no planejamento, desenvolvimento e estímulo ao setor turístico; revoga a Lei no 6.505, de 13 de dezembro de 1977, o Decreto-Lei no 2.294, de 21 de novembro de 1986, e dispositivos da Lei no 8.181, de 28 de março de 1991; e dá outras providências. Brasília, DF, 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11771.htm. Acesso em: 8 Nov. 2022.

BRASIL. **Lei nº 12.651**, de 25 de maio de 2012. Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa; altera as Leis nºs 6.938, de 31 de agosto de 1981, 9.393, de 19 de dezembro de 1996, e 11.428, de 22 de dezembro de 2006; revoga as Leis nºs 4.771, de 15 de setembro de 1965, e 7.754, de 14 de abril de 1989, e a Medida Provisória nº 2.166-67, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. Brasília, DF, 2012. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12651.htm#:~:text=Esta%20Lei%20estabelece%20normas%20gerais,n%20571%2C%20de%202012\).](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12651.htm#:~:text=Esta%20Lei%20estabelece%20normas%20gerais,n%20571%2C%20de%202012).) Acesso em: 8 Nov. 2022.

BRASIL. **Lei nº 9.433**, de 8 de janeiro de 1997. Institui a Política Nacional de Recursos Hídricos, cria o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos, regulamenta o inciso XIX do art. 21 da Constituição Federal, e altera o art. 1º da Lei nº 8.001, de 13 de março de 1990, que modificou a Lei nº 7.990, de 28 de dezembro de 1989. Brasília, DF, 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9433.htm. Acesso em: 8 Nov. 2022.

BUCKLEY, R. **ENVIRONMENTAL IMPACTS OF ECOTOURISM**. WALLINGFORD: CABI PUBLISHING. 2004.

CHAPADA DOS GUIMARÃES. **Lei complementar nº 42**, de 30 de dezembro de 2010. Dispõe sobre a revisão do código de parcelamento e uso do solo do município de Chapada dos Guimarães e dá outras providências. Chapada dos Guimarães: Prefeitura Municipal, [2010]. Disponível em: <https://www.chapadadosguimaraes.mt.gov.br/Legislacao/Leis-complementares/Lei-complementar-n04220101165/>. Acesso em: 12 Mar. 2023.

CHAPADA DOS GUIMARÃES. **Lei complementar nº 43**, de 30 de dezembro de 2010. Dispõe sobre o plano diretor participativo do município de Chapada dos Guimarães. Chapada dos Guimarães: Prefeitura Municipal, [2010]. Disponível em: <https://www.chapadadosguimaraes.mt.gov.br/Legislacao/Leis-complementares/Lei-complementar-n-0432010---plano-diretor-participativo1206/>. Acesso em: 15 Mar. 2023.

CHAPADA DOS GUIMARÃES. Prefeitura Municipal de Chapada dos Guimarães. **Demografia Geografia de Chapada dos Guimarães**. Chapada dos Guimarães, MT, 2023. Disponível em: <https://www.chapadadosguimaraes.mt.gov.br/Institucional/Demografia/>. Acesso em: 5 Jun. 2023

CISNE, R.; GASTAL, S. **TURISMO E SUA HISTÓRIA: REDISCUTINDO PERIODIZAÇÕES**. UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL, 2010. 12 P.

CLIMA E CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS MÉDIAS EM CHAPADA DOS GUIMARÃES NO ANO TODO. **Weather Spark**. Disponível em: <https://pt.weatherspark.com/y/29432/Clima-característico-em-Chapada-dos-Guimarães-Brasil-durante-o-ano>. Acesso em: 7 Jun. 2023.

CUIABÁ. **Lei complementar nº 231**, de 26 de maio de 2011. Disciplina o uso, a ocupação e a urbanização do solo urbano no município de Cuiabá. Cuiabá: Prefeitura Municipal, [2011]. Disponível em: https://www.cuiaba.mt.gov.br/upload/arquivo/Uso_Ocupacao_Urbanizacao.pdf. Acesso em: 10 Abr. 2023.

EAGLES, P.F.J.; MCCOOL, S.F. **TOURISM IN NATIONAL PARKS AND PROTECTED AREAS: PLANNING AND MANAGEMENT**. WALLINGFORD: CABI PUBLISHING, 2002.

FENNELL, D. A. **ECOTOURISM: AN INTRODUCTION**. LONDRES: ROUTLEDGE. 2001.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, e. 5. 1999.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Economia do turismo**. IBGE, 2009. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/turismo/9081-economia-do-turismo.html?=&t=resultados>. Acesso em: 10 Out. 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Chapada dos Guimarães**. IBGE, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/chapada-dos-guimaraes/panorama>. Acesso em: 13 Jun. 2023.

HALL, C. M.; PAGE, S. J. **The geography of tourism and recreation**: environment, place and space. Routledge, 2014.

INSITUTO SEMEIA. **Turismo em parques nacionais e a conservação da natureza**. São Paulo, novembro de 2015. 12 p.

KREAG, Glenn. **The impacts of tourism**. Minnesota: Sea Grant, 2001. 20 p.

LEMIEUX, C. J.; EAGLES, P. F.J.; SLOCOMBE, D. S.; DOHERTY, S. T.; ELLIOTT, S. J.; MOCK, S. E. **Human health and well-being motivations and benefits associated with protected area experiences**: An opportunity for transforming policy and management in Canada. Parks, v. 18, p. 71-85, janeiro de 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/281603846_Human_health_and_well-being_motivations_and_benefits_associated_with_protected_area_experiences_An_opportunity_for_transforming_policy_and_management_in_Canada, Acesso em: 10 Out. 2022

LICKORISH, L. J.; JENKINS, C. L. **Introdução ao Turismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2000. 317 p.

MATO GROSSO. **Decreto nº 97.656**, de 12 de abril de 1989. Cria, no Estado de Mato Grosso, o Parque Nacional da Chapada dos Guimarães, e dá outras providências. [1989]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1980-1989/D97656.htm#:~:text=D97656&text=DECRETO%20No%2097.656%2C%20DE,que%20lhe%20confere%20o%20art. Acesso em: 8 Nov. 2022.

MATO GROSSO. **Lei complementar nº 609**, de 28 de dezembro de 2018. Institui o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá - PDDI/ RMVRC, e dá outras providências. Cuiabá: Câmara Municipal, [2018]. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/mt/lei-complementar-n-609-2018-mato-grosso-institui-o-plano-diretor-de-desenvolvimento-integrado-da-regiao-metropolitana-do-vale-do-rio-cuiaba-pddi-rmvrc-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 8 Nov. 2022.

MATO GROSSO. **Lei nº 10.183**, de 18 de novembro de 2014. Dispõe sobre a Política Estadual do Turismo e dá outras providências. Cuiabá: Câmara Municipal, [2014]. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/mt/lei-ordinaria-n-10183-2014-mato-grosso-dispoe-sobre-a-politica-estadual-do-turismo-e-da-outras-providencias?q=ambiental>. Acesso em: 8 Nov. 2022.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico. **Empregos gerados no turismo** - MT. Cuiabá, MT: Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, 2019.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico. **Saldo de empregos no turismo** - MT. Cuiabá, MT: Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, 2019.

DADOS HISTÓRICOS SIMULADOS DE CLIMA E TEMPO PARA CHAPADA DOS GUIMARÃES. **Meteoblue**. Disponível em: https://www.meteoblue.com/pt/tempo/historyclimate/climatemodelled/chapada-dos-guimaraes_brasil_3466307. Acesso em: 7 Jun. 2023.

O MATO-GROSSENSE PRECISA CONHECER MATO GROSSO E O GOVERNO ESTÁ INVESTINDO NISSO afirma secretário adjunto de Turismo Jefferson Moreno. **JB News**, 14 de março 2021. Disponível em: <https://jbnews.com.br/o-mato-grossense-precisa-conhecer-mato-grosso-e-o-governo-esta-investindo-nisso-afirma-secretario-adjunto-de-turismo-jefferson-moreno/>. Acesso em: 7 Set. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento e Meio Ambiente Humano**, 1972. Disponível em: <https://cetesb.sp.gov.br/proclima/conferencias-internacionais-sobre-o-meio-ambiente/estocolmo/>. Acesso em: 8 Nov. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Convenção para a proteção do património mundial, cultural e natural**, 1972. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjHss3uy7n7AhUOpZUCHXP9BbIQFnoECEQQAQ&url=https%3A%2F%2Fwhc.unesco.org%2Farchive%2Fconvention-pt.pdf&usg=AOvVaw3DAP95VSxVxEgKCPmljwE3>. Acesso em: 8 Nov. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Objetivos de desenvolvimento sustentável, 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/>. Acesso em: 8 Nov. 2022.

REJOWSKI, M.; SOLHA, K. T. Turismo em um cenário de mudanças. São Paulo: Aleph, 2002.

SANCHO-PIVOTO, A.; RAIMUNDO, S. **As contribuições da visitação em parques para a saúde e bem-estar**. Revista Brasileira De Pesquisa Em Turismo, São Paulo, v. 16, e. 2546, abril de 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.7784/rbtur.v16.2546>, Acesso em: 10 Out. 2022

SILVA, L. S.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Manual de orientação. Florianópolis, 2000. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/2367267/DA-SILVA-MENEZES-2001-Metodologia-da-pesquisa-e-elaboracao-de-dissertacao> Acesso em: 7 Set. 2022.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Basics of qualitative research**. Thousand Lage Daks: Lage Publications, 1990. 267 p.